Sobre Eco-
nomia política
e nacional c/ re-
ferências ao Brasil,
India e Monomotapa
(Rodésia)

DO SITIO DE LISBOA

SUA GRANDEZA, POVOAÇAÕ, E COMMERCIO, &c.

DIALOGOS

DE

LUIZ MENDES DE VASCONCELLOS

Reimpressos conforme a Ediçaõ de 1608. Novamente correctos, e emendados.

LISBOA

Na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno.

M. DCC. LXXXVI.

Com licença da Real Mesa Censoria.

AOS LEITORES.

HE taõ natural a todos os homens o amor da Patria, que quando naõ tivera outras razões, esta só me podia obrigar a escrever os presentes Dialogos, e muito mais quando as eleições que fizeraõ alguns Principes antigos, e outros de nossos tempos, de alguns sitios, para sustentar nelles o pezo de seus Imperios, e a approvaçaõ que para o mesmo faz Claudio Ptolomeo do monte Argentario, como duro estimulo, fazem força a todo o entendimento, que conhece as excellentes qualidades do sitio de Lisboa, para que naõ consinta que fiquem em silencio sendo por ellas mais digno que todos de huma alta consideraçaõ. Mas ainda para isto se me offereceraõ outras razões muito mais forçosas; porque entendendo quanto convem a esta Monarchia voltar Sua Magestade todo o seu entendimento ás cousas do mar, e que todas se faraõ melhor com a sua presença, e que esta Cidade com ella receberá grandissima utilidade, pois quando naõ tiver outra, basta a de servir o seu Principe aonde elle veja o seu fidelissimo animo: pareceo-me que seria cousa utilissima mostrar, como a Cidade de Lisboa he máis apta para as cousas do mar, a respeito desta Monarchia, que outra alguma, e que nella terá abundantemente a Corte de Sua Magestade naõ só tudo o que para sustento commum he

neceſſario, mas as mais precioſas couſas do Mundo, e ElRei as melhores recreações, que ſe podem dezejar, para que por todas eſtas razões ſe conheça, que eſta Cidade he mais digna que todas, da ſua aſſiſtencia. E para que eſte meu intento podeſſe conſeguir o fim que pertendo, entendi, que o melhor modo, era fazer commum a todos por meio da Impreſſaõ, eſtes Dialogos, porque andando de maõ em maõ, póde ſer que cheguem á de algum nobre, e generoſo Eſpirito, q̃ eſtime manifeſtar a Sua Mageſtade o que de utilidade, e juſto deleite lhe offerece o ſitio de Lisboa; e aſſim, obrigado da commum conſervaçaõ, e augmento de ſeus Eſtados, e das recreações, que neſta Cidade tem, para alliviar o pezo do governo delles, podeſſe ter por certo (ſe Deos por ſeus occultos juizos o naõ eſtorvar) que eleja eſte ſitio, e Cidade para ſua aſſiſtencia. E quando iſto naõ ſucceda, Sua Mageſtade, eſta Cidade, e Reino me ficaráõ na obrigaçaõ de procurar, do modo que poſſo, eſte commum beneficio; e deſte conhecimento ſe póde inferir o animo com que procurarei outros maiores, como (ſẽdo Deos ſervido) ſe verá cedo muito mais claro, mandando á preſença de todos a Arte Militar, que ha dez annos que tenho compoſto, de que ſe receberá grande utilidade, enſinandoſe por arte o que agora confuſamente ſe ſabe. E elegí para moſtrar o ſitio de Lisboa a compoſtura de Dialogo, porque a deleitaçaõ della faça receber a utilidade do conceito. E ſer todo

do huma narraçaõ, naõ deve parecer novo modo de efcrever; porque o livro que Achilles Efitaço compoz dos amores de Leucippo, e Clitophonte, obra muito engenhofa, e eftimada, todo he huma narraçaõ; e do mefmo modo o Dialogo de Plataõ, intitulado Phedon, ou da Immortalidade da alma, he tambem huma narraçaõ que Phedon faz a Echecrates, do que Socrates fallou, depois que lhe deraõ a nova, que aquelle dia havia de morrer, difputando com os que o acompanhavaõ. Os nomes das peffoas do Dialogo poderáõ fazer alguma duvida, parecendo que haviaõ de fer nomes proprios, e de homens conhecidos, como fizeraõ todos os que mais doutamente efcreveraõ Dialogos, que Plataõ introduz a Socrates, Alcibiades, e aos mais doutos, e nobres Athenienfes do feu tempo. E Xenophonte no Dialogo do Principe a Hieron Rei de Sicilia, e a Simonides homem eruditiffimo, e Cicero a Scipiaõ, e a outros Romanos taõ conhecidos como elle; mas a differença dos tempos defculpa efta dos Dialogos; porque quando eftes homens efcreveraõ, eraõ taõ eftimadas as boas artes, que fe reputava por honra amparallas, e favorecellas; e agora que faõ desfavorecidas, e defprezadas, deve-fe tambem mudar o eftilo na introducçaõ das peffoas, que haõ de tratar dellas; e affim deixando os nomes proprios, em lugar delles me valho das profiffões neceffarias para o que nefte Dialogo fe ha de tratar, e no que tras elle fe seguirá de Materias Politicas.

DIA-

DIALOGOS
DO
SITIO DE LISBOA.

Politico. Filosofo. Soldado.

NOS ultimos annos, que estive em Evora, viveo nella hum Fidalgo, que continuára a Corte d'ElRei D. Joaõ, douto em Letras humanas, e em algumas Artes de estima; e sendo eu moço, e inclinado a estas cousas, o desejo dellas, ajudado com o fervor da idade, me fazia visitallo muito continuamente: e como elle conhecesse em mim esta natural inclinaçaõ, naõ só soffria minhas importunas perguntas, mas (como quem bem entendia quam grande thesouro he saber) respondia a ellas, naõ conforme á capacidade dos meus annos, mas á do seu entendimento, e liçaõ. Hum dia o achei com Abraham Ortelio nas mãos; o que me deu occasiaõ para lhe perguntar, que Cidade de Europa, por sitio se avantajasse das outras? E respondendo-me, que Lisboa, duvidei, como

quem

quem entendia pouco deſtas couſas, parecendo-me que o natural amor da Patria lhe fazia ter eſta opiniaõ: pelo que no meu animo muito lha eſtranhei, entendendo, que naõ convinha a hum homem adornado de annos, experiencia, e letras, julgar de nenhuma couſa com paixaõ. E aſſim lhe reſpondi, com a maior modeſtia que pude: Que eſtimava muito ſer tal o ſitio de Lisboa, que ſe avantajaſſe a todos os da Europa; mas que ſe me foſſe neceſſario dizer iſſo a algum Eſtrangeiro, que tiveſſe a meſma opiniaõ da ſua Patria, como lho provaria, eſtando Lisboa nos eſtreitos limites do noſſo Reino, quando outros ſitios da Europa tem, e tiveraõ em ſi grandiſſimas Cidades, e Cabeças de grandiſſimos Imperios? E elle conhecendo a força, que me fazia, para me naõ oppor direitamente á ſua opiniaõ, ſorrindo-ſe, me reſpondeo com alegre aſpecto, e brandas palavras, como quem deſejava enſinar-me, e naõ reprehender-me: que naõ tiveſſe por nova eſta ſua opiniaõ, porque havia muitos annos que ouvira em prova della huma pratica a tres homens dos mais nobres, graves, e doutos em ſuas profiſſões da noſſa Terra: E eu com fervoroſo deſejo de ſaber, me adiantei, pedindo-lhe efficaciſſimamente, que pois com eſta pratica alcáçaria o que lhe perguntava, que ma naõ dilataſſe mais; e elle como quem o deſejava, começou logo deſte modo.

Eſtando ElRei Dom Joaõ alguns dias, como coſtumava, para ſua recreaçaõ no Moſteiro de Bethelem, os Fidalgos que continuavaõ a Cor-

Corte, assim Cortezãos, como Ministros, aproveitando-se da occasiaõ tambem se entertinhaõ mais quietamente, gozando da formosura daquelle sitio. Hum dias destes, indo com esta intençaõ ao eirado, que está no fim do dormitorio, para gozar a vista da Barra, Rio, Praia, e Pomar, que delle se descobrem, achei assentados nelle tres Fidalgos, das qualidades que tenho dito, os quaes me fizeraõ lugar aonde estavaõ, e despois de assentados, começaraõ a disputar do modo que agora vos contarei, introduzindo as mesmas pessoas, como fallavaõ, e respondiaõ, porque assim serei mais breve, e claro. Naõ lhe darei os nomes proprios, porque vos naõ pareça que com elles quero authorizar o que disser; mas nomeallos-hei pelas prosissões; e a hum, que era do Conselho d'ElRei, chamarei Politico, e a outro, que foi dos bons Capitães que teve este Reino, Soldado; e a outro chamarei Filosofo, porque em todas as Sciencias foi doutissimo. E começando o Politico, este foi o principio da sua pratica.

Polit. Cõsiderando muitas vezes, que saõ mais poderosos os Principes, que tem a força do seu Estado junta em huma grande, populosa, e bastecida Cidade, que naõ aquelles, cujo Senhorio he dividido em muitas, e pequenas Povoações, abraçando hum grande destricto, summamente me deleito em ver taõ grande esta nossa Cidade de Lisboa, e me maravilho do muito que tem crescido, depois que nossos progenitores a ganharaõ aos Mouros.

Fil.

Fil. Muita razaõ tendes de vos deleitar, vendo a grãdeza de Lisboa; porque (como dizeis) mais poderoſa he huma Cidade grande, que muitas pequenas: que a virtude unida tem maior força: e aſſim ſe lê que as Cidades, que creſceraõ em povo, creſceraõ em ſenhorio, como Athenas, e Roma. E por iſſo Plutarco (1) louva tanto recolher Theſeo na Cidade de Atlhenas todas as Gentes, que á roda della habitavaõ em pequenas povoações, aonde diz eſtas palavras muito a noſſo propoſito: Querendo elle accreſcentar muito mais as forças da Cidade, reduzio todos os homens a huma meſma igualdade de vida, para o que diz que foi eſte o decreto: *Todos os póvos venhaõ cá.* E aſſim ajuntando em hum ſó corpo de Cidade eſtes pequenos póvos, que ſeparados eraõ fracos, fez aquella grande Cidade, que depois teve taõ grande imperio, como ſe lê nas Hiſtorias Gregas. Roma ſe fez poderoſa, ajuntando a ſi outros póvos, e os Carthaginenſes (2) quando quizeraõ emprẽder maiores couſas, edificaraõ maior Cidade, ficando-lhe a antiga Birſa por fortaleza.

Sold. Eu fôra de contraria opiniaõ, ſe naõ tivera contra mim as voſſas; porque as Cidades grandes naõ podem ſer bem governadas, que na grande multidaõ ordinariamente ha grande confuſaõ, e a grande confuſaõ cauſa deſordens, e as Cidades onde as ha, naõ podem ſer taõ poderoſas, como as bem ordenadas,

(1) Plutar. Vir. ill. (2) Apian. Bell. Punic.

das, e a falta dos mantimentos, que em maior povo he maior, sempre diminue grandemente o poder.

Polit. A presença dos superiores he hum grãde freio dos subditos, e o exemplo das suas virtudes huma agudissima espora que as faz seguir, até dos mais froxos, e negligentes: e porque na Cidade grande está a presença do Principe diante de todos, será muito melhor governada, que se em pequenas, e apartadas povoações fora dividida, naõ podendo elle residir em todas: donde tambem se segue o damno dos Ministros, que as outras governarem, se naõ forem os que devem: E em hum mesmo terreno, huns mesmos habitadores melhor se sustentaráõ estando juntos em huma só povoaçaõ, que separados em muitas; porque nenhum Povo tem todas as cousas que ha mister, sem lhe virem algumas de fóra, as quaes acodem melhor a huma grande povoaçaõ que ás pequenas: e assim vemos que nas Cidades grandes tudo sobeja, e nos pequenos Póvos as mais das cousas faltaõ. Pelo que (como disse) he mais poderoso o Principe Senhor de huma grande Cidade bem bastecida, que se de pequenas fora todo o seu Estado: E digo bem bastecida; porque se os que a governaõ, forem negligentes em a prover das cousas necessarias para a paz, e para a guerra, diminuirá muito a força, que se podia esperar da sua grandeza.

Fil. Dizeis muito bem, em ter por mais poderosa huma Cidade grande, que muitas pequenas

nas de igual numero de habitadores, e ainda que maior, como naõ exceda exceſſivamente; mas naõ vos deveis maravilhar de Lisboa ter creſcido tanto; porque as qualidades do ſeu ſitio, naturalmente ſaõ cauſa, naõ ſó de ſeu augmento, mas a fazem mais capaz, que todas as Cidades do Mundo, para ſer cabeça de hum grande Imperio, e fazer grandiſſimas Conquiſtas.

Polit. Muito eſtimo ouvir-vos iſto; porque ainda que eu naõ conſiderava Lisboa com tanta reputaçaõ, terde-la vós neſta, me aſſegura que a merece.

Sold. Grandes Cidades teve o Mundo, e de boniſſimos ſitios, por razaõ dos quaes foraõ grandes, e poderoſas: e aſſim parece que vos obrigais a mais do poſſivel, em adiantar de todas, por razaõ do ſitio, a de Lisboa.

Fil. Naõ digo couſa que naõ haja de provar com evidentiſſimas razões.

Polit. Couſa he eſſa, que ſummamente eſtimarei ouvir; porque além de me obrigar a iſſo o conceito em que todos tem as voſſas opiniões, ſempre he deleitoſo a todos os homens ouvir ſimilhantes couſas da ſua Patria: E tanto mais me deleitaráõ as que vós diſſerdes, em prova de ſer Lisboa antepoſta, por razaõ do ſitio, a todas as Cidades do Mundo, quanto ſendo ditas por vós, ficaõ mais qualificadas, e aſſeguraõ mais a boa opiniaõ, que quereis que tenhamos de Lisboa.

Sold. E eu quanto mais difficultoſa me parece

rece de provar esta opiniaõ, tanto mais desejo ver os fundamentos que para isso tendes.

Fil. Em algumas das cousas creadas poz Deos certas disposições, que as fazem aptas a dominar, e lhe daõ hum certo imperio sobre as outras da mesma especie, como o Sol, que pela dignidade da sua luz, e pelo poder que tem de alumiar as outras Estrellas, he como Rei dellas: e no homem, que he huma similhança do Mundo, como diz Plataõ (1) no Timeo, pelo que os antigos lhe chamaraõ Mundo pequeno, tambem ha partes com taõ particulares disposições, que parece que as fez Deos, para dominar as outras, como a cabeça aonde nos poz a razaõ, que domina as mais partes da alma, e a respeito do corpo tem o mais eminente lugar: pelo que (como diz Plataõ) (2) he Principe de todos os outros membros, e temos nella os olhos, que saõ guia de todas nossas acções; e assim pelo beneficio, que delles recebemos, e pela sua particular virtude, que parece mais espiritual potencia, que sentido corporal, tem huma certa excellencia, com que ficaõ superiores as mais partes do corpo. E considerando os Filosofos, e Geografos, a esta similhança o Mundo, fazem do Oriente a maõ direita, do Occidente a esquerda, e do Polo Arctico a cabeça; e a este respeito, Europa está na parte superior, presidindo ás mais, como cabeça de todas: pelo que os Geografos del-

---

(1) Plat. Tim. (2) Idem.

della começaõ a defcripçaõ defte corpo do Mar, e Terra, como a principal parte delle; e affim Eftrabo (1) dá principio á particular defcripçaõ da fua Geografia, dizendo, que fe deve começar de Europa, porque excede ás mais partes do Mundo. E feparando Europa dellas, os que affim a confideraõ, a fazem fimilhante a hum Dragaõ, fegundo a fituaçaõ das fuas partes, do qual Hefpanha he a cabeça, e nella eftá Lisboa, no lugar dos olhos, moftrando que ella deve fer guia, e luz das mais partes da Europa; pois naõ fó na collocaçaõ tem o lugar dos olhos, mas tambem no effeito fe lhe deve a mefma fimilhança; porque affim como os olhos faõ como portas, ou janellas da alma, por onde tem noticia das coufas fenfiveis, efta nobiliffima Cidade eftá na foz do Tejo, e mettendo elle as fuas agoas no Mar Oceano, he a fua foz, como porta a toda Efpanha, e a toda Europa, por onde recebem as Nações della noticia de muitas coufas, que nefte grandiffimo Mar até noffos tempos, eftiveraõ efcondidas; e affim por ella entrou a noticia, e conhecimento de muitos Portos, Ilhas, Promontorios, Reinos, Provincias, e Nações, de que fe naõ fabia. Pelo que affim pela collocaçaõ do fitio, como pelas mais difpofições, deve efta Cidade fer preferida a todas as outras da Europa, e pelo confeguinte, a todas as do Mundo. E affim a ella mais que a todas

(1) *Eftrab.* lib. 2.

das convem fazer grandes Conquiſtas, e ter o imperio de grandiſſimas Provincias. E he couſa clara, que os ſitios da terra, a reſpeito das partes do Mundo, e de ſi meſmo, ſaõ huns mais aptos que outros, para eſtar nelles a cabeça do Imperio; porque a diſpoſiçaõ que tem de poder mandar com facilidade a diverſas partes, grandes Exercitos, e poderoſas Armadas, a reſpeito do Mundo lhe dá eſta preferencia, e a reſpeito de ſi meſmo, a ſaude do clima, e dos ares, a fertilidade dos campos, a ſegurança do ſitio forte, a natureza dos homens, e a frequentaçaõ do commercio. Porque a Cidade, que naõ eſtiver em ſitio commodo para mandar a diverſas partes os ſeus Exercitos, e Armadas, naõ póde ſenhorear eſtrangeiras Nações, como deve fazer, a que for Cabeça do Imperio: e como naõ póde huma Cidade chegar a eſta grandeza, ſem lhe ſer neceſſario ſuſtentar copioſiſſimo povo, tambem o ſitio, que naõ tiver as commodidades para iſſo neceſſarias, nunca ſerá capaz della; e ainda que tenha tudo iſto, ſe lhe faltar a natural diſpoſiçaõ dos homens, apta a vencer, e governar, naõ poderá alcançar eſta dignidade; e ſe a alcançar, naõ a conſervará muito tempo; para o que tambem lhe he neceſſario ſer o ſitio forte por natureza, e arte, como em ſeu lugar direi. Conſiderando todas eſtas couſas, julgaraõ os antigos Romanos, que ſó tres ſitios, tirando o de Roma, havia no Mundo capazes de poder ſuſtentar o Imperio, os quaes eraõ,

como

como ſe vê na Oraçaõ, que Cicero (1) fez ao Povo contra Rulo, ſobre a Lei Agraria, Carthago, Corintho, e Capua; e deſpois no tempo de Conſtantino, ſe entendeo o meſmo de Conſtantinopla; porque (como diz Zoſimo) (2) tendo Conſtantino determinado de naõ viver em Roma, e buſcando hum ſitio capaz do ſeu grande Imperio, deixando os fundamentos que tinha já lançado junto do antigo Ilion, veio edificar a grande, e nobilliſſima Cidade de Conſtantinopla, que perdeo dalli por diante o antigo nome de Biſancio. E ſe aſſim he que a collocaçaõ de ſitio, e as mais qualidades, e diſpoſiçóes neceſſarias, para ſuſtentar huma grande Cidade, a fazem capaz de ſer cabeça do Imperio; qual Cidade teve, ou tem o Mundo, a que iſto mais convenha, que a Lisboa? E conſiderando-a com as Cidades referidas, que os antigos tinhaõ por capazes do Imperio, ſe verá mais clara a verdade deſta minha opiniaõ. De dous modos ſe conſideraõ (como diſſe) os ſitios capazes deſta grandeza, ou a reſpeito do Mundo, ou de ſi meſmo. A reſpeito do Mundo, conſideraremos, ſe Lisboa tem mais commodidades, que as Cidades referidas, para ter o commercio de mais Naçóes, e mais ricas, e para mandar as ſuas Armadas, e Exercitos a todas as partes do Mundo; e a reſpeito de ſi meſma, ſe he mais ſá, e habitada

(1) Cicero contra Rul. (2) Zoſim. na vid. de Conſtantin.

da de homens de melhor natureza, mais provída das cousas necessarias á vida, e mais apta a se defender, sendo-lhe necessario, como foi muitas vezes a todas estas Cidades, que tenho dito.

Considerando a Cidade de Lisboa, a respeito das partes do Mundo, nenhuma das referidas lhe faz vantagem; e naõ errará quem affirmar que a todas excede; porque ella está situada no mais occidental da Europa, tendo diante de si o grande Oceano, o qual entrando pela terra, faz huma larga Enseada, que termina no Cabo de Finis Terræ pela parte do Norte, e pela do Meio dia no de S. Vicente, ficando estes dous Promontorios como duas Balisas da sua grandeza, mostrando com a larga porta, que abrem ao Mar, que toda a abundancia do Mundo deve entrar por ella. No meio desta Enseada acaba o Tejo seu curso, e duas legoas da foz delle está Lisboa, da qual sahindo para o Meio dia, se póde correr com muita facilidade toda a Costa da Africa, que banha o Mar Athlantico, e embocando pelo Estreito do Mediterraneo todo aquelle Mar, e da parte do Norte, em brevissimo tempo se navega toda a Costa de França, Bretanha, Flandes, e Alemanha, e as mais Ilhas deste Mar; e defronte della está a terra novamente descuberta, taõ rica, como o Mundo todo sabe; e alargando a Navegaçaõ, que Mar, que Porto, que Costa ha em toda a Africa, e Asia, que naõ naveguem os Navios de Lisboa, tendo aos mais del-

 les

les chegado as noſſas Armadas, com proſperos ſucceſſos? E ajuntando a eſta facilidade de navegaçaõ o ſeguro, e capaciſſimo porto, e a innumeravel gente, que neſta Cidade habita, e a muita que concorre a ella de todas as partes, he taõ frequentada dos Mercadores, que por ſeus commodos, e proveitos navegaõ de humas partes em outras, que naõ ſei nenhuma de tanto commercio, e trato. E ſe quizer mandar Exercito por terra a alguma das Provincias vizinhas, a qual dellas o mandará, aonde com a Armada do Mar o naõ poſſa ſeguir? que he huma grande ſegurança, e a maior commodidade, que póde ter hum Exercito de terra, ſer favorecido das commodidades do Mar. Vejamos agora, ſe alguma das terras, que os antigos conſideravaõ capazes do Imperio, tem, ou teve eſta facilidade de navegar para todas as partes do Mundo, e tanto commercio. E começando por Carthago, eſtava eſta Cidade, na Provincia Zeugitana, que propriamente ſe chama Africa, ſegundo Plinio (1), aſſentada (como diz Eſtrabo) (2) no ſeio que o Mar faz entre os Promontorios de Apollo, e Mercurio, e o meſmo ſitio lhe dá Plinio. Podiaõ navegar as Armadas deſta Cidade o Mediterraneo, mas naõ o Oceano, porque naõ tinha porto capaz de grandes embarcações. E tirando a Cidade de Carthago, naõ havia outra couſa naquella Provincia, que obrigaſſe os Eſtran-

(1) Plin. liv. 5. cap. 4. (2) Eſtrab. lib. 17.

trangeiros ao trafego da mercancia; por ser toda a gente dos seus confins rustica, e pobre, vivendo os Numidas em tendas, sem lugar certo; e assim podia ter pouco mais commercio, que o dos seus naturaes, nem podiam commerciar nella as grandes Nações do Oceano. Roma está em Italia, no antigo Lacio, dezeseis milhas da foz do Tibre. O seu porto tem pouca mais commodidade, que o de Carthago, porque naõ póde receber muitas, nem grandes embarcações; e por isso (como diz Plutarco) (1) determinava Cesar de metter o Aniene, e o Tibre, despois que sahe de Roma, em huma profunda cava, e levallos assim até Terracina, onde entrando no Mar, dariaõ commodidade, e segurança aos Mercadores. O seu territorio he pouco habitado; e assim como deixou de ser assento dos Imperadores, diminuio muito a sua grandeza; por onde se vê, que do sitio lhe naõ podia vir; porque se tivera taõ opportunas commodidades, como Lisboa, quando como ella cresce, naõ crescera, sustentara-se no estado em que os Imperadores a deixaraõ, naõ lho impedindo o damno que de algumas barbaras Nações recebeo; e se agora naõ tivera a Corte do Summo Pontifice, reduzira-se a huma pequena Povoaçaõ, e nem com ter em si esta Corte, he hoje muito grande: mas em Lisboa (como se verá continuando esta pratica) só o sitio he causa de crescer em fabricas, e grandeza. Capua está na Provincia de Campania,

(1) *Plut. Vidas illust.*

dezefeis milhas da Cidade de Napoles, que he hum dos portos, que lhe ficaõ mais perto, e como em fi naõ tem nenhum, nem os vizinhos faõ muito capazes nefta parte, naõ póde vir em comparaçaõ com os fitios, a que naõ falta efta commodidade de portos de Mar, fem a qual he impoffivel crefcer nenhuma Cidade em potencia, e grandeza; porque (como diz Xenofonte) (1) mais facilmente fe póde ganhar Principado por mar, que por terra. Corintho teve belliffimo fitio, e digno de hum grande Imperio; mas naõ faz vantagem ao de Lisboa, antes lhe cede em muitas coufas. He Cidade da Provincia, a que os antigos chamaraõ Achaia, e agora chamamos Morea, affentada no Ifthmo, ficando-lhe nas coftas toda a Provincia de que ella he chave, e deféfa. Tem dous pórtos de huma, e outra parte do Ifthmo: hum, a que Eftrabo chama Cenchrea, difta della fetenta eftadios, o qual ferve para o commercio de Afia; e ao outro q̃ eftá pegado á Cidade, chama Lechæum, do qual fe navega para Italia. E affim naquelles Mares naõ podia haver melhor fitio affim para o Commercio, como para as Armadas, que para Grecia, Afia, e Italia quizeffem mandar. Pelo que affirmaõ todos os que della trataõ, que foi huma chave de Grecia, excellente por fitio, eftando entre o Mar Ionio, e o Archipelago, e por riquezas, ajuntando-fe nella de todas as partes muitos Mercadores; mas ainda com todas eftas commo-

(1) *Xenop. libr. 6. dos feitos dos Gregos.*

modidades, e diſpoſições, naõ ſe póde comparar com Lisboa; pois he impoſſivel fazeremſe della as navegações do Mar Oceano, que tanto excedem a todas as outras; nem os portos ſaõ taõ capazes, como o de Lisboa; mas conforme a diſpoſiçaõ daquelles Mares, he aptiſſima a ſe enriquecer, e aſſim (como ſe vê em Eſtrabo) (1) todos lhe daõ o appellido de rica. Conſtantinopla parecerá a muitos (e naõ com pouca razaõ) que naõ he inferior nas qualidades do ſitio a Lisboa, porque tem algumas couſas eſplendidiſſimas. Eſtá em huma Peninſula de Thracia, cercada do Porpontide, e adonde ſe paſſa delle ao Mar Euxino, tendo antes que ſe entre no Porpontide, outro Eſtreito entre Seſto, e Abido, por onde o Mar Egeo ſe communica com elle, de modo que fica na boca de dous Mares, á qual chamaraõ os antigos Boſphoro; e aſſim para ambos com facilidade póde navegar, gozando do trato, e commercio de todas as Cidades, que eſtaõ nas ſuas praias; mas he eſta taõ pequena navegaçaõ, a reſpeito da que Lisboa faz, e pode fazer, que ſe naõ póde pôr duvida na muita vantagem, que o ſitio de Lisboa neſta parte lhe faz; porque todo o Euxino Ponto naõ tem de comprido (ſegundo Eſtrabo) mais de tres mil e oitocentos eſtadios, que ſaõ cento e vinte ſeis legoas, e de largo dous mil eſtadios, que fazem ſeſſenta e ſeis legoas, e o Porpontide he quaſi como hum canal. Sahindo del-

(1) Eſtrab. lib. 8,

delle, se póde navegar o Mar Egeo, e correr todas as praias do Mediterraneo. Mas a todas estas commodidades excedem as do sitio de Lisboa; porque este Rio, que lhe fica como a Constantinopla o Mar Euxino, a provê com muita facilidade, e abundancia, e no commercio das Nações estrangeiras (como se vê do que já disse) lhe faz muita vantagem; pois Constantinopla naó póde ter o trafego do Oceano, nem aquelles Mares se deixaó navegar de grandes Navios. E assim na grandeza das navegações, e commercio, excede muito Lisboa ás Cidades referidas, pois nem com tantas, nem taó ricas Provincias podem commerciar. E do mesmo modo as suas Armadas saó de muita mais importancia, do que podem ser as de todas estas Cidades; pois commodamente se póde servir de Navios d'alto bordo, e de Galés, segundo lhe for necessario, e de Navios de maior porte, que outra alguma Cidade, pela largueza, e capacidade do Mar em que navegaó, e pela commodidade do porto capacissimo para recolher grandes Navios, e innumeravel copia delles. E considerando mais particularmente, o commercio de Lisboa, que Cidade teve o Mundo, em nenhuma idade, que nisto se igualasse com ella? Huma das Cidades, que pelo commercio mais se enriqueceo, e subio a maior grandeza, foi Jerusalem no tempo de *Salomaó*, que diz a Escritura Sagrada (1), que era em Jerusalem tanta

(1) Reg. lib. 3. cap. 4.

ta a abundancia de prata, como de pedras, e de perfeitissimo cedro, como dos sabugueiros, que nascem pelos seus campos. Segundo Josepho (1), e a Escriptura Sagrada, a sua maior riqueza era a prata, e ouro, que trazia cada tres annos a Salomaõ huma frota (2) que mandava a Ophir, ou Tharsis, que com estes nomes chama a Escriptura ao lugar donde este ouro vinha. E deixando as difficuldades, que a todos se representaõ, quando querem entender a situaçaõ de Ophir, o que nesta armada traziaõ a Salomaõ, eraõ quatrocentos e vinte Talentos (os quaes, se eraõ communs, valiaõ reduzidos á nossa moeda, duzentos sessenta e dous mil cruzados, e sendo Syriacos seiscentos trinta mil e quinhentos) e muitas cousas aromaticas, pedras preciosas, marfim, e madeira para instrumentos musicos. Considere-se agora o que vem a esta Cidade da India Oriental de drogas, ambar, perolas, e pedras preciosas, e outras cousas de grande estima, e o ouro da nossa Mina, e ver-se ha que excede grandemente ao que podia importar a frota de Salomaõ; porque só os direitos de cada náo, sem a pimenta, importaõ cada anno a ElRei quarenta e cinco contos, e do que importa o ouro da nossa Mina, temos boa prova na Casa da Moeda, onde sempre se está batendo, e cunhando. Mas isto he ainda cousa de nenhuma consideraçaõ, respeitando o muito maior commercio, que póde ter, de que por nossa negli-

(1) Joseph. l. 8. c. 7. (2) Reg. l. 3. c. 9. 10.

gligencia nos naõ aproveitamos. Que cousa ha no Mundo, que se possa comparar com o commercio do Monomotapa, donde por muito pouco preço, e por vilissimas cousas se resgata grande quantidade de ouro, e donde naõ he necessario fazer conquistas, nem aventurar Exercitos, para trazer a esta Cidade frotas carregadas de prata, e ouro; porque para isso bastaõ as cousas, que entre nós saõ de menos estima. Pois o Brasil naõ he esteril de prata, e ouro; e eu sei de pessoas, que o tem visto, e attentamente considerado, que lhe naõ faltaõ estas cousas, sendo a terra fertilissima, e de bonissimos ares; de modo, que se tratarmos delle, como pedem as suas qualidades, póde-se fazer nelle hum grande Reino, que a este fora utilissimo, estando em distancia, que se poderá hum a outro dar a maõ nas necessidades que occorrerem. E assim, que Cidade teve nunca o Mundo em nenhum tempo, que pudesse, como Lisboa, sujeitar grandissimas Provincias, e enriquecer-se com o commerciò de riquissimas Nações, fazendo-se a mais poderosa de todas as que foraõ, e podem ser.

Sold. Disso temos clara prova na conquista da India, pois nunca Cidade fez outra maior, nem mais gloriosa?

Fil. Assim he, que nella se mostra muito mais, que em outra alguma cousa, a bondade deste sitio, pois esta Cidade se naõ diminue, e enfraquece com os damnos, que recebe da conqiusta da India.

Sold.

Sold. Isso naõ soffrerei que se diga ; porque nem este Reino , nem outro algum do Mundo, acabou nunca empreza de que tanta gloria , e reputaçaõ ganhasse , como Portugal , com a naõ esperada conquista da India ; porque quanto as acções saõ de maior admiraçaõ , tanto maior gloria se ganha com o bom successo dellas ; e assim como esta conquista he de grande admiraçaõ para todo o Mundo , assim ganharaõ os Portuguezes com ella o glorioso nome , que merece o grande valor que nella mostraraõ , acabando com elle , o que nenhuma Naçaõ de Europa em nenhum tempo alcançou , ainda que o procurasse.

Polit. Naõ há muitos dias, que dei a Sua Alteza hum papel , sobre a conquista da India : e assim eu vos quero responder ; porque nelle sigo contraria opiniaõ da vossa , parecendo-me que esta conquista he causa de muitos damnos a este Reino , e Cidade de Lisboa ; e assim , respondendo á vossa opiniaõ , digo : que aos Estados importaõ muitas cousas mais que a gloria de animosos feitos ; porque como se ha de olhar mais o que convem á sua conservaçaõ , que todas as outras cousas , tirando a Fé, quando este nome vaõ de gloria impedir o que para este fim convem , naõ se deve fazer nenhuma estima delle ; porque a honra , e gloria , que se naõ póde conservar , fica em maior deshonra , e abatimento , quando se perde ; que quem do mais alto cahe dá maior queda. E porque eu temo que a India venha no decurso

do

do tempo a nos consumir os homens, e póde ser que o dinheiro, sendo necessario soccorrella com grossas Armadas; e sendo estas duas cousas, homens, e dinheiro, aquellas, sem as quaes os Estados se podem mal sustentar, digo, que fora mais util naõ se intentar a conquista da India.

Sold. O homem esforçado, e heroico, ha de olhar mais a gloria dos seus feitos, que a conservaçaõ da sua vida. E assim he mais estimado o que gloriosamente morre nos annos da mocidade, que aquelle, que sem fazer acto nenhum de esforçado, conserva a vida, até á ultima velhice. E se as cousas immortaes saõ melhores, que as mortaes, como saõ, quanto ellas excedem, tanto mais que a vida breve, se deve estimar a gloria das obras esforçadas; pois essa fica quasi eterna na memoria dos homens. E assim quando o Reino aventurára alguma cousa na conquista da India, o que naõ concedo, he de tanta estima a gloria que ganharaõ com ella os Portuguezes, que naõ deviaõ perdella por esse respeito.

Polit. He differente o fim, e a gloria do homem particular, do fim, e gloria de huma Republica, ou de hum Reino, e muito differentes cousas em hum, e outro, se devem considerar.

Fil. Direis, que Achilles fez o que devia, como homem valeroso, e heroico, em matar a Hector (1), ainda que lhe disse Tetis que mor-

(1) Home. Iliad.

morreria se o matava, por naõ viver com a infamia de naõ vingar a morte de Patroclo. E que o Cego, que despedio Leonidas de Termopilas, he digno de muito louvor, porque sabendo que os companheiros eraõ mortos pelos inimigos, se fez pôr defronte delles, e deste modo, peleijando gloriosamente morreo, querendo mais esta morte, que a vida com temor da infamia de se cuidar que fora mais o medo da morte, que a falta da vista. E que do mesmo modo Pericles (1) fez o que estava obrigado, como bom Principe, e merece glorioso nome; porque sendo Capitaõ General, e Governador da sua patria, naõ quiz combater com os Lacedemonios, sendo por elles provocado com palavras affrontosas, porque entaõ só lhe pertencia conservar o que lhe estava encommendado.

Polit. Declarais maravilhosamente com estes exemplos o meu conceito; porque Achilles, e o Cego, naõ tendo que respeitar, mais que a si, deviaõ de querer antes morte gloriosa, que vida com temor de infamia: mas Pericles que era conservador da sua patria, só a esse fim devia encaminhar as suas acções, e assim estava mais a sua honra em salvar a patria, que em aventurar a vida, ainda que peleijasse heroicamente, pois esse naõ era o seu fim. Pelo que digo, que he differente o fim, e gloria do homem particular, do fim, e gloria da Republica, ou Reino; que o homem particular,

(1) Plutarc. Vidas illust.

lar ganha honra, ſe por fazer obras heroicas perde a vida, e o Reino tudo perde, ſe perde a ſua conſervaçaõ.

Fil. Muito bem defendida eſtá huma, e outra opiniaõ, que vós, como huma das peſſoas, a quem Sua Alteza juſtiſſimamente tem encommendado o governo, e conſervaçaõ deſte Reino, ſeguindo a doutrina das Politicas de Ariſtoteles, e da Republica de Plataõ, tratais da utilidade, como o voſſo contendor, moſtrando o heroico valor de animoſo Soldado, que nelle eſtá taõ conhecido, trata do esforço dos Portuguezes, e da gloria, que com elle ganharaõ neſta conquiſta; mas he neceſſario, para vermos quem ſegue melhor opiniaõ, conſiderarmos, ſe a utilidade comprehende o esforço, e ſe a gloria, que com feitos bellicoſos ſe ganha ſem utilidade, ao util ſe deve preferir; e logo como niſto tivermos huma firme concluſaõ, veremos em qual deſtas partes cahe a Conquiſta da India. E aſſim ficará claro o que ſe deve ſeguir, ſe nós eſtas couſas direitamente determinarmos; mas temo que nos desviem muito do primeiro intento, que he tratar do ſitio de Lisboa.

Sold. Naõ he couſa eſta para ſe deixar ſem reſoluçaõ, que tempo haverá para proſeguir a pratica começada.

Polit. Nem ſe deve paſſar a diante, ſem ſe determinar qual das opiniões havemos de ſeguir; porque como eſtou empenhado no meu parecer com ElRei, convem-me que vós, ſenhor

Sol-

Soldado o ſigais, ou ſe o voſſo for melhor, eu me retrate; porque naõ deve hum Conſelheiro fazer mais conta da ſua opiniaõ, que do Eſtado, que ſe governa com ſeu conſelho; e niſto naõ nos deſviamos da primeira pratica, pois tudo pertence a Lisboa.

Fil. Aſſim he, pois ſe provará bem a bondade do ſitio, quando ſe conhecer que os damnos da conquiſta naõ diminuem a grandeza deſta Cidade; e aſſim eu tomarei a carga deſta queſtaõ ſobre mim, ſe vós, ſenhor Soldado, me ajudardes a levalla.

Sold. No que a mim tocar, trabalharei pela naõ deixarmos no caminho.

Fil. Ora comecemos a entrar nelle; e dizei: o esforço he o meſmo a que os Latinos chamaõ fortaleza, ou naõ?

Sol. Parece-me que ſim; porque nós pomos o esforço no animo, e (ſe me naõ engano) do meſmo modo ſe ha de entender a fortaleza dos Latinos. Mas vós ſabeis melhor o que perguntais, e o podeis melhor determinar.

Fil. Ariſtoteles (1) poem a fortaleza entre as virtudes, e aſſim naõ póde deixar de ter a ſua collocaçaõ no animo; pois a virtude (como elle diz) (2) he habito, e habito diz que he huma das tres couſas que conſiſtem n'alma. E aſſim pois o esforço eſtá no animo, o meſmo ſerá que a fortaleza. Tem ſó eſta differença, que a fortaleza ſe applica tambem a couſas inanimadas; por-

(1) Ariſtot. Eth. l. 3. (2) Idem Eth. lib. 2.

porque tambem dizemos torre forte, e armas fortes: mas he por huma certa ſimilhança, que tem na reſiſtencia com o animo forte; porque a fortaleza eſtá mais em ſoffrer as couſas que eſpantaõ, que em acommetter ouſadamente.

Sold. Aſſim me parece.

Fil. Deſte modo naõ erraremos, ſe chamarmos ao osforço fortaleza?

Sold. De nenhum modo.

Fil. Dizei mais: a fortaleza he meio, ou extremo?

Sold. Naõ entendo bem o que perguntais.

Fil. Que poremos em meio do frio, e do quente, que ſaõ extremos?

Sold. O tépido, ou morno.

Fil. E no meio da cobardia, e temeridade?

Sold. A fortaleza.

Fil. Logo a fortaleza he meio entre a cobardia, e a temeridade?

Sold. Aſſim parece.

Fil. E temos tambem que o morno he meio entre o frio, e o quente?

Sold. Sim.

Fil. Será logo a cobardia ſimilhante ao frio, a temeridade ao quente, e a fortaleza ao morno?

Sold. Alguma duvida tem iſto, ou eu naõ entendo bem o que dizeis.

Fil. Conſideremos cada couſa deſtas por ſi, e vejamos ſe a cobardia, e o frio, ſaõ ſimilhantes: que direis a iſto?

Sold. Ouvindo como os comparais, melhor me

me resolverei no que hei de conceder, ou negar.

Fil. Temos nós outra cousa, em que melhor se conheça o frio, que a neve?

Sold. Naõ.

Fil. Pois assim como a neve se desfaz em lhe chegando qualquer cousa quente, o cobarde se humilha com facilidade, a quem animosamente o accommette.

Sold. Bem me parece esta similhança. Vejamos a do quente, com o temerario.

Fil. Esta he muito mais propria; porque assim como o fogo desfaz a materia em que se sustenta, o temerario a si mesmo, e á Republica, onde se conserva a ruina; e assim como o fogo na maior furia se apaga com huma pouca de agoa, o temerario buscando os perigos, despois de estar nelles, desfalece. Attribuindo Plataõ (1) aos Elementos as formas de triangulos, conformes as naturezas delles, ao fogo attribue o de menor base; porque este corpo de pequena base he de necessidade ligeirissimo, e muito mais apto a penetrar. Esta he a natureza do temerario, que sendo disposto a penetrar nos maiores perigos, he ligeirissimo, assim em os accommetter, como em os deixar depois de accommettidos. He isto assim?

Sold. Assim parece; mas no meio está a minha duvida, que me naõ póde satisfazer a compa-

(1) Aristot. Eth. lib. 3. Plataõ Timeo.

paraçaõ do morno ao esforço; porque o esforço requer mais alguma actividade.

Fil. Esta tem a mesma igualdade; porque arespeito dos extremos, taõ meio he a fortaleza, como o morno. Tomemos dous ternarios 2. 4. e 8. e 3. 6. 12. assim estaráõ os quatro entre os 2. e os 8. como os 6. entre os 3. e os 12.; porque a mesma proporçaõ que ha de 2. a 4. ha de 3. a 6.; e a mesma que ha de 4. a 8. ha de 6. a 12.; e sendo assim, se foraõ quantidádes continuas, sendo os extremos iguaes, pois os mesmos estaõ ensre elles com igual proporçaõ, tambem seraõ iguaes entre si. E façamos destas seis cousas dous triangulos com dous lados, e iguaes, de força (como demostra Euclides) (1) a base ha de ser igual á base, e os outros angu los hum ao outro. Logo se sendo o frio, e o quente, a cobardia, e temeridade lados destes dous triangulos iguaes, com os dous angulos iguaes a outros dous, as bases, que saõ a fortaleza, e o morno, tambem seraõ iguaes. Ainda parece que estas razões vos naõ satisfazem, se o aspecto me naõ engana.

Sold. Assim he, ainda que naõ posso negar que saõ boas.

Fil. O esforçado, se for accommettido de algum poderoso inimigo, accrescentarselhe-ha o animo, ou perdello-ha?

Sold. Nisso se conhece o esforçado, que naõ desfallece nos perigos, antes nelles lhe cresce o animo.

Fil.

---

(1) Euclid. l. 1. th. 1, præ. 26.

Fil. E com os humildes, e pacificos, naõ se ha elle de haver (como dizia Chilon) (1) com brandura.

Sold. Naõ he esforçado o que se ira contra os que se rendem, ou naõ offendem, ou naõ podem offender.

Fil. Bem diz logo Plataõ (2), quando reprova a Homero dizer, que Achilles arrastara o corpo de Hector, depois de morto; porque naõ convinha a homem esforçado, e generoso, tomar vingança em quem já se naõ podia defender.

Sold. Assim he.

Fil. Logo similhante he a fortaleza ao morno, que facilmente com o quente se accende, e com o frio se esfria, fazendo-se feroz com o quente, e suave com o frio, como dissemos que havia de ser o esforçado.

Sold. Sem duvida: agora concedo que he como dizeis.

Fil. Temos deste modo que a fortaleza he como ò morno. Vejamos agora, se daremos ao morno outro nome. Que vos parece?

Sold. E que nome quereis que lhe demos?

Fil. Naõ lhe chamaremos nós temperado, pois naõ aquenta, nem esfria, mas conserva o que lhe pertence com huma suave temperança, como se experimenta nos banhos, que foraõ dos antigos taõ usados.

Sold. Assim me parece.

C *Fil.*

(1) Diog.Laer.l.1. (2) Plat.Rep.liv.3.

Fil. Chamaremos logo ao morno temperado ?

Sold. Sem duvida.

Fil. Diremos deste modo, que a fortaleza he similhante ao temperado ?

Sold. Pois he similhante ao morno, e ao morno chamamos temperado, necessariamente a fortaleza será similhante ao temperado.

Fil. Deste modo, assim como o temperado conserva suavemente as cousas que lhe pertencem ; a fortaleza conservará as que lhe pertencerem : e assim a definiremos, como Plataõ (1), dizendo, que he huma certa conservaçaõ : e ainda que elle poem algumas differenças, por naõ alargar a pratica, as deixo; mas todas se entendem neste sentido. E assim a fortaleza, como o morno, ou temperado he huma conservaçaõ do que lhe pertence.

Sold. Naõ se póde negar o que dizeis.

Fil. Temos logo concluido que a fortaleza he similhante ao temperado ?

Sold. Assim he.

Fil. Ha-se tambem de entender, que estas cousas, assim como saõ na essenciá, assim se achaõ nos sujeitos onde estaõ.

Sold. Naõ entendo o que dizeis.

Fil. Até agora tratámos da essencia, ou idéa (se assim lhe quizermos chamar) da fortaleza, e do temperado : digo agora, que o mesmo que consideramos da fortaleza, se entende tam-

(1) Plat. rep. liv.4.

tambem do homem forte; e o mesmo que da temperança, entenderemos do sujeito onde estiver: e assim como a agoa temperada conserva em si suavemente os corpos que nella se banhaõ, o homem forte he util conservador da sua Patria, e do que lhe estiver encommendado.

Sold. Muito bem dizeis.

Fil. Logo quando tratarmos da fortaleza, entenderse-ha, que o mesmo dizemos do homem forte?

Sold. Assim he.

Fil. Tenhamos agora maõ nesta conclusaõ, de modo que nos naõ fuja: E he que a fortaleza, e o homem forte, saõ similhantes ao temperado.

Sold. Naõ temais, que pois por diligencia vossa a alcançamos, eu trabalharei que por minha diligencia se naõ perca.

Fil. Quereis que façamos agora mais outra consideraçaõ?

Sold. Façamos quantas quizerdes, que de todas sei que havemos de tirar muito fruto.

Fil. Comparemos agora a fortaleza á liberalidade.

Sold. De que modo póde ser isso?

Fil. Naõ diremos nós que a liberalidade he meio entre a avareza, e prodigalidade?

Sold. Assim parece.

Fil. E a prodigalidade, e avareza naõ saõ similhantes á temeridade, e cobardia, entre as quaes (como dissemos) he meio a fortaleza?

Sold. Bem o podem ser; mas agora naõ me atrevo ao affirmar.

Fil. Naõ foge o cobarde dos perigos, temendo mais perder a vida, que a honra?

Sold. Sem duvida.

Fil. E o avaro naõ foge as occasiões de gastar, ainda que nisso perca a honra?

Sold. Sem duvida.

Fil. E tambem naõ he temerario aquelle, que sem razaõ accommette o manifesto perigo, a que suas forças naõ podem chegar, naõ sendo de alguma necessidade constrangido, pelo que ordinariamente se perde?

Sold. Assim he.

Fil. E naõ será prodigo aquelle, que der mais do que a sua fazenda póde; e que despendendo desordenadamente, se ficar como o mancebo do Evangelho?

Sold. O mesmo digo.

Fil. Logo tambem seraõ similhantes o avaro ao cobarde, e o prodigo ao temerario?

Sold. Assim parece sem duvida, que concluem estas razões.

Fil. Deste modo, pois os extremos saõ similhantes, tambem o seraõ os meios, pelas razões que demos, quando comparámos a fortaleza ao morno; e assim diremos, que o esforçado he similhante ao liberal.

Sold. Naõ me atreverei ao negar; mas folgarei de os ouvir comparar.

Fil. Aristoteles (1) faz essa comparaçaõ, dizen-

(1) Aristot. Eth. liv. 4.

zendo, que he esforçado aquelle que ousa; soffre, ou teme as cousas que convem, por respeito de que, e quando convem; e em outro lugar (1) diz, que he liberal aquelle que dá conforme a sua possibilidade: e assim se vê, que ambos fazem as cousas com huma mesma razaõ, naõ excedendo em nada as forças, possibilidade, e conveniencia.

Sold. Muito bem me parece esta comparaçaõ.

Fil. E a qual destes chamaremos nós prudente, ao avaro, que se deixa perecer, antes que gastar; ou ao prodigo, que gasta quanto tem, sem ordem; ou ao liberal, que dá o que póde, e como convem?

Sold. Parece que ao liberal; mas naõ sei que razaõ demos á commum opiniaõ de chamarem prudente ao avaro.

Fil. Plataõ (2) responde a esta duvida, comparando este Mundo a huma profunda cova, na qual se naõ podem ver, senaõ humas similhanças de cousas verdadeiras, ás quaes diz, que estamos taõ afeiçoados, que temos por fabula tudo o que ouvimos em contrario; e como alguns vicios tem similhança de algumas virtudes, naõ podendo, em quanto estamos nesta escura cova do Mundo, ver mais, que as similhanças, essas temos por verdades; e se algum homem por favor particular de Deos se levanta com o espirito ao conhecimento

(1) Aristot. Eth. l, 4. (2) Plataõ Rep.

to das cousas verdadeiras (como diz Plataõ) (1) naõ he crido , nem estimado : e por isso chamamos ao avaro prudente ; porque assim como o temerario (como diz Aristoteles) (2) he fingidor do esforço , o avaro o he da prudencia ; porque como elle diz no livro sexto das Ethicas , a prudencia he habito com verdadeira razaõ , que trata das cousas factiveis , que ao homem saõ boas ; e como ao homem he bom ter dinheiro para as necessidades da vida , sendo mais faceis de comprehender as cousas materiaes , que saõ sujeito dos sentidos corporaes, que as essencias que só com a alma se comprehendem , julga que quanto mais dinheiro tiver, mais terá do que estima por bom ; e a ssim parece prudente o que o sabe ajuntar , e ter.

Sold. Segundo o que dizeis , pois no Mundo naõ vemos mais que similhanças , naõ errará quem as tiver por verdades ; porque nós naõ conhecemos o dia , e a noite , o branco , e o negro , senaõ pela comparaçaõ dos contrarios ; e assim naõ me parece que erramos em ter o avaro por prudente , pois naõ vemos outra cousa , que nos tire desta opiniaõ.

Fil. Naõ cuidei que tomasseis tanto á vossa conta defender esta questaõ ; porque sempre vi que quererieis mais o dinheiro para liberalmente o gastar , que para avaramente o possuir ; mas já que naõ he como cuidava , quero-vos tirar toda a duvida. Diremos que he justiça (co-

(1) Plat. ibidem. (2) Aristot. Eth. liv. 3.

(como diz Simonides, referido por Plataõ) (1) dar a cada hum o ſeu?

Sold. Aſſim parece.

Fil. E he ella couſa util, ou naõ?

Sold. Se ella dá a cada hum o ſeu, como naõ ha de ſer util?

Fil. Vede o que dizeis, que parece que naõ he util a todos; porque o juiz, que a faz, naõ recebe diſſo nenhuma utilidade; e por iſſo diz Ariſtoteles (2), que a juſtiça he bem alheio; e deſte modo, naõ he util a quem a faz, nem o ſerá áquelle contra quem ſe faz; porque o que tiver injuſtamente o alheio, naõ confeſſará que ſe lhe faz nenhuma utilidade em lho tirar.

Sold. Aſſim parece, como dizeis; mas naõ póde deixar de ſer util áquelle a quem ſe reſtitue o que he ſeu, ou ſe dá o que lhe pertence.

Fil. Deſſe modo quem perdeo huma joia de preço, ou outra qualquer couſa, ſe outro a achou, ſerá juſtiça, e util juntamente fazer-lha reſtituir?

Sold. Sem duvida.

Fil. E ſe hum homem tomaſſe as armas a hum doudo, que com ellas ſe quizeſſe matar, ſerá juſtiça, e util fazer que lhas torne?

Sold. De nenhum modo.

Fil. Logo naõ he ſempre juſtiça dar a cada hum o ſeu, nem util recebello.

Sold. Aſſim parece conforme eſta razaõ.

Fil.

(1) Plat. Rep. l. 1. (2) Ariſtot. Eth. l. 5.

Fil. Do mefmo modo, naõ gaftar direis que he prudencia, porque naõ gaftando, fe poupa, e quem poupa, ajunta dinheiro, e ajuntar dinheiro, e fazer-fe hum homem rico, he prudencia. Dizeis affim?

Sold. Porque naõ?

Fil. Pois affim como naõ he fempre juftiça, e util dar a cada hum o feu, affim naõ he fempre prudencia naõ gaftar.

Sold. Porque razaõ?

Fil. Se agora fe ordenaffem humas feftas, como as que fez o Principe em Enxobregas, ou ElRei Dom Joaõ o Segundo em Evora, e hum homem que naõ tiveffe obrigaçaõ de entrar nellas, vendeffe para ifto alguma boa propriedade, ou empenhaffe muita parte da fua renda, gaftando tudo larguiffimamente, feria prudencia?

Sold. Muito grande imprudencia; porque por hum breve applaufo, teria depois muitos pezares.

Fil. E fe hum homem eftiveffe prezo por algum cafo crime, e lhe diffeffem que fe gaftaffe dous, ou tres mil cruzados em fazer benevolos os juizes, fahira livre, como fuccedeo a Jugurtha em Roma (1), ferá prudencia gaftallos, ainda que para iffo fe empenhe?

Sold. E mui grande, fe lhe naõ comerem a ifca, que ás vezes acontece.

Fil. Logo naõ he fempre prudencia naõ gaftar,

(1) Salluft. Bel. Jug.

tar, como naõ he ſempre juſtiça, e util dar a cada hum o ſeu?

Sold. Aſſim parece por eſtas razões.

Fil. Naõ ſerá deſte modo o avaro prudente; pois o avaro he aquelle (como diſſemos) que ſe deixará perecer, antes que gaſtar; porque (como dizia Bion) (1) os avaros tem conta da fazenda como propria, e aproveitaõ-ſe della como alheia; e o prudente ora poupa, e ora gaſta conforme as occaſiões, e ſegundo as couſas requerem; e nós diſſemos que era liberal aquelle que dava, e gaſtava conforme a ſua poſſibilidade, e como convinha; e aſſim ao liberal chamaremos prudente, e naõ ao avaro.

Sold. Segundo eſtas razões, parece que ſe naõ póde negar.

Fil. Quereis que demos mais alguma razaõ em prova deſta?

Sold. Muito folgaria; porque as couſas, que por largo uſo eſtaõ introduzidas, mais razões haõ miſter para as diſſuadir.

Fil. Dizei-me pois, a prudencia he vicio, ou virtude?

Sold. Como vicio? mui grande virtude.

Fil. Eu lhe chamara meſtra de todas as virtudes; pois (como diz Cicero) (2) he ſciencia de todos os bens, e males; e (ſegundo Xenofonte) (3) dizia Socrates, que toda a virtude he

---

(1) Diog. Laert. (2) Cic. 2. de invent. (3) Xenof. l. 3, dos ditos, e feitos de Socrates.

he ſapiencia, e do meſmo modo, toda a ſciencia he virtude; que as obras do ſabio todas procedem de virtude: e aſſim ſendo a ſciencia virtude, e a prudencia ſciencia, claro eſtá que a prudencia he virtude; e ſendo (como diz Cicero) ſciencia de todos os bens, bem ſe prova que he meſtra de todas ás virtudes, ou virtude das virtudes.

Sold. Aſſim me parece que ſe prova bem o que dizeis.

Fil. Temos logo que a prudencia he virtude: e a avareza que ſerá? vicio, ou virtude?

Sold. Vicio, e mui grande vicio; porque nenhum avaro póde fazer obras generoſas, que ſaõ as que daõ a conhecer aonde eſtá a virtude.

Fil. Aſſim o diz Ariſtoteles (1): e a liberalidade?

Sold. He virtude.

Fil. Logo ſe a prudencia he virtude, naõ ſe deve ajuntar com a avareza, que he vicio, ſenaõ com a liberalidade, que he virtude.

Sold. O meſmo me parece.

Fil. Logo (como dizia) o liberal ſerá prudente?

Sold. Sem duvida.

Fil. Será deſte modo o liberal, e prudente, aquelle que naõ desbaratar a ſua fazenda, dando deſordenadamente, nem for taõ avaro, que deixe de gaſtar, onde for neceſſario, e conveniente; mas o que fizer obras generoſas, medidas

(1) Ariſtot. Eth. liv. 4.

das com a sua possibilidade, de modo que se naõ venha a perder?

Sold. Deste modo será.

Fil. E naõ tinhamos nós dito, que o esforçado era similhante ao liberal?

Sold. Sim.

Fil. Logo esforçado será aquelle que prudentemente se governar, e se naõ arremeçar precipitadamente em desnecessarias emprezas em que se haja de perder; mas o que de sorte proceder, que intentando generosas emprezas, conserve a sua patria, e a sua vida com decoro.

Sold. Naõ se póde fugir disto que dizeis.

Fil. E lembra-vos que tinhamos dito, que o esforçado he similhante ao temperado?

Sold. Muito bem.

Fil. E temperado dissemos, que era aquillo que naõ destrue a si mesmo, e a materia em que se sustenta, mas que trata tudo com suavidade, e hum temperamento conservador do que lhe pertence; e deste modo será o homem esforçado, procedendo temperadamente, naõ destruindo a sua Patria, e Republica, senaõ conservando-a, fazendo-se forte contra quem a accommetter, e obrando com quem se lhe humilhar; porque (como diz Aristoteles) (1) o magnanimo com os grandes se faz grande, e com os meáos affavel.

Sold. Naõ se póde negar isto.

Fil.

(1) Aristot. Eth. liv. 4.

Fil. E o que for deste modo, será util á sua Patria, ou naõ?

Sold. Quem póde negar ser utilissimo?

Fil. Temos logo concluido, que a utilidade comprehende o esforço: E deste modo, naõ conseguirá a gloria de esforçado aquelle, que naõ for util á sua Patria, nas cousas que pertencem á conservaçaõ della?

Sold. Naõ se póde negar esta conclusaõ, suppostas as cousas ditas.

Fil. Tenho logo satisfeito á primeira parte da proposta questaõ, que era considerarmos se o esforço se comprehende no util, e temos concluido, que sim, e que o esforço, e o homem esforçado, saõ uteis á Republica.

Sold. Assim he.

Fil. Naõ nos esqueça agora esta conclusaõ.

Sold. Eu trabalharei por isso.

Polit. Eu a tomo á minha conta, porque vejo que he muito em favor da minha opiniaõ.

Sold. De que modo?

Polit. Que se a conquista da India naõ foi util a este Reino, naõ diremos que foi obra de verdadeiro esforço, nem que (como tal) se lhe deve attribuir nenhum louvor.

Sold. Nenhuma dessas cousas concedo.

Fil. Sede servido, Senhor Politico, de naõ atalhar a nossa pratica, que bem se sabe que o vosso entendimento antevê naõ só as razões, e conclusões das praticas, mas os futuros successos das cousas humanas; porque vos dotou Deos, como convinha a hum perfeito Conse-

lhei-

lheiro, daquella virtude, pela qual dizia Chilon (1), que podiaõ os homens alcançar a providendia das cousas futuras.

Polit. Faça-se como dizeis, que maior he o interesse de vos ouvir, que a necessidade de defender a minha opiniaõ, pois a tomais á vossa conta.

Sold. Huma duvida só me fica, que quizera resolver, antes que passasse a diante.

Fil. Dizei qual he; que naõ negarei o que souber.

Sold. Que me parece, que tirais ao esforçado accommetter novas emprezas, pois naõ quereis que faça mais que conservar, como o temperado.

Fil. Naõ vos lembrais, que comparámos tambem o esforçado ao liberal? Pois assim como naõ será liberal, o que naõ fizer liberalidades, e cousas generosas, conforme á sua possibilidade, medindo tudo com prudencia; o esforçado he necessario que mostre tambem o seu esforço com obras similhantes á virtude do seu animo.

Sold. Logo desse modo bem me concedeis que he obra de grande esforço, e digna de muito louvor a conquista da India; porque se o esforçado ha de fazer obras similhantes a esta virtude, como o liberal á sua, que obra de mais esforço póde fazer que esta?

Fil. Dizeis muito bem, mas na ultima parte des-

(1) *Diog.* Laert. liv. 1.

destas questões, responderei a esta duvida; porque nella se ha de tratar particularmente; e agora entremos na segunda questaõ.

Sold. Naõ quizera que me dilatareis a resposta do que duvido; mas pois esse he o seu lugar, vamos depressa a elle, e assim começai a segunda questaõ, que he (se me naõ engano) se a gloria que se alcança com feitos bellicosos, sem utilidade, se deve preferir ao util.

Fil. A tres cabeças principaes, se reduzem todas as cousas, de que se consulta, que saõ: util, honesto, e deleitoso. No util se comprehendem todas as cousas necessarias á vida, e conservaçaõ dos homens, familias, e estados. No honesto, fazer justiça, e beneficios a quem os merecer, e cousas similhantes. No deleitoso, a honra, gloria, e cousas deste genero. Destas cabeças nascem muitos membros, de que agora naõ tratarei; porque sem isso resolverei o que se propoz. Já se vê, que a gloria he do genero deleitoso. Considerando agora, qual destas cousas se deve preferir, digo, que o util he deleitoso, e que o deleitoso nem sempre he util; porque util, he ter fazenda, dinheiro, e recolher grande novidade dos fructos da terra, e juntamente todas estas cousas saõ deleitosas de sua natureza, ou por si, como os fructos da terra, ou por respeito de outras, como o dinheiro; e deleitoso he comer varias comidas, e variamente temperadas; mas naõ he util, porque corrompem o estomago. E assim, parece que o util de-

deve ſer preferido ao deleitoſo, pois nelle ſempre ſe comprehende o deleitoſo, e naõ ſempre o deleitoſo he util, e ſendo preferido ao deleitoſo, tambem o ſerá a gloria que he huma eſpecie ſua. Nos Eſtados ſe conſideraõ eſtas couſas differentemente, que nos particulares; porque ao particular poderá eſtar melhor a gloria, que alcançar com obras esforçadas, e bellicoſas, que a fazenda ſem gloria; mas os Eſtados toda a ſua gloria tem na utilidade da ſua conſervaçaõ. E aſſim diz Plataõ, (1) que o Principado ou ſeja de Republica, ou de Senhor particular, de nenhuma outra couſa conſidera o util, ſenaõ dos ſubditos, e daquillo que eſtá a ſeu cargo, e naõ ha couſa util aos Eſtados, ſem a conſervaçaõ dos meſmos Eſtados. E por iſſo diz Plataõ (2), que ninguem ha de ter primeiro conta das ſuas couſas, que de ſi meſmo, nem das couſas da Cidade, primeiro que da meſma Cidade: e daqui veio cuidarem alguns, que o util ſe havia de antepor a tudo, até ao honeſto, reſpeitando ſó a conſervaçaõ, e utilidade propria; mas enganaraõ-ſe no conhecimento do util; porque naõ póde haver util donde faltar o honeſto; que naõ he util ao ladraõ furtar; porque iſſo o poem na forca: e aſſim ſe vê em todas as outras couſas, que como ſe buſca o util, deſacompanhado do honeſto, vem a mudar-ſe no ſeu contrario, convertendo-ſe em damno. Iſto ſe

(1) Plat. Rep. liv. 1. (2) Plat. Apol. de Socr.

ſe vio nos Sichimitas (1); porque favorecendo elles a Abimelech, na morte de ſeu irmãos, eſperando que lhes foſſe util ter hum ſó Principe, elle meſmo os deſtruio, até naõ ficar da ſua Cidade, mais que funebres veſtigios: E Aſtiages Rei de Media, cuidando que com matar a Cyro ſeu neto, aſſegurava o ſeu Imperio, iſſo meſmo lho tirou, como ſe vê em Herodoto (2); e aſſim a deshoneſta morte que quiz dar a Cyro, foi cauſa de ſeu damno. Pelo que (como digo) he falſa a opiniaõ dos que querem, que ſó o util abſolutamente ſe prefira no ſentido em que o tomaõ; porque naõ he util o que naõ he honeſto; e aſſim, naõ ſerá verdadeiro util, o que naõ for juntamente honeſto, e eſte he o que a tudo ſe ha de preferir. Pelo que o util verdadeiro ſe preferirá principalmente nos Eſtados á gloria de bellicoſos, e esforçados feitos, que era o que ſe queria ſaber.

Sold. Eſtas razões, ſegundo o meu entendimento, em ſi parece que concluem; mas ainda me fica huma duvida: e aſſim tornando hum pouco mais atrás ao que diſſeſtes, parece-me, que ao ladraõ naõ ſerá util furtar; porque ſendo hum homem particular, naõ póde reſiſtir ao commum poder da juſtiça; mas ao Principe, e aos que governaõ as Republicas, que naõ tem nenhuma couſa que temer, porque naõ ſerá util tomar as fazendas, e dinhei-
ro

(1) Joſeph. de Antiq. l. 5. c. 11. (2) Herod. l. 1.

ro dos ſubditos; pois com iſſo acreſcentaráõ o ſeu poder, e naõ ha couſa mais util aos Principes, que ſer muito poderoſos?

Fil. Todas as artes, e todas as ſciencias, tem hum fim particular, o qual he o ſeu ſummo bem, e a elle encaminhaõ todas ſuas acçoẽs. He iſto aſſim?

Sold. Naõ ſei ſe o entendo bem; mas aſſim me parece.

Fil. Logo o Medico, em quanto Medico, terá por fim, e ultimo bem, ſarar ao doente; o Capitaõ vencer a batalha; o Piloto trazer a Náo ao porto; e o Paſtor apaſcentar bem o ſeu gado, de modo, que creſça, e naõ que ſe diminua?

Sold. Aſſim he.

Fil. E o Principe que terá por ultimo fim, e por ſummo bem?

Sold. Que? Ser poderoſo, temido dos eſtranhos, e amado, e obedecido dos ſubditos.

Fil. Doutamente dizeis; mas huma couſa contraria a ſi meſma póde durar?

Sold. De nenhum modo.

Fil. Antes he impoſſivel; porque ainda que todas as couſas (como diz Plataõ) (1) ſe fazem dos ſeus contrarios, nenhuma em ſi póde ſer contraria a ſi meſma: e aſſim quando os elementos ſe mudaõ nos ſeus contrarios, deixaõ de todo a ſua natureza, tomando a do elemento em que ſe mudaõ, e em quanto iſto naõ he, naõ deixaõ de ſe offender, até que preva-

(1) Plat. Rep.

lece o mais poderoſo (como diz Plataõ) (1) mas eſta mudança naõ ſe faz de repente, que naõ ſe póde ir de hum extremo a outro, ſem paſſar pelo meio: e aſſim em quanto hum elemento combate com outro, naõ póde deixar de ter em ſi algumas partes do contrario, o quente do frio, e o frio do quente, o ſecco do humido, e o humido do ſecco; e aſſim diremos, que ainda que huma couſa naõ pode ſer contraria a ſi meſma, póde ter em ſi couſas contrarias á ſua natureza?

Sold. Aſſim parece.

Fil. E ſe eſtas couſas forem creſcendo na ſua propria natureza, naõ iraõ opprimindo pouco a pouco o ſeu contrario, até que o reſolvaõ?

Sold. Sem duvida.

Fil. O Principe, e a Republica, digo o que governa, e os ſubditos ſaõ huma couſa, ou duas?

Sold. Dizei-o vós, que me naõ atrevo a reſolver taõ depreſſa.

Fil. Se o Principe he juſto, huma ſó couſa he; porque elle, e a Republica, fazem hum ſó corpo, procurando a utilidade commum; e aſſim diz Plataõ (2), que a arte de paſtorar naõ tem cuidado de outra couſa, mais que da utilidade do que eſtá debaixo da ſua cuſtodia: e ſe o Principe ha de olhar o util dos ſubditos, huma ſó couſa he com elles; porque naõ ſendo huma ſó couſa com a Republica, fora contra-

---

(1) Plat. Tim. (2) Plat. Rep. liv. 1.

traria a elle a utilidade della ; e como naõ póde huma cousa ser contraria a si mesma, está claro, que se elle procurar o util dos subditos, que he huma cousa com elles ; mas se o Principe respeitar só seus particulares interesses, e falsas utilidades, com damno dos subditos, diremos que saõ duas cousas, pórque sendo contrarias, naõ podem ser huma só.

Sold. Assim he.

Fil. Logo sendo duas cousas contrarias, de necessidade haõ de combater, como dissemos dos elementos.

Sold. Sem duvida.

Fil. E deste modo trabalharáõ por resolver cada hum o seu contrario, e em quanto o naõ fizerem, haverá em hum, e em outro partes do seu contrario ?

Sold. Conforme ao que está dito dos elementos, assim parece. Mas que partes saõ estas, que naõ haõ de ser o frio, e o quente, como nos elementos ?

Fil. Seraõ que no Principe estará o temor da potencia do Povo, e no Povo o odio das tirannias do Principe. He isto assim ?

Sold. Sem duvida, que assim succederá.

Fil. E parece-vos que duas cousas saõ mais poderosas que huma só ?

Sold. Como entendeis vós isso ?

Fil. Que mais poderosa he huma cousa só, que duas.

Sold. De que modo ?

Fil. Duas cousas sempre saõ contrarias, que

ſe o naõ forem, ſeraõ huma ſó; porque ainda que vejamos muitos fogos diſtinctos, todos elles naõ ſaõ outra couſa mais que fogo; mas a agoa, e o fogo, ſaõ duas couſas; porque o fogo, em quanto he fogo, naõ póde ſer agoa, nem a agoa, em quanto agoa, fogo.

Sold. Deſſe modo bem dizeis, que huma couſa he mais poderoſa que duas; porque os contrarios por ſi meſmo ſe diſſolvem.

Fil. Muito bem dizeis; que a meſma opiniaõ tem Plataõ (1), dizendo, que ás couſas compoſtas convem por natureza que ſe diſſolvaõ, e ás que naõ ſaõ compoſtas naõ convem nenhuma ſoluçaõ, e as couſas compoſtas todas tem qualidades contrarias, e por iſſo ſe diſſolvem; mas as ſimplices, que ſaõ huma ſó couſa, e naõ tem em ſi contradiçaõ por natureza, ſaõ indiſſoluveis: e aſſim ſendo o Principe, e os ſubditos contrarios entre ſi, de força ſe ha de diſſolver a Republica, deitando o Principe do ſeu governo, como fizeraõ os Syracuſſanos a Traſibulo (2), e o Principe conſumirá o Povo de ſorte, que lhe tire todo o poder: e de qualquer couſa deſtas que ſucceda, ſe vê que naõ conſeguirá o Principe o ſeu ſummo bem, que he ſer poderoſo, temido dos eſtranhos, amado, e obedecido dos ſubditos, ſe naõ for huma ſó couſa com a Republica; e aſſim (como eſtá dito) procurando a falſa utilidade da tirannica riqueza, naõ ſe-

(1) Plat. (2) Dio. Sicul. p. 1. l. 11.

ſerá poderoſo, porque ſem vaſſallos naõ tem nenhum Principe poder, e tendo-os por inimigos, muito menos; pois tem contra ſi os que o haviaõ de defender: e aſſim diz Xenofonte, (1) que he neceſſario que o Principe ame a Cidade; porque ſem a Republica naõ póde ſer ſalvo, nem feliz; e ſe lhe faltaõ os que o haviaõ de defender, como póde ſer temido dos eſtranhos, nem como póde ſer amado dos ſubditos, a quem tirannicamente roubar, e opprimir? E pelo conſeguinte naõ ſerá obedecido; que adonde falta amor, naõ ha obediencia, ou naõ he de fructo; e naõ ſendo amado, nem obedecido, naõ conſervará o ſeu Eſtado; pois (como diz Titolivio) (2) aquelle Eſtado, e Imperio he duravel, e potente, onde os ſubditos de boa vontade, e alegres, obedecem; o que naõ póde ſer, adonde forem maltratados: e aſſim naõ ſerá util ao Principe tomar as fazendas dos vaſſallos, ſenaõ ſer huma meſma couſa com a Republica, procurando o util della, que deſte modo conſeguirá o ſeu ſummo bem, que he ſer poderoſo, temido dos eſtranhos, amado, e obedecido dos ſubditos: e por iſſo diz Xenofonte (3), que enriqueça o Principe os ſeus amigos, porque deſte modo ſe fará rico; e que acreſcente, e engrandeça a Republica, porque a ſi meſmo accreſcenta grandeza, e reputaçaõ.

Sold. E naõ poderá o Principe com o dinhei-

(1) Xenof. Hee. (2) Tito liv. (3) Xenof. hic. no princ.

nheiro, que tomar dos vaſſallos, ter ſoldados eſtrangeiros, com que aſſegure o ſeu Eſtado dos naturaes, e dos eſtranhos?

Fil. Entendo que naõ ſerá poſſivel conſervar-ſe deſte modo; porque nunca o dinheiro, póde ſer tanto, que baſte para ſuſtentar os muitos ſoldados, que lhe ſerá neceſſario pagar, ſe com elles ha de ter ſujeitos ós vaſſallos, que tem por inimigos, e ſe ha de defender dos eſtranhos: e quando baſte por algum tempo, de neceſſidade ha de vir a faltar; porque ſe iraõ empobrecendo os ſubditos, e do meſmo modo iraõ faltando os tributos, e o dinheiro, que por qualquer outro modo ſe tirar do ſeu Povo; porque creſcendo os tributos, vem a faltar poſſibilidade aos homens para cultivar as terras, e para os commercios; e aſſim pouco a pouco, com a falta deſtas duas cauſas, ſe iráõ diminuindo os tributos, até ſe reduzir a pequena quantidade, e ſe tomar as joias, prata, e dinheiro. Como fizer iſto huma vez, naõ o poderá fazer outra, e ficará mais impoſſibilitado; porque gaſtando o dinheiro, que deſte modo houver, naõ tendo donde tirar outro, terá mais neceſſidade delle, ſabendo claramente, que muitos daquelles, a quem o tomou, ficaraõ de peior animo. E aſſim todo o util deſte modo, donde falta o honeſto, he falſo, pelo q̃ ſe converte no contrario (como diſſe) porque (como diz Ariſtoteles) (1) he neceſſario que de falſo s bens venha verdadeiro mal.

Os

(1) Ariſtot. Pol. l. 4. Senec. de benef. l. 5.c. 11.

Os Estoicos naõ punhaõ mais de hum só bem, que era o honesto; e naõ erravaõ, porque adonde naõ ha honestidade, naõ ha virtude, e adonde ella falta, que bem póde haver? Pois (como escreve Diogenes Laercio) (1) Atheneo, nos seus versos, gabando os Estoicos, porque davaõ á virtude o summo lugar do animo, diz: O' maravilhosos Estoicos, que pondes nos vossos livros sentenças nobilissimas, dizendo, que a virtude só tem o summo lugar do animo; porque ella só guarda as Cidades, as Gentes, e as Companhias! E assim pois a virtude guarda as Cidades, naõ podem ser fortes, e seguras, aquellas onde faltar. Pelo que (como disse) o verdadeiro util, que he juntamente honesto, precede á gloria vá de bellicosos feitos de que á Patria naõ resulta honesta utilidade.

Sold. De todo me tirastes a duvida que tinha proposto, e me dou por satisfeito; e assim vamos ao outro ponto.

Fil. Era o outro, considerarmos em qual destas cousas caia a conquista da India, se no util, ou no deleitoso, naõ nos trazendo mais que huma gloria vá, da peregrina empreza, que acabámos, e temos concluido, que o esforço he util, e que ha de ser preferido á gloria.

Sold. Assim he.

Fil. Para o que fica, he necessario considerar-mos qual he o util commum de todas as Ci-

(1) Diog. Laerc. liv. 6.

Cidades, de todos os Eſtados, e Republicas; e aſſim ſaberemos ſe a conquiſta da India he das couſas uteis, ou das deleitoſas.

Sold. Façamos como dizeis.

Fil. Será util aos Eſtados, ter muitos papagaios, e catres dourados?

Sold. Iſſo he galantear.

Fil. Naõ fallo ſenaõ de ſiſo, como coſtumo; pergunto o que naõ ſei, e aſſim ſe eu erro, deveis encaminhar-me.

Sold. Perguntai couſas de mais ſubſtancia.

Fil. Deſſe modo direis que naõ ſaõ eſtas couſas uteis?

Sold. Vãs, e delicioſas direi eu.

Fil. Será logo util ter muita eſpecieria, diamantes, rubís, e mais pedras precioſas?

Sold. Iſto leva mais caminho, mas dizei o voſſo parecer.

Fil. Eu digo, que naõ ſó naõ he util, mas que he muito damnoſo; porque a eſpecieria faz dous effeitos muito contra a utilidade commum, que comida nos varios manjares, que com ella ſe temperaõ, faz damno á ſaude, que naõ póde ſer mais prejudicial couſa: e aſſim diz Plataõ (1), que a variedade das comidas pario a intemperança, e que della naſceo a doença; e por iſſo diz Ariſtoteles (2), que os temperados criaõ, ſuſtentaõ, e conſervaõ a ſaude. O outro he, que com as varias comidas que com ellas ſe fazem, ficaõ os homens delicioſos, delicados, laſcivos, e pouco aptos para

(1) Plat. Rep. liv. 3. (2) Ariſtot. Eth. liv. 1.

ra as cousas da guerra, onde biscouto duro, e pouca carne, he necessario que seja o sustento dos Soldados; e por isso Licurgo (1), que ao fim da guerra ordenou todas as suas Leis, mandou, que nunca se désse aos moços mais comida da necessaria, de modo que nunca ficassem fartos, e por estorvar o mais que fosse possivel, as varias, e regaladas comidas, prohibio os banqueres privados, ordenando-os em publico, limitando o que haviaõ de comer. E assim quer Plataõ (2), que os que houverem de ser soldados, comaõ só carne assada; e allega neste lugar Homero, que naõ dá outra comida, ainda nas mesas dos grándes senhores, porque escrevẽdo facções heroicas, e bellicosas, aos que nellas introduzia, devia dar a comida que devem usar homens similhantes. E assim naõ sendo a especieria util á Republica, por ser causa de doenças, e delicias, bem se prova que ella por si nenhuma utilidade nos trouxe. Pois os diamantes, e mais pedras preciosas, fizeraõ-nos muito damno, porque nestas cousas se emprega muito dinheiro, que nos podia servir em muitas de grande utilidade, e os diamantes naõ cultivaõ os campos, naõ sustentaõ as Cidades, nem as defendem dos inimigos, e só servem de vaidade, pompa, e deleite. E assim naõ diremos que está nestas cousas o util commum dos Estados.

Sold. Concedo, que estas cousas por si naõ saõ uteis; mas se com ellas se fizer hum Estado

(1) Xenof. Rep. dos Laced. (2) Plat. Rep. l. 3

tado rico, commerciando com outras Nações, naõ seraõ uteis?

Fil. Desse modo, naõ diremos que ellas saõ uteis, senaõ riqueza, e ellas em quanto meio dessa riqueza.

Sold. Seja assim.

Fil. E se eu mostrar, que a riqueza naõ he o util, que buscamos, diremos nós que o saõ estas cousas?

Sold. De nenhum modo; mas naõ sei como provareis isso.

Fil. Diz Aristoteles (1), que a felicidade he aquella, que só por si se deseja, e que só por si he sufficiente; e assim como naõ ha nenhuma cousa mais util que a mesma felicidade, naõ estará o util puramente naquellas cousas, que por respeito de outras se desejaõ.

Sold. Assim parece.

Fil. Para que desejamos nós o vestido?

Sold. Para nos defender do frio, e da calma.

Fil. Desse modo desejalo-hemos, para conservar com elle este todo do homem; porque o deleite do vestido louçaõ, e custoso, naõ he da essencia do vestido, mas só invençaõ do estragado appetite.

Sold. Assim he.

Fil. E a comida para que se deseja?

Sold. Para sustentar a vida, e que se naõ dissolva esta machina do homem, arteficio grande da sabedoria de Deos.

Fil. E as armas? *Sold.*

(1) Aristot. Eth. liv. 1.

Sold. Para a defensa do corpo, e da vida.

Fil. Logo nenhuma destas cousas será o perfeito util que buscamos?

Sold. De nenhum modo.

Fil. Vejamos agora, se o será a riqueza, que tanto a gente cega estima.

Sold. Como consideraremos nós isso?

Fil. Deseja-se ella por si, ou por respeito de outra cousa?

Sold. Deseja-se para com ella termos mais abundancia das cousas necessarias.

Fil. Logo desejarse-ha para comprar o vestido, ter mais, e melhor comida, e armas para defender a vida, de quem a quizer tirar?

Sold. Assim he.

Fil. Logo naõ será a riqueza, nem o dinheiro, que o mesmo he, em quanto deste modo o considerarmos, este simples util que buscamos; pois por si naõ se desejaõ, senaõ por respeito de outras cousas.

Sold. O avaro naõ deseja o dinheiro por respeito das cousas que dissestes, senaõ pelo ter; pois elle o naõ gasta nellas; antes pelo naõ gastar, faz muitas cousas contra a conservaçaõ da sua vida.

Fil. Isso naõ he proprio da essencia do dinheiro, senaõ da natureza do vicio da avareza; e assim como os accidentes naõ mudaõ a substancia, o vicio do avaro naõ muda a natureza do dinheiro, e da riqueza: pelo que se elle naõ tem de sua propria natureza desejarse por si mesmo, naõ lha póde mudar a opiniaõ

niaõ do avaro. Se hum doente deſejar huma comida, julgaremos por iſſu que he boa?

Sold. Antes pelo contrario; porque ſempre os doentes deſejaõ o que lhes ha de fazer mal.

Fil. A avareza he vicio, e diz Plataõ (1), que a virtude he ſaude da alma, e o vicio doença; e aſſim a alma do avaro eſtá doeute, e naõ devemos crer, que deſeja o melhor: pelo que ainda que elle ponha o ſeu util, e a ſua felicidade, na riqueza, e no dinheiro, naõ diremos por iſſo, que eſtá neſtas couſas ſimpleſmente o perfeito util; porque o dinheiro, e a riqueza, ſaõ uteis, em quanto ſaõ meio para havermos as couſas neceſſarias à conſervaçaõ da vida, e dos Eſtados; e aſſim a riqueza do avaro naõ he util, pois guardando-a avaramente, naõ conſegue a ſua utilidade.

Sold. Aſſim parece.

Fil. Logo nenhuma deſtas couſas he o util que buſcamos: pois por ſi naõ ſe deſejaõ, ſenaõ para a conſervaçaõ do ſuppoſto do homem. E aſſim o util ſimpleſmente do homem, em quanto vivente, he a conſervaçaõ do ſuppoſto humano, pois todas eſtas couſas para eſſe fim ſe deſejaõ, e (como diz Ariſtoteles) (2) mais perfeito he o que por ſi ſe deſeja, que naõ aquillo que por reſpeito de outra couſa. E aſſim (como digo) o perfeito util do homem eſtá na ſua conſervaçaõ, pois todas as couſas uteis para eſſe fim ſe deſejaõ.

Sold. Aſſim he. *Fil.*

---

(1) Plat. Rep. liv. 4. (2) Ariſtot. Eth. liv. 1.

Fil. E em huma Republica ſerá o meſmo que do homem temos dito.

Sold. De que modo?

Fil. Naó diremos nós, que aſſim como os membros do corpo, e a alma fazem o ſuppoſto do homem; os que governaó os Povos, e os ſubditos governados (que ſaõ os membros do corpo da Republica, ſendo os que governaó a alma) formaõ hum ſó ſuppoſto, a que chamamos Republica; e que aſſim o entende Plataõ (1), quando diz, que a Republica naõ deve creſcer mais, ſenaõ quanto ſeja huma meſma. Com outro lugar, que logo direi, ficará eſte mais claro; e agora vede ſe dizemos bem, em que a Republica he hum ſó ſuppoſto, como o do homem?

Sold. Sem a authoridade de Plataõ ſe entende iſſo muito bem; porque ſe ella unidamente naó obedecer ás leis, que adminiſtraõ os que governaó, e as ſuas partes concordemente ſe naõ unirem, e ajudarem humas ás outras, diſſolverſe-ha, e naõ ſerá mais Republica.

Fil. Dizeis muito bem, e deſte modo, aſſim como achamos, que ao homem era ſó puramente util, em quanto vivente, a conſervaçaõ do ſeu todo; aſſim diremos que o meſmo he na Republica, naõ tendo outra maior utilidade, que a conſervaçaõ do ſeu bom eſtado.

Sold. Naõ ſe póde negar: mas ſem dinheiro, nem riquezas, como ſe póde o homem, nem

---

(1) Plat. Rep. liv. 4.

nem a Republica conſervar? E ſe eſtas couſas ſaõ neceſſarias para eſta conſervaçaõ, como naõ ſaõ uteis?

Fil. Eu naõ digo, nem diſſe até agora, que o dinheiro, e a riqueza, naõ eraõ uteis, ſenaõ que naõ ſaõ uteis por ſi ſimpleſmente, nem o perfeito, e puriſſimo util; e já, ſe me eu ſoube declarar iſto, ſe entenderia das minhas palavras: mas agora digo mais, que naõ ſó a riqueza naõ he o verdadeiro util, mas que a demaſiada he damnoſa.

Sold. Grande couſa he eſta que dizeis.

Fil. He aſſim, por opiniaõ de todos os que trataõ do governo das Republicas.

Sold. E de que modo provareis vós iſſo?

Fil. Todo o extremo he vicio, e todo o vicio corrupçaõ: a demaſiada riqueza he extremo, porque o he tudo o que paſſa do meio, e aſſim naõ póde deixar de ſer couſa de corrupçaõ do Eſtado, onde eſtiver; porque ſe eſtá no Principe, fa-lo inſolente, e deſprezador dos ſubditos, e accommetedor de emprezas, que arruinem o ſeu Eſtado, como aconteceo ao riquiſſimo Creſſo; e ſe eſtá nos particulares, ſendo huns os ricos, outros os pobres, naõ fazem hum ſó corpo de Republica, ſenaõ dous, como experimentou muitas vezes Roma, contendendo, e combatendo os pobres plebeos com os ricos Patricios; e aſſim diz Plataõ (1) (com o que tambem fica claro o lugar que diſſe, decla-

(1) Plat. Rep. liv.4.

clararia com outro) que as Republicas de ricos naõ fazem hum ſó corpo de Republica , ſendo huma parte de ricos , e outra de pobres , e ſendo dous corpos , e eſſes contrarios , porque a riqueza he contraria da pobreza , de neceſſidade haõ de obrar couſas contrarias ; e por iſſo diz Dionyſio Halicarnaſſo (1) , que em todas as Cidades , ſaõ contrarias a riqueza á pobreza, e a grandeza á humildade : e aſſim diz Ariſtoteles (2) , que ſaõ más de governar as Republicas de mui ricos , e de mui pobres , porque huns peccaõ nas couſas grandes , e outros ſaõ máos encubertos , e enganadores nas pequenas. E ſe iſto he (como deſte lugar ſe entende) quando a Republica toda he de mui ricos , ou de mui pobres ; que ſerá quando toda eſtiver partida em pobres , e ricos , obrando cada huma deſtas partes , ſegundo a ſua natureza ? Aſſim como as qualidades contrarias dos córpos ſaõ cauſa da ſua corrupçaõ , aſſim eſtas duas ſeraõ cauſa da corrupçaõ da Republica : e por iſſo diz Plataõ (3) , que a riqueza , e a pobreza , corrompem a Republica. E ſe todos igualmente forem ricos , ſerá muito peior ; porque todos ſeraõ inſolentes , e delicioſos : porque (como diz o meſmo Plataõ) a riqueza gera as delicias , a preguiça as ſedições , e eſtudo de couſas novas. E por iſſo diz Ariſtoteles , que a mediocridade dos bens da fortuna deve ſer eſ-

---

(1) Dion. Halic. liv. 5. (2) Ariſtot. Pol. liv. 4. (3) Plat. Rep. liv. 4.

eſtimada pela melhor couſa para a conſervaçaõ da Republica ; porque he facil em obedecer. E aſſim , ſe a demaſiada riqueza , eſtando nos Principes , arruina os Eſtados , e nos ſubditos corrompe a Republica , claro fica (como diſſe) que he damnoſa.

Sold. Ainda me parece , qûe a riqueza naõ he damnoſa , ſenaõ ſegundo o uſo della ; porque ſempre ſerá util , ſe em couſas uteis ſe empregar.

Fil. Todas as couſas ſaõ boas , ou más , ou indifferentes : as que ſaõ boas , ou más , ſempre taes ſaõ , que ſempre o peccado ſerá máo , e a virtude boa : ter o neceſſario para a conſervaçaõ do ſuppoſto humano , ou da Republica , ſempre ſerá bom : mas as demaſiadas riquezas ſaõ da terceira eſpecie ; porque Cicero (1) naõ quer que ſe ponhaõ entre as couſas boas , e nós naõ as podemos pôr entre as más , porque recebemos dellas , algumas vezes , alguns beneficios ; e aſſim indifferentemente ſeraõ más , ou boas , ſegundo o uſo dellas , e naõ podemos dizer , que he bom , ou máo , ſenaõ o que ſempre o he : mas he taõ ordinario naſcerem com a riqueza os vicios , que na mediocridade dos bens eſtaõ reprimidos , que ſe attribuem a ella os effeitos da noſſa corrupta natureza ; e aſſim vemos viver com modeſtia os que poſſuem moderados bens , e os ricos deliciosamente ; porque aſſim como o eſtomago ſe cor-

(1) Cic. Parad. 1.

corrompe com a demasiada comida, assim os animos dos homens com a sobeja riqueza. E por isso diz Plataõ (1), que os que guardaõ a Cidade, devem defender, que naõ entrem nella a riqueza, e a pobreza, porque tambem a pouca comida, enfraquecendo os estomagos, gasta a natureza, e do mesmo modo se perde com a pobreza o vigor do animo. E assim a mediocridade dos bens será proveitosa, e pelo contrario a demasia; pelo que digo, que as demasiadas riquezas saõ damnosas.

Sold. Concedo o que dizeis nos particulares: mas como poderá huma Republica ser illustre, e poderosa, se naõ for rica?

Fil. Se a Republica he rica, porque o saõ os subditos, e elles tem os vicios, de que (como dissemos) he causa a riqueza, como será poderosa a Republica de viciosos? E por isso tem o mesmo Plataõ por fraco o exercito de ricos. Estar a riqueza só no commum, he muito difficultosa cousa, pois ha de ser o commum governado pelos particulares, e elles com a sua cobiça, e ambiçaõ, seraõ causa da ruina da Republica. E assim nunca ha de ser mais rica, que só quanto baste, para que governando-se com prudencia, possa remediar as necessidades, que tiver, conforme a sua grandeza; porque passando daqui, a demasiada riqueza causará confiança, e com ella se perderá o cuidado do prudente governo, e aonde

(1) Plat. Rep. liv. 4.

este faltar, nada está seguro. E por isso, segundo Plutarco (1), dividindo Licurgo (quando ordenava as Leis, que tanto illustraraõ Lacedemonia) os campos igualmente, disse que queria deitar fóra da Cidade a insolencia, a inveja, e maldade, e as delicias, e com essas juntamente a riqueza, e a pobreza, as quaes saõ as mais antigas, e as maiores doenças das Republicas. E assim vimos, que em quanto Roma possuio moderadas riquezas, foi subindo até ser cabeça do maior Imperio, que teve o Mundo; e depois de estar neste estado, naõ pode sustentar com as suas grandissimas riquezas, o que ganhara com moderados bens.

Sold. Essa culpa foi dos particulares, que nestes ultimos tempos a governaraõ.

Fil. Aquelles, em cujo poder chegou a summa grandeza, e os que foraõ causa da sua ruina, todos eraõ Romanos; mas os primeiros, vivendo com moderados bens, eraõ modestos, e virtuosos, e os outros, mudando com as riquezas a natureza, corrompendo os antigos costumes, arruináraõ com a particular, e publica riqueza, o que seus passados com moderados bens tinhaõ ganhado. E assim diz Cicero (2), que as demasiadas riquezas corromperaõ, e depravaraõ os costumes dos Romanos: e pois este he o effeito, de que mais ordinariamente he causa a demasiada riqueza, com razaõ digo, que he damnosa, porque dos mui-

(1) Plutar. vidas illust. (2) Cic. de offic. liv. 1.

muitos actos ſe fazem os habitos; e aſſim bem ſe infere, que ſe ella ordinariamente he cauſa da corrupçaõ, que iſſo tem por habito.

Sold. Naõ ſe podem contradizer eſtas razões.

Fil. Temos logo concluido, que a eſpeciaria, e pedras precioſas, nem por ſi, nem por reſpeito das riquezas, que no trato deſtas couſas ſe podem adquirir, ſaõ o verdadeiro util.

Sold. Aſſim he.

Fil. E naõ diſſemos tambem, que a perfeita, e ſimples utilidade da Republica eſtava na ſua conſervaçaõ?

Sold. Sim.

Fil. Temos logo, por couſa certa, que a conquiſta da India naõ foi util a eſta noſſa Cidade de Lisboa, pelos papagaios, e catres dourados, nem pela eſpeciaria, e pedras precioſas; porque eſtas couſas antes ſaõ cauſa de damno, que de ſua conſervaçaõ, a qual he ſó o perfeito util, como eſtá dito.

Sold. Tudo iſſo me parece que eſtá baſtantemente provado.

Fil. Vejamos agora, pois ſó a conſervaçaõ das Republicas he a ſua perfeita utilidade, ſe temos alguma couſa na conquiſta da India, com que a alcancemos.

Sold. Iſſo nos falta.

Fil. Diremos nós, que a Cidade, e a Republica, ſaõ huma meſma couſa, ou diverſas?

Sold. Melhor o direis vós.

Fil. A mim parece-me, que huma mesma cousa saõ, e só ha esta differença, que a Republica naõ he só huma Cidade, mas todas as que em hum corpo seguem huma mesma opiniaõ; e assim naõ tem mais differença, que a que fazem pelas habitações.

Sold. Assim he.

Fil. Logo definindo a Cidade, ficará definida a Republica?

Sold. Sem duvida.

Fil. Diremos logo, que a Republica (segundo Aristoteles, e Plataõ (1) definem a Cidade) he huma multidaõ de cidadáos, e huma congregaçaõ de muitos coadjutores, e companheiros.

Sold. Assim parece que está bem definida.

Fil. Deste modo, tudo o que for util á conservaçaõ do homem, em quanto vivente, será util a conservaçaõ da Republica?

Sold. Pois os homens fazem a Republica, se elles se conservarem, conservarse-ha ella: e assim parece, que o que for util para a conservaçaõ delles, o será tambem para a de toda a Republica.

Fil. Assim he como dizeis: mas nós temos dito, que para a conservaçaõ da vida humana saõ necessarios vestidos, comida, e armas; e assim diremos que estas cousas conservaõ as Cidades, e as Republicas, com mais as leis, justiça, e prudencia, e em fim a virtude das quaes

(1) Aristot. Pol. liv. 4. Plat. Rep. liv. 2.

quaes cousas agora naõ tratarei, porque pedem mais alta consideraçaõ, que a pratica presente. Digo agora, que se nós naõ alcançamos com a conquista da India todas estas cousas, com as quaes se conservaõ as Republicas, que naõ foi util a esta Cidade.

Sold. Assim parece que conclue: mas como haveis de provar isso?

Fil. Para o sustento, e comida, saõ necessarios lavradores, e campos, em que cultivem. Para os vestidos, e cousas deste genero, os artifices, até os architectos para traçar as casas, e os pedreiros para as fabricar; e para as armas, que he a parte que defende dos inimigos, saõ necessarios homens aptos a ser soldados. A conquista da India naõ nos deu campos em que semeassemos, nem em que apascentassemos gado, nem lavradores que cultivassem os nossos campos, antes nos tira os que nisto nos haviaõ de servir; porque parte levados da cobiça, e parte pela necessidade da conquista, temos muitos menos dos que convem. E assim dizem os que nisto mais especulaõ, que ha agora muitas terras bravias, que foraõ já cultivadas. E quando isto naõ seja, tiveramos menos matos, e muitas mais terras cultivadas; porque naõ pondo a esperança nas cousas da India, occuparaõ-se os homens nas que tinhaõ das portas a dentro; e o mesmo he nas mais artes. E naõ póde huma Cidade, e Republica ser grande, e prospera, senaõ quando for abundante em si mesma de todas as cousas necessa-

rias:

rias: e assim tomando Pericles (1) o governo de Athenas em tempo que estava pobre, e pouco poderosa, só com metter nella todas as artes, e fazendo-as exercitar, ennobreceo a sua Republica: e por isso disse elle em huma oraçaõ, que fez ao povo: Entaõ se poderá dizer copiosamente guardada, e bastecida huma Cidade, se tiver em si todos os modos de ganhar, e commodidades de todas as cousas necessarias.

Sold. E a navegaçaõ da India naõ nos traz muita commodidade de grande ganho?

Fil. Muito bem dizeis; mas deste ganho saõ maiores os damnos, que o proveito, do modo que usamos o commercio delle; porque nos leva prata, e dá-nos alcatifas, e tambem he differente conquista de commercio, e nós agora só da conquista tratamos: mas acabando esta questaõ, ficará respondida esta duvida: e tornando a continuar com a nossa pratica, digo, que a conquista da India naõ accrescentou a este Reino, e Cidade de Lisboa, mais lavradores, nem mais artifices, antes os tirou, e do mesmo modo foi no que toca á defensaõ delle; porque levando-nos os homens, que nos podiaõ servir em o defender, naõ nos dá outra gente que o faça; porque muitos dos que vaõ á India, ficaõ nella, e os que tornaõ, ou por ricos, ou por velhos, vem a ser de pouco serviço; e assim está claro, que naõ he das cousas

(1) Plut. vid. illust.

ſas uteis; pois com ella naõ alcançamos nenhuma das que eſte genero comprehende (como eſtá dito). Pelo que diremos, que cahe no genero deleitoſo, naõ alcançando della, mais que huma gloria vá, e couſas que ſervem aos deleites da vida. E aſſim ſe conclue bem, que foi damnoſa; pois (como eſtá dito) ella com a neceſſidade da conquiſta, e cobiça do commercio, nos tira as couſas neceſſarias, e dá as deleitoſas.

Sold. Ainda que a India naõ acreſcentou lavradores, nem officiaes das outras artes, naõ direi que os tirou, porque depois que ſe deſcubrio, tem creſcido muito eſta Cidade; e aſſim como creſceraõ os homens, que accreſcentaraõ a ſua povoaçaõ, aſſim creſceriaõ os lavradores, e mais officiaes; e naõ ſó eſta Cidade creſceo, mas povoaraõ-ſe muitas Ilhas. E o Reino naõ eſtá peior cultivado: pois para a defenſaõ de Lisboa, a conquiſta da India foi muito util, porque he huma eſcola da Milicia Portugueza, aonde ſe criaõ muitos, e muito bons ſoldados.

Fil. Naõ diremos, que Lisboa creſceo pela bondade do ſeu ſitio, e pela commodidade que elle offerece para o commercio, e trato da mercancia? e que por eſtas razões, naõ ſó os Portuguezes, deixando as ſuas patrias, ſe vem viver nella, mas tambem os eſtrangeiros?

Sold. Sem duvida.

Fil. E a maior Cidade terá neceſſidade de maior provimento?

Sold. Porque naõ?

Fil.

Fil. E para o maior provimento naõ ſe haõ miſter mais terras, emais lavradores, que as cultivem?

Sold. Aſſim he.

Fil. E os homens que accreſcentaraõ a Cidade de Lisboa, ſaõ elles lavradores?

Sold. De nenhum modo.

Fil. E com eſte accreſcentamento de povo creſceraõ-lhe mais terras cultivadas?

Sold. Naõ.

Fil. Logo deſte modo ſerá neceſſario que lhe buſquemos terras, e lavradores?

Slod. Aſſim parece.

Fil. Temos logo provado, que com o accreſcentamento de Lisboa naõ creſceraõ lavradores, nem mais terra, antes que tem neceſſidade deſtas couſas.

Sold. Aſſim entendo que eſtá provado.

Fil. E naõ temos nós dito, que a conquiſta da India lhas naõ deu?

Sold. Sim.

Fil. Logo neſta parte naõ diremos que foi util.

Sold. Naõ ſe póde negar: mas ainda que em Lisboa naõ creſceraõ lavradores, creſceraõ no Reino donde ella ſe provê.

Fil. Naõ diſſemos nós, que huma parte da gente, que accreſcentou o povo de Lisboa, eraõ os naturaes do Reino, que deixavaõ as ſuas patrias?

Sold.. Sim.

Fil. Pois tantos quantos creſceraõ em Lisboa,

boa ; faltaraõ no Reino , e assim acrescentaraõ em dobro a necessidade della ; porque nella tem necessidade de provimento , e no Reino falta quem o grangee. E assim , quanto a esta parte , naõ só a conquista da India naõ foi util , mas damnosa : porque além da gente que se emprega nella , ajudou tambem , por razaõ do seu commercio , a se augmentar o povo de Lisboa , e faltando a cultivaçaõ das terras (como está dito) se naõ foraõ as grandes commodidades do seu sitio , vira-se muitas vezes em grande aperto esta Cidade.

Sold. Muito bem está isto ; mas quando todos os homens, que a India gasta , estiveraõ no Reino , que terras mais das que se cultivaõ , se podiaõ cultivar ?

Fil. Muitas , que se perderaõ , e outras que se podiaõ abrir de novo , como no discurso da pratica começada se verá.

Sold. Deste modo , as Ilhas , e o Brasil fariaõ o mesmo damno ?

Fil. Naõ, senaõ muito ao contrario ; porque as Ilhas povoaraõ-se de huma vez , e naõ estaõ , como a India , consumindo homens continuamente , e dellas nos provêmos de trigo : por onde antes beneficio que damno , nos fez a sua povoaçaõ , accrescentando-nos terras fertilissimas , e lavradores que as cultivaõ ; daõ-nos pastel , tinta muito boa para tingir pannos , assucar , e outras cousas necessarias para a vida , ainda que de todas nos aproveitamos mal. O Brasil povoou-se com degradados , gente que

que ſe tirava do Reino por beneficio delle, e he de tanto proveito, e com taõ pouca deſpeza, como todos vemos, e ſe verá muito mais, ſe nos ſouber-mos aproveitar delle, como convem: he terra fertiliſſima de aſſucar, e outras couſas, e foraõ muito de paõ, ſe ſe cultivara, e naõ eſtá taõ apartado, que nos naõ poſſamos valer do ſeu poder, quando nos for neceſſario, e o tiver. E aſſim deſtas terras recebemos o beneficio, que a conquiſtada India nos nega. Cuja Milicia tambem para as occaſiões de Europa he de pouco effeito; porque nella o deſordenado accommetter tem dado muitas vezes grandes victorias, e cá ſó prevalece a diſciplina, e ordem militar: mas niſto vos peço que me naõ contradigais; porque ainda que eu diga bem, me parecerá, que erro, ſe naõ ſeguir o voſſo parecer,

Sold. Dizeis tudo taõ bem, que nada ſe póde contradizer.

Fil. Temos logo concluido (como já diſſe) que a conquiſta da India cahe no genero deleitoſo?

Sold. Conforme ao que eſtá dito, naõ ſe póde negar eſta concluſaõ.

Fil. E qual era a de que eu diſſe que vos lembraſſeis?

Polit. A mim me naõ eſquece. E he, que o esforço ſe comprehende no util, e que o homem esforçado he util á ſua Patria.

Fil He aſſim, ſenhor Soldado?

Sold. Aſſim he.

Fil.

Fil. Logo ſe o esforço he util, e a conquiſta da India o naõ he, naõ diremos que foi obra de verdadeiro esforço; e naõ ſendo obra de verdadeiro esforço, diz muito bem o Politico, em dizer, que fora mais util a eſte Reino naõ a intentar, pois ſó as obras de verdadeiro esforço (como eſtá provado) ſaõ uteis aos Eſtados. Tendes mais alguma duvida?

Sold. Duas ficaraõ para o fim deſta pratica.

Fil. E quaes ſaõ?

Sold. Huma he, que diſſeſtes, que o esforçado havia de fazer obras ſimilhantes a eſta virtude. E conforme a iſto, ſe o esforçado (era a minha duvida) ha de emprender couſas, em que moſtre o ſeu esforço, qual ſe podia emprender mais digna de hum animo valeroſo, que a conquiſta da India? E agora acho maior eſta duvida; porque tendes concluido, que a conquiſta da India naõ foi obra de verdadeiro esforço; no que parece, que contra o que tendes dito, tornais a tirar ao esforçado fazer obras esforçadas.

Fil. Eſta he huma duvida; e a outra qual he?

Sold. Que a India nos dá com ſeu commercio muita commodidade de grande ganho, o que vós concedeſtes ſer util ás Republicas.

Fil. Reſpondendo á primeira duvida, digo, que em todas as obras ſe conſideraõ duas couſas, o diſcurſo, e conceito do artifice, e a obra das máos que a fizeraõ: o meſmo conſidero eu na conquiſta da India. Aquelles por cujo

jo conſelho ſe fez, ſaõ o artifices, e os Capitáes, e ſoldados, que a pozeraõ em effeito, ſaõ as mãos, que fizeraõ a obra. Digo agora, que ſe conſiderar-mos o diſcurſo do artifice, a obra naõ he boa, pelas razões ditas, e porque as conquiſtas, que ſe naõ podem unir com o Eſtado, que as faz, de modo que nas neceſſidades, que hum, e outro tiver, ſe poſſaõ ajudar, ſeraõ damnoſiſſimas, porque em lugar de accreſcentar forças, as diminuem, ſeparando-ſe as que tem o Eſtado que as faz. E por iſſo, nunca os Romanos ſahiraõ a conquiſtar fóra de Italia, ſem primeiro a terem toda na ſua obediencia; porque (como diz Plutarco) (1) depois que Curio desbaratou a Pirrho, ſe fizeraõ ſenhores de toda Italia, e Sicilia, da qual (ſegundo Apiano) (2) intentaraõ a guerra de Libia, ficando diſtantes, com pouco intervallo de mar. E do meſmo modo em Italia, naõ ganharaõ primeiro as terras apartadas, que as viſinhas. E quando quizeraõ emprender novas emprezas, começaraõ por França, que he a primeira Provincia, em que ſe entra, ſahindo de Italia, dividida della ſó com os Alpes; e ſe paſſáraõ primeiro á Heſpanha, foi por neceſſidade, obrigados da guerra dos Cartaginenſes. E ainda que os Eſtados ſe unem pelo mar, ſeraõ aquelles, que com facilidade podem ſoccorrer, e ſer ſoccorridos nas occaſiões em que neceſſario for, e naõ aquelles de que ſe naõ po-

(1) Plut. Illuſt. (2) Apian. Bel. liv.

podem valer, nem os podem ajudar; porque as conquiſtas deſta ſorte, ainda que dellas ſe tenha algum proveito na fazenda, ſaõ de muito damno nas forças, que he mais importante; porque eſtando ſeparadas, claro eſtá que ſe diminuem. Porém iſto ſe naõ entenderá nas conquiſtas, que depois de feitas pacificamente ſe poſſaõ governar, ficando ſeguras de novos accommettimentos, ou tendo forças proprias com que reſiſtir. E aſſim digo, que conſiderando o diſcurſo do artifice, dos que ordenaraõ eſta conquiſta, a obra naõ foi boa, mas ſe conſiderar-mos como ſe obrou a manufactura, merece muito louvor. E aſſim os primeiros, que ordenaraõ ſe fizeſſe, fizeraõ obra de temerarios: mas os que a obraraõ, navegando por tantos mares, e peleijando com tantas, e taõ varias naçoes, fizeraõ huma obra heroica, e digna de eterna memoria. E aſſim ſe vê, que elles, como esforçados, naõ desfaleceraõ em tantos perigos, antes nelles ſe lhes dobrava o animo, do que ha infinitos exemplos: mas como ſe naõ podem dizer todos, quero antes calar todos, que deixar de dizer alguns, ſendo todos de igual gloria. Mas como os que ordenaraõ eſta conquiſta, fizeraõ huma empreza temeraria, teme (e com razaõ) o Politico, que desfaleçaõ como os temerarios, naõ lhe podendo valer, quando mais neceſſario for, ou por faltarem forças, ou a diſtancia o impedir. E aſſim a reſpeito da Cidade de Lisboa, e do Reino naõ ſe alcançou mais na conquiſta

da

da India, que huma gloria vã, á qual dissemos que se havia preferir a utilidade; e assim naõ se devia intentar mais que só aquillo, que para hum seguro commercio fosse necessario. E deste modo (como disse, que se veria no fim desta pratica) fica clara a soluçaõ da outra duvida, pois só da conquista até agora tratámos, que he cousa muito differente de commercio. E assim digo, que se a conquista foi damnosa, que o commercio o naõ fora, servindo-nos do proveito delle com a moderaçaõ conveniente aos politicos Estados, e á fé que professamos. E este se deve crer, que fosse o primeiro intento d'ElRei Dom Manoel, que sendo taõ prudente, naõ deixaria de conhecer os inconvenientes da conquista: e a imprudencia dos ministros, ou necessidade dos successos mal governados deviaõ de obrigar a se empenhar mais do que fora o seu primeiro intento, se naõ foi cubiça, e ambiçaõ de todos.

Sold. Concluistes esta questaõ muito a meu proposito, pois naõ tirais aos Portuguezes a gloria dos heroicos feitos, que na conquista fizeraõ, e com isto concedo ao Politico o damno que da conquista considera. Mas antes que tornemos á nossa primeira questaõ, para que tiremos desta o fructo que promette, nos haveis de dar vosso parecer, na materia da India, nestas duas cousas; se a largaremos, já que naõ he util, e quando naõ, como se continuará na conservaçaõ do que lá temos, com algum proveito, e menor damno.

Fil.

Fil. Isto saõ cousas que o Politico entende melhor, que nenhuma outra pessoa, pela muita experiencia, que tem das materias de Estado, e pela sua natural prudencia; e assim, a elle devemos pedir, que responda a esta pergunta: e vós, senhor Politico, nos deveis fazer esta mercê, pois naõ achareis outros ouvintes mais desejosos de vosso louvor, e gloria.

Polit. Tendes-nos enriquecido tanto com a vossa pratica, e esperamos se-lo ainda tanto mais, mostrando-nos como a Cidade de Lisboa he mais apta para ser cabeça de hum grande Imperio, que todas as Cidades de Europa, que naõ posso negar o que pedis; que quem recebe muito, e póde pagar com pouco, nenhuma desculpa terá de o naõ fazer: mas haveis de prometter de continuar com a pratica proposta do sitio de Lisboa.

Fil Que cousa me mandareis, que naõ faça? e mais agora, que dando de mim melhor opiniaõ da que tinha, me animais para cousas maiores! E assim naõ deixeis de nos fazer a mercê, que pedimos, que ouvindo-vos, cobrarei novas forças, como Antheo, a quem ser vencido as dobrava.

Polit. Largar a India no estado presente naõ convem, nem podemos como Christãos; e porque as razões saõ muito sabidas de todos, as naõ darei, que todos sabemos o muito cabedal que nella temos mettido, e o muito que a fé naquellas partes se tem dilatado. Pará a sustentar-mos com muito proveito nosso, he o meu

pa-

parecer, que ſe largue a navegaçaõ a todos os Portuguezes, que lá quizerem ir com ſeus navios commerciar, e venhaõ a Lisboa pagar os direito das fazendas que trouxerem, e lá façaõ o meſmo das que levarem. E para que os homens com melhor animo ſe empreguem no commercio, a primeira viagem ſerá livre de alguma parte dos direitos, e já foi lei bem guardada neſte Reino, que os Navios novos naõ pagaſſem direitos da primeira viagem, e aos donos, para a fabrica delles, ſe fazia certa mercê de dinheiro. E para a pimenta d'ElRei iraõ ſó huma, ou duas Náos, que naõ traráõ outra carga. E na India ſe terá cuidado de fazer que os Portuguezes, que eſtaõ eſpalhados pelas terras dos Barbaros, ſe recolhaõ a Goa, accreſcentando aquella Cidade á maior grandeza de povo, que ſeja poſſivel, para que com ella ſe aſſegure aquelle Eſtado, e para maior ſegurança de tudo ſe empregará nas Armadas todo o poder delle, fazendo Navios, em a maior quantidade que puder ſer, e navegando todas as monçoes aquelles mares, fazendo-ſe ſenhor delles, aſſegurará o que tiver na terra. De tudo iſto ſe ſeguiráõ grandes beneficios; porque largando o commercio, e navegaçaõ da India aos Portuguezes, ſerá muito mais frequentada, com o que creſcerá o trato da mercancîa, e com elle muito mais as rendas, que lá tem ElRei, e aquelle Eſtado ſe fará mais poderoſo, aſſim pelo creſcimento da renda, como porque ſe povoará muito mais de

Por-

Portuguezes; porque frequentando-se o trato, ficar-se-haõ muitos na India, huns por affeiçoados á terra, outros pela commodidade da mercancîa, e outros por servir a ElRei, que tambem forrará deste modo o que gasta em mandar Soldados todos os annos, e a India ficará mais segura: porque além do que digo, espalharse-haõ os nossos Navios por toda ella, e o interesse do commercio terá os Indios quietos, que saõ naturalmente mais cobiçosos que outras nações, e isto lhes tirará a pratica das Gentes, a quem nós a impedirmos, porque tendo sem perigo o nosso commercio, naõ quereraõ com elle o proveito de outro. E tambem naõ será pequeno beneficio ser isto causa de termos muitas vezes no anno novas da India; porque como a navegaçaõ se continuar deste modo, em todo o tempo navegaráõ as nossas Caravellas; podendo tomar os pórtos, que temos na Cósta de Africa, e as Ilhas de Cabo Verde, e o Brasil, as que por aquella parte quizerem navegar. E dando ElRei licença para que estes Navios se armem, farse-ha este Reino muito poderoso no mar que he a maior força deste Estado, e de todos os que dependem do mar táto como elle, o qual receberá huma geral utilidade, espalhando-se por todo o proveito do commercio. A ElRei será o beneficio maior; porque crescerá a sua fazenda muito, tendo sem gasto o primeiro proveito do commercio; e ainda maior, porque crescerá o commercio, e com elle a renda da Casa da India; e quan-

do esta renda naõ cresça, ficará ganhando tudo o que gasta na fabrica das Náos, provimento, soldos, e munições, e aonde agora o proveito he pouco, descontando-se a despeza, será entaõ muito, pois he livre della. E vindo a pimenta em huma Náo sem outra carga, e bem artilhada, e com bastantes soldados, virá muito mais segura do mar, e dos inimigos; porque as Náos boiantes com maior segurança navegaõ, haõ mister menos vento, e com grande recebem menos damno do mar, nadando em cima delle, e naõ soffrendo, como rocha, os golpes das suas ondas; e vindo ligeira, apartarse ha mais facilmente dos inimigos, e sendo-lhe necessario peleijar, huma Náo descarregada com muita artilheria, e bastantes soldados, de muitos Navios se póde defender. E querendo mandar cada anno alguma gente, alem da que podem levar estas Náos, poderáõ ir em cada Navio dos particulares os soldados que parecer, conforme a grandeza delle pagando-lhes o soldo, e dando-lhes mantimento, e assim será a India bastantemente provida dos necessarios, ainda que se a Cidade de Goa chegar (como disse) a competente grandeza de povo, e se fizer senhora de todos aquelles mares, tirará a este Reino o cuidado de soccorrer aquelle Estado com gente, que tambem será hum grande beneficio. Isto he o que agora me parece, para mais segurança da India, e mais proveito nosso, e da fazenda d'ElRei; porque o que perdermos em dar oc-

casiaõ

casiaõ de se nos ir mais gente á India, ganhamos no proveito do trato, na segurança della, e nos mais Navios que teremos armados. E se lá se ficar tanta gente, que baste a que a India tiver, e o poder de Goa, para a defensaõ daquelle Estado, escusarse-ha mandar soldados, e assim se descontaráõ os que ficaõ, pelos que se naõ mandaõ, forrando ElRei o custo da viagem. E quando Goa, e a India, tenhaõ tanto poder, que naõ dependa a sua segurança do nosso soccorro, entaõ louvarei a conquista della.

Fil. Tudo isto me parece digno do vosso entendimento, e da vossa experiencia: mas por ventura que estime, e louve, o que naõ entendo, o Soldado que he mais visto nas cousas da India, poderá melhor julgar.

Sold. Naõ ha que replicar ao que diz o Politico, e tenho por certissimo, que resultaráõ disto (se se fizer) infinitos proveitos: e assim naõ ha que dizer mais, que pedir-lhe, que procure se dê á execuçaõ; pois sendo do Conselho, tem muita occasiaõ para o fazer.

Polit. Executa-lo he muito difficultoso, que nas cousas desta qualidade, e aonde outros tem voto, melhor se ordena de novo do que se emenda o errado; e mais, porque domina a este nosso Reino huma certa Constellaçaõ, que faz os homens incapazes de receber o bom conselho, principalmente nas cousas publicas; e assim eu lhe profetizo huma grande ruina, e será ditoso o que tiver hum pé de oliveira a que se abraçar.

Sold. Trifte profecia he efta: mas eu efpero que o Filofofo nos faça outra mais alegre, moftrando como o fitio de Lisboa he capaz de eftar nelle a cabeça de hum grande Imperio.

Fil. O Politico, confiderando a perda dos bons coftumes, com muita razaõ profetiza a ruina defte Reino, que do mefmo modo profetizou Cataõ (1) a ruina de Roma, dizendo que todas aquellas nações, de quem os Romanos tomavaõ os trajos, mudando o antigo coftume dos feus, fenhoreariaõ aquella Cidade. Mas eu que confidero as excellentes qualidades do fitio de Lisboa, naõ poffo deixar de a fazer cabeça de hum grande Imperio; porque naõ fez Deos em vaõ as qualidades, que para iffo lhe deu; e naõ he pequeno argumento para ifto fer affim, ver que naõ diminuem a fua grandeza, os damnos que recebe da conquifta da India, como fe vio no que della temos dito, e como propuz no principio defta queftaõ. E pois efta Cidade naõ deixa de augmentar a fua grandeza, continuando em fuas navegações, commercios, e conquiftas, fem lho impedir efte grande inconveniente, bem fe prova (como já diffe) que he, a refpeito das partes do Mundo, muito mais capaz que Carthago, Roma, Capua, Corintho, e Conftinopla, para fer cabeça de hum grande Imperio. Mas porque ifto fó naõ bafta, para huma Cidade fer capaz defta grandeza, fe lhe faltaõ

(1) Plat. vid. Illuft.

taõ as outras partes, que a reſpeito de ſi meſma (como diſſe) ſaõ neceſſarias, conſideraremos ſe tem eſtas Lisboa, que ſaõ (como já diſſe) a ſaude, a natureza dos homens, o provimento das couſas para o ſuſtento da vida neceſſarias; e a defenſaõ, e fortaleza do ſitio; e juntamente veremos, ſe eſtas couſas excedem ás Cidades referidas. Mas hoje naõ poderemos tratar todas; porque o tempo, que nos foge, o naõ conſente, pois, como vemos, a ſombra deſte outeiro nos moſtra que o Sol eſtá já no Occidente deſte ſitio; mas vindo a elle amanhá mais cedo, daremos fim a eſta queſtaõ.

Polit. Faça-ſe aſſim. E com iſto diſſe o Fidalgo, que eſta pratica me contava, que ſe apartaraõ aquelle dia, e o meſmo fizemos nós.

DIALOGO II.

Politico. Filosofo. Soldado.

AJuntando-nos o outro dia, profeguio dizendo : que depois que tornaraõ todos ao lugar donde fe tinhaõ apartado , differa o Politico ao Filofofo , que continuaffe a pratica fem perder tempo , que todos eftavaõ bem lembrados do ponto em que ficaraõ , e que logo o Filofofo começara defte modo.

Fil. A faude he a primeira coufa , que nas Cidades fe deve confiderar ; porque , de que aproveitaõ todas as outras commodidades , fe faltar faude para as gozar ? nem como póde huma Cidade mal sã fer grande , e frequentada ? E affim Vitruvio (1) , quando moftra como fe haõ de fabricar as Cidades , diz , que aprimeira coufa he a eleiçaõ dos lugares sáos : e Ariftoteles (2) tem a mefma opiniaõ ; porque dizendo que quando fe fundar a Cidade , fe haõ de confiderar quatro coufas , a primeira he a faude. Do mefmo modo Vegecio (3) quer que a primeira coufa de que o Capitaõ tenha cuidado , feja a faude do Exercito. De dous modos fe confidera a faude dos fitios : a refpeito do Ceo , ou das qualidades da Terra.

A

(1) Vitr. l. 1. c. 4. (2) Ariftot. Pol. l. 7. (3) Veg. liv. 3. cap. 2.

A reſpeito do Ceo ſe divide a Terra em cinco partes, a que chamaõ Zonas, duas frigidas, huma torrida, ou ardente, e duas temperadas. As duas frigidas, e a torrida entenderaõ os antigos, que eraõ inhabitaveis, como diz Plinio (1); as frigidas pela obliquidade, e apartamento dos raios do Sol, e a torrida, pela rectitude, e continuaçaõ delles, ſendo eſta a cauſa das Zonas, e naõ as Conſtellações celeſtes; e tinhaõ os antigos por baſtante o apartamento do Sol, ou a ſua viſinhança, para ſe naõ poder viver; e aſſim ſó a Zona temperada entendiaõ que era habitada, adonde o Sol nunca falta, deitando os ſeus raios com moderada obliquidade, dividindo o anno com a do Zodiaco. E poſto que agora nos tem moſtrado a experiencia, que todas eſtas partes ſaõ habitadas, he couſa manifeſta, ſerem menos sãs as terras que cahem dentro dos Tropicos, ou dos Circulos Polares, como Grulandia, e a coſta de Guiné, e Ilha de S. Thomé, aonde ſe naõ vai ſem notavel perigo de vida. Divide-ſe tambem a Terra, a reſpeito do Ceo, em doze partes iguaes, conforme os doze Signos. Cada Signo occupa 30. gráos do Zodiaco em longitude, ajuntando a eſte eſpaço, o que lhe fica de huma, e outra parte, até os Polos do Zodiaco; a terra que a eſta diſtancia correſponde, ſe diz eſtar debaixo do Signo, que a comprehende. E porque todas as Conſtellações celeſtes tem par-

(1) Plin. liv. 2. cap. 68.

particulares virtudes, que dominaõ as cousas inferiores, aquella terra será mais sã, que estiver debaixo do Signo de mais benigna natureza. Lisboa, segundo a primeira divisaõ, está na Zona temperada, em 39. gráos. 30. minutos, sitio temperadissimo, por estar quasi no meio da Zona temperada, ficando 16. gráos apartada do Tropico de Cancro. Corintho está no mesmo parallelo, Constantinopla entre o quarto, e o quinto, Roma quasi no meio, entre Constantinopla, e Lisboa, e Carthago estava poucos gráos dentro do terceiro parallelo. E assim destas Cidades, esta he a mais quente, Constantinopla a mais fria, e as outras fazem segundo esta divisaõ pouca differença; e assim Lisboa he das terras, que estaõ em mais temperado sitio, a respeito desta primeira divisaõ, pois está aonde nem a visinhança do Sol a póde aquentar demasiadamente, nem o seu apartamento esfriar. E além de ser isto causa de mais saude aos córpos, que nella habitarem, tambem o he de certas disposições, com que a alma fica menos impedida nas suas operações: porque diz Vegecio (1), que a regiaõ celeste naõ só aproveita á disposiçaõ do corpo, mas sem nenhuma duvida ao valor do animo: pelo que aonde ella influe com seu temperamento melhor disposiçaõ nos córpos, do mesmo modo deve ser no que pertence ao animo. E assim diz Aristoteles (2), que as gentes

(1) Veg. liv. 1. (2) Aristot. Pol. liv. 7.

tes que habitaõ regiões frias, e as que em Europa tem grande animo, saõ faltos de engenho, e os que habitaõ em Asia, tendo grande engenho, saõ de pouco animo; e que os Gregos, assim como tem a regiaõ media (entende a Zona temperada) assim tambem saõ participantes destas cousas, e pelo conseguinte mais perfeitos. A experiencia nos tem mostrado isto mais claro, do que podem nenhumas razões, pois a todos he manifesta a vantagem, que as nações de Europa fazem a todas as outras do Mundo, e dellas as que habitaõ a parte mais temperada, saõ de mais perfeita natureza, como se vê nos Hespanhoes, e Italianos. E assim estando Lisboa no mais temperado destas duas Provincias, claro fica, que ha de influir o Ceo nella, assim na disposiçaõ do corpo, como no que pertence ao valor do animo, mais perfeitamente a sua virtude. Em quanto a alma está unida com o corpo, naõ póde obrar senaõ por meio dos instrumentos corporaes; porque se assim naõ fora, tendo ella em todos os homens huma igual potencia, obrara em todos igualmente, o que naõ he, pelo que se vê, que ella naõ obra só por si, senaõ ajudada das disposições do corpo, as quaes se alteraõ conforme o temperamento das qualidades; e assim vemos a huns ter muito engenho, e a outros muito pouco, naõ por defeito da alma, mas pelo que tem na compostura do corpo. Pelo que, se o Ceo faz mais perfeitos córpos, aonde mais temperadamente influe, necessariamente

as

as almas que os informarem, obraráõ com mais perfeiçaõ. E que o temperamento do Ceo seja causa de se produzirem na terra cousas mais perfeitas, claramente se conhece; porque a corrupçaõ está nos extremos (como diz Aristoteles) (1), e assim naõ póde ser, que ordinariamente produzaõ as cousas com perfeiçaõ as regiões muito frias, ou muito quentes; porque a perfeiçaõ he meio entre o excesso, e defeito: e (como diz Aristoteles) os extremos refutaõ o meio; e assim no extremo frio das partes Septentrionaes, e na extrema quentura das que estaõ sotopostas ao curso do Sol, naõ póde a natureza criar as cousas de temperada composiçaõ; pelo que só nas Zonas temperadas necessariamente as deve haver. E pois Lisboa está no mais temperado sitio desta Septentrional, segue-se, que nella ha de produzir a natureza as cousas com maior perfeiçaõ: pelo que (como disse) os homens naturaes della haõ de ter melhor compostos córpos, e pelo conseguinte obrará nelles a alma com mais perfeiçaõ.

Sold. Nisso duvido, porque a experiencia quasi geralmente nos mostra outra cousa.

Fil. Isso naõ he defeito da natureza, senaõ do costume, que corrompe a natureza, porque (comu diz Aristoteles) (2) as virtudes moraes naõ se alcançaõ por natureza, senaõ por costume, e actos multiplicados, mas naõ se alcan-

(1) Aristot. Eth. liv. 2. (2) Aristot. Pol. liv. 3.

cançaõ ſem natureza. E aſſim os naturaes de Lisboa por natureza ſaõ aptiſſimos a todas as virtudes , mas os noſſos coſtumes corrompem a ſua boa natureza , e (como diz Plataõ) a melhor natureza , quando he mal doutrinada , ſahe peior que a inutil : e aſſim a reſpeito da diviſaõ das Zonas . em que o Ceo , e Terra ſe dividem , Lisboa eſtá em hum temperadiſſimo ſitio digno pela ſua temperança de ſer cabeça de hum grandiſſimo Imperio ; pois naõ ſó pela ſaude , ſem a qual huma Cidade naõ póde creſcer em grandeza de povo , he capaz della , mas pela diſpoſiçaõ dos ſeus naturaes ; porque (como diz Ariſtoteles) (2) os bons , e juſtos , ſe devem ſenhorear , e deſtes ſe póde eſperar , que haja mais onde o Ceo cria melhores naturezas.

A ſegunda diviſaõ ſe faz (como diſſe) conforme aos Signos celeſtes , os quaes tem muito poder ſobre as couſas inferiores , como aſſirmaõ os Aſtrologos ; e quando naõ ſeja tanto como elles querem , naõ ha dudida , que cada hum tem huma propria viriude. Porque ſe Deos poz alguma particular virtude em todas as couſas , que creou na terra , como experimentamos, muito maior , e muito mais efficaz a devia pôr nas ſuperiores. E como he maior perfeiçaõ de qualquer couſa obrar por ſi a ſua virtude , que ſer-lhe neceſſario para o communicar a ajuda de outra , os Aſtros celeſtes , que ſaõ

(1) Plat. Rep. liv.6, (2) Ariſtot. Pol. liv. 3.

ſaõ de mais perfeita natureza que as hervas; e plantas, e todas as couſas materiaes criadas na terra devem ter eſta perfeiçaõ de obrarem por ſi toda a ſua virtude: e aſſim diz Plinio, (1) que cada Conſtellaçaõ celeſte exercita no ſeu movimento a ſua natureza: pelo que haõ de eſtar neceſſariamente influindo ſempre a ſua virtude nas couſas inferiores, porque para as ſuperiores naõ ha nenhuma neceſſidade della, e Deos naõ creou couſas ſuperfluas. E aſſim a terra que eſtiver debaixo de mais benigno Signo, como elle eſtá continuamente influindo nella a ſua virtude, de neceſſidade ha de ter em muita mais perfeiçaõ todas as couſas. Pelo que a que eſtiver debaixo de melhor Signo, aſſim como na perfeiçaõ excede ás outras, aſſim deve ter o imperio de todas; porque por natureza as couſas melhores ſaõ ſuperiores. Eſtá Lisboa (como diſſe) em 39. gráos e meio da parte do Norte, que he quaſi no meio da Zona temperada, cujo ſitio cahe debaixo de Aries, e naõ em alguma extremidade ſua, mas no meio, aonde elle mais efficazmente influe a ſua virtude, naõ ſendo impedido da rigoroſa vehemencia da quentura do Sol, como na Zona torrida. E como ſó na temperança obra a virtude perfeitamente em Lisboa, que he a mais temperada terra, que abraça a influencia de Aries, influirá a elle a ſua virtude mais efficazmente. A qual excede tanto á dos ou-

(1) Plin. de nat. Hiſtor. lib. cap. 39.

outros Signos, quanto elle he produzidor de melhores effeitos. Todos os outros Signos saõ causa de alguma corrupçaõ, e elle só das gerações, e muito melhor he o que gera, que naõ o que corrompe. E assim melhor he que Taurus, que já corrompe algumas flores, que Aries gerou, e delle successivamente se vai multiplicando a corrupçaõ pelos outros Signos, segundo se vaõ apartando de Aries, até que elle torna como prudente Governador do Mundo, a reformar o que elles destruiraõ, merecendo dignamente o titulo de Rei que Nigidio lhe dá: porque assim como he dignamente Principe (como diz Plataõ) (1) aquelle que procura a utilidade dos subditos, elle que reforma, e renova o Mundo, justamente se lhe deve este titulo. He tambem Rei dos Signos, porque delle se começa o movimento; seguindo-o os mais, como a seu Principe, porque delle começou o Sol a allumiar a terra no principio do Mundo, segundo a commum opiniaõ. E esta he clarissima razaõ da sua benigna natureza; porque quando a immensa benignidade de Deos (2) se quiz communicar, naõ havia de ser em tempo dissimilhante a ella, e assim naõ foi no rigoroso frio de Aquario, e Capricornio, nem no tempo em que o Sol de Cancro abraza a terra, mas quando estava em Aries, o que he

(1) Plat. Rep. liv. 1. (2) S. Leon. serm. 9. de Pat. venerabilis Beda in l. de rat. temporum. Euseb in Chronico. Theodoretus 9. 72. in Exod.

he certiſſimo argumento da ſua benignidade; E aſſim ſe os Signos influem, ſegundo a ſua natureza, e Lisboa recebe as influencias de Aries, e ellas excedem tanto as de todos os outros, claramente ſe conclue, que quanto Aries excede na virtude, e dignidade aos outros Signos, que influem nas mais partes da Terra, tanto a todos os outros ſitios ſe avantaja o de Lisboa. Pelo que aſſim como Aries tem o principado dos Signos celeſtes, ella o deve ter das Cidades da Terra.

Sold. Muito bem concluem eſtas razões: mas porque dizeis que Lisboa eſtá debaixo de Aries?

Fil. Seis Signos ſe applicaõ a eſta parte da terra, a que os antigos chamaraõ ſuperior, e outros ſeis a inferior; ſeis ao que fica da Equinocial para o Septentriaõ, e outros ſeis ao que fica da meſma Equinocial para o Sul: Os ſeis que pertencem a eſta parte, ſaõ Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo, e para eſtes ſeis Signos ficarem ſobre o Orizonte deſta parte, que lhes correſponde, e que os Aſtronomos lhe attribuiraõ, ha de eſtar o primeiro gráo de Aries aonde o Zodiaco ſe corta com a Equinocial, e o Orizonte deſte Hemiſpherio da parte Ocidental; e contando deſte modo para o Oriente trinta gráos, e deitando das extremidades deſte eſpaço duas linhas, que ſe vaõ ajuntar nos Polos do Zodiaco, tudo o que ſe comprehende dentro dellas, pertence a Aries, e o que na terra lhe correſponde, eſtá debaixo

deſſe, e aſſim fica Lisboa, aonde eſte Signo mais efficazmente influe (como diſſe.)

Fil. E porque naõ direis que Lisboa eſtá debaixo de Libra? porque quando o Sol, eſtando em Aries, ſe começa a levantar ſobre o Horizonte deſte Hemiſpherio Septentrional, Libra fica ſobre Lisboa, e eſtando no principio do Mundo o Sol em Aries (como ſe diſſe) primeiro que elle eſteve Libra ſobre Lisboa, eſtando ella da parte Occidental, e parece que aquellas partes, que naquelle principio ſe correſpondiaõ, devem ſer as que inda hoje ſe correſpondaõ. Pelo que naõ debaixo de Aries, ſenaõ de Libra deve eſtar Lisboa.

Fil. Muito bem duvidais; mas eu naõ ſem fundamento diſſe, que Lisboa eſtava debaixo de Aries, e para iſſo tenho algumas razões, que me parece que concluem: e reſpondendo á voſſa duvida com a primeira, digo, que todos os pontos do Ceo ſaõ, Oriente, e Occidente, porque quando o Sol ſe poem a huns habitadores da terra, naſce a outros, e aſſim naõ podemos julgar ſobre que parte da terra, eſtuva Ariei, quando delle o Sol começou a levar o dia pelo circuito da terra. E ſe eſtava, como dizeis, Libra ſobre Lisboa, ſeguirſe-hia, que os ſeis Signos, que depois della ſe ſeguem, que ſaõ, Eſcorpius, Sagitarius, Capricornius, Aquarius, Piſcis, ficaraõ ſobre toda a parte Septentrional, e pelo conſeguinte, pela meſma razaõ que dais para Libra dominar ſobre Lisboa, elles dominariaõ a toda eſta parte Se-

pten-

ptentrional, o que he contra todos os Astronomos, que attribuiraõ os outros seis Ssgnos a esta parte Boreal, e estes á Meridional; e assim havemos de dizer, que Lisboa naõ está sujeita á influencia de Libra, pois he Signo Meridional, ou que os Astronomos erraraõ na distribuiçaõ dos Signos, o que naõ póde ser, estando já por tantas idades approvada. E he cousa clara, que elles acertaraõ nesta divisaõ; porque assim como entrando o Sol em Aries, começa a reverdecer a parte Septentrional, entrãdo em Libra, faz o mesmo effeito na Meridional, e como Deos creou os Astros celestes para beneficio das cousas da terra, como se vê no primeiro capitulo do Genesis (1), onde diz, que fez Deos luminarias nó Ceo, para que dividaõ o dia, e a noite, os tempos, dias, e annos, e para que resplandeçaõ no Ceo, e allumiem a Terra, naõ se póde dizer, que pertencem a esta parte do Mundo os Signos, que saõ causa de sua corrupçaõ, senaõ os que com a sua presença o reverdecem, gerando todas as cousas para a sustentaçaõ do Mundo necessarias; e assim naõ pertencem a esta parte Septentrional, senaõ os Signos, que os Astronomos lhe attribuem, porque esses saõ causa da sua renovaçaõ, e os outros da sua corrupçaõ. E deste modo pondo estes seis Signos sobre o Orizonte deste Hemisphério, Lisboa (como está dito) fica debaixo de Aries. A segunda razaõ he, que

(1) Genesis cap. 1.

que pois os Signos celestes influem nas cousas inferiores segundo a sua natureza, similhantes a ella, faraõ as partes onde influirem. E assim, se Lisboa for da qualidade de Aries, naõ se póde negar, que recebe as suas influencias, e ella he humida, e quente como Aries; segue-se, que nella influe elle, segundo a sua natureza: e que Lisboa seja humida, e quente, consta da experiencia, e Aries, por opiniaõ de todos os Astronomos, tem as mesmas qualidades: e por isso, attribuindo aos Signos as idades dos animaes, a elle daõ a infancia, que he humida, e quente; e sendo elle o principio da geraçaõ, naõ podia ter outras qualidades, porque só estas saõ aptas a gerar.

Sold. E porque naõ considerais, para ver que Signo domina a Cidade de Lisboa, os effeitos dos Eclipses, e dos Cometas, como já ouvi, que consideravaõ os Astrologos?

Fil. Os Astrologos trataõ dos successos da fortuna, e eu das obras da natureza, e por isso fazemos differentes consideraçóes, e a sua sciencia vá (se nome de sciencia merece a que naõ tem certas concluſóes) considera a fortuna da Cidade, para o que faz fundamento do Signo que estava no seu ascendente, quando se poz a primeira pedra da sua edificaçaõ, e este quer que seja o que naquella Cidade domine: e porque isto he difficultoso de saber, valem-se os Astrologos dos effeitos dos Eclipses, e Cometas, e nenhuma destas razões, pertence ao sitio; porque o sitio, como eu trato, naõ

depende dos movimentos do Ceo accidentaes; senaõ da natural disposiçaõ delle (chamo accidentaes os cursos das estrellas errantes); e assim como desde o principio da creaçaõ do Mundo as influencias celestes tiveraõ certas propriedades, do mesmo modo as houve nos sitios da terra, sendo huns dos outros differente em qualidades; e porque as cousas da terra estaõ sujeitas ás superiores (como já disse) he cousa certissima, que sempre os sitios della tiveraõ certas partes do Ceo, que nelles influissem sem alteraçaõ, e para se saber quaes estas saõ, naõ ha outra mais clara demóstraçaõ, que a similhança das qualidades; porque naõ he possivel, que nenhum agente obre effeitos contrarios á sua natureza, que o fogo naõ póde esfriar, nem a neve aquentar: pelo que tendo Lisboa as mesmas qualidades de Aries, taõ differentes das de Libra, que he fria, e seca, Aries, e naõ Libra dominará sobre ella naturalmente. E por isso diz Aristoteles (1), que ha por natureza algumas cousas dispostas para senhorear, e outras para obedecer; porque assim como Aries he Rei dos Signos; assim deu ao sitio de Lisboa as qualidades, que a fazem apta para estar nella a cabeça de hum grande Imperio.

Sold. A respeito das influencias celestes, e climas, segundo o que esta dito, naõ se póde negar: falta agora ver, se a respeito da terra tem a mesma perfeiçaõ.

Fil.

(1) Aristot. Polit. liv. 3.

Fil. Taõ perfeita he pelas qualidades da terra, como pelas influencias celestes. Para conhecer qual he o sitio saõ a respeito da terra, se devem considerar seis cousas; a primeira, a que parte do Ceo olha; a segunda, se está em algum monte, ou valle; a terceira, se tem alguns paûes visinhos, ou algum rio, e terra de má qualidade; a quarta, que agua tem para beber; a quinta, que qualidade de mantimentos; e a sexta, se está junto do mar, ou de rio, capaz de levar as immundicias, sem fazer damno aos moradores da Cidade com pestiferos vapores. Na primeira consideraçaõ destas, se ha de advertir, que as terras que estaõ voltadas ao Norte, naõ podem ser de saõ temperamento; porque os ventos frios do Inverno costumaõ fazer mais priorizes, que as calmas do Veraõ, e ordinariamente causaõ catarros, de que muitas vezes se geraõ doenças de má qualidade; e por isso queria Socrates (1), que as janellas que estivessem á parte do Norte, fossem pequenas. As terras, que olhaõ ao Meio dia, se naõ tem algum Norte, que espalhe os grossos vapores, que a quentura do Sol levanta, tambem saõ pouco sás, e do mesmo modo, as que tem o rosto ao Poente, pela mudança que faz o ar, como diz Vitruvio (2) porque diz elle, que o ar do Poente nascendo o Sol se amornece, e ao meio dia aquenta,

(1) Xenof. dos feitos, e ditos de Socr. liv. 3,
(2) Vitr. liv. 1. cap. 4.

e á tarde queima, e que por esta mudança he causa de doenças. Mas as terras, que vem nascer o Sol, sem duvida saõ de benignissimo temperamento, porque no Veraõ, nunca o Sol ao nascer he muito quente, e depois que se levanta ao Meio dia, naõ entra nas casas, bastando huma pequena sombra do tellhado, para lho defender, e no Inverno mais a quenta, porque como anda baixo, entra nas casas gastando as frias humidades da noite. E assim esta he a parte do Ceo mais temperada, e pelo conseguinte mais sá, porque (como diz Vitruvio) (1) as Cidades, que estaõ voltadas á parte do Ceo mais temperada, saõ mais sás; e tratando da edificaçaõ das ruas da Cidade, confirma esta minha opiniaõ, dizendo, que os ventos frios offendem, os quentes corrompem, e os humidos fazem damno. E assim só o vento Oriental parece que approva, porque os ventos do Norte saõ frios, os do Meio dia quentes, e os do Poente humidos: pelo que os do Oriente ficaõ sendo os temperados. Vejamos agora a qual destas partes olha o sitio de Lisboa, e sabendo-a pelo que está dito, se conhecerá, se a respeito desta consideraçaõ he saõ. Como Lisboa he taõ grande, e abraça tantos montes, e valles, as suas partes, varias partes do Ceo olhaõ huma ao Norte, outras ao Meio dia, outras ao Levante, outras ao Poente; mas considerando to-

(1) Vitr. liv. 1. cap. 4.

todo o corpo da Cidade, claramente ſe verá, que eſtá voltada á parte do Ceo, que fica entre o Levante, e Meio dia, e toda ella, tirando as partes que ſaõ impedidas dos montes, ou das caſas, vê naſcer o Sol, e de modo naſce a eſte ſitio, que ſem nenhum impedimento, tanto que eſtá ſobre o ſeu horizonte, logo daõ na Cidade os ſeus raios; pelo que fica recebendo delle grande beneficio, fazendo o dia, da parte da manhá da ſua juſta quantidade, e tendo mais tempo para gaſtar as humidades da noite. E ainda que naõ eſtá (como diſſe) virada de todo ao Naſcente, iſſo lhe he de grande proveito; porque havendo de ſer por cauſa do rio humida, a quentura que recebe do Meio dia, purifica o ar, gaſtando muita parte das humidades delle. Socrates (1) approva as caſas voltadas ao Sul, dizendo que as caſas, que olhaõ para aquella parte, devem ter as janellas grandes, porque de Inverno ao meio dia entra o Sol por toda a caſa, e no Veraõ ficando ao meio dia muito alto, faz ſombra: e ſendo iſto aſſim, o ſitio de Lisboa he o melhor que póde ſer; porque tendo do Sul o que baſte, para gozar eſte beneficio, foge a ſua demaſiada quentura, com a inclinaçaõ que faz ao Naſcente. E aſſim tem o ſitio approvado de Ariſtoteles, (2) que diz, que as Cidades voltadas ao Oriente, e aos ventos, que delle reſpiraõ, ſaõ mais ſãs.

---

(1) Xenof. dos feit.e dit. de Soc.l. 3. (2) Ariſt. Polit. liv. 7.

sás. E porque de nenhum modo lhe podesse fazer damno o Sol do Meio dia, alevantando dos valles da Cidade grossos vapores, pelas aberturas delles lhe entraõ os ventos Septentrionaes, que os espalhaõ, e gastaõ. Pelo que nenhuma das outras Cidades, que se julgavaõ por dignas de Imperio, lhe póde fazer vantagem, e de minha opiniaõ nenhuma se lhe iguala, senaõ Constantinopla, segundo esta consideraçaõ; porque do mesmo modo que Lisboa olha entre o Levante, e Meio dia, ficando com as costas (como diz Zozimo) entre o Occidente, e Norte, e ainda Lisboa se lhe avantaja, pelo beneficio, que (como disse) lhe faz o Norte, que entra pelos seus valles. Com os sitios das outras Cidades naõ se póde fazer comparaçaõ nesta parte, porque Carthago, como dizem Estrabon (1), e Apiano, estava nas fraldas de hum monte, que no meio della se levantava, e como cercava o monte por todas as partes, ficava sotoposta a todos os ventos, e naquella parte saõ os do Meio dia muito quentes, e pela mesma razaõ nocivos. Roma tem sitio baixo com alguns pequenos outeiros dentro della, e á roda, e assim o Sol, que no Veraõ está sobre ella desde que nasce até que se poem, he intoleravel, e damnosissimo, naõ tendo por onde se espalhar os vapores, que dentro della levanta, com o que tem certissimo perigo de vida, quem neste tempo en-

(1) Estrab. liv. 7. Apian. Bel. Punic.

entra nella. Capua (1) faz pouca differença, estando tambem em sitio baixo, e com pouco reparo à quentura do Sol, e aos frios ventos. E Corintho toda estava voltada ao Norte, ficando-lhe nas costas hum altissimo, e aspero monte, chamado Acrocorintho. E assim naõ diremos, a respeito desta consideraçaõ, que tem nenhuma destas Cidades taõ bom sitio como Lisboa.

A segunda consideraçaõ he, se está assentada a Cidade de Lisboa sobre o cume de algum alto monte, ou na planicie de algum fundo valle Vitruvio (2) parece que no principio do capitulo em que trata dos sitios sãos para a edificaçaõ das Cidades, quer que seja mais saõ o que estiver alto, e eminente, e conforme a isto se entende que elege os cumes dos montes: mas logo mais abaixo diz, que o sitio, que se eleger, olhe para as partes do Ceo, que naõ sejaõ muito quentes, nem muito frias; no que parece, que nos declara o lugar referido; porque se o sitio ha de olhar ás partes do Ceo mais temperadas, naõ póde ser o do cume dos montes, porque esse fica descuberto a todos os tempos, e sotoposto a todas as partes do Ceo: e assim se deve entender, que escolhe as meias ladeiras, que olhaõ as partes do Ceo, que temos dito: e isto entendeo tambem Vegecio (3); porque tratando da saude do exercito, diz, que naõ alojará de Veraõ nos montes, onde naõ hou-

(1) Estrab. l. 8. (2) Vitr. l. 1. c. 4. (3) Veg. l. 3. c. 2.

houver ſombras de arvores; porque ficando deſcubertos aos raios do Sol, naõ ſe poderáõ os Soldados conſervar nelles com ſaude. E aſſim naõ deve dizer Vitruvio, que ſe elejaõ os cumes dos montes: pelo que tendo por sãos ſitios eminentes, e altos, e voltados ás partes do Ceo mais temperadas, naõ podem ſer ſenaõ os das meias ladeiras, e eſtes eſcolhem os praticos na arte militar, para alojar os exercitos, podendo ter guardado o cume do monte, que lhe ficar ſuperior. E Polibio (1) gabando muito o ſitio de Agrigento, que foi já grande Cidade de Sicilia, das ſua palavras ſe collige, que eſtava na meia ladeira de hum alto monte. Huma das commodidades, que tem as meias ladeiras (como do que eſtá dito ſe comprehende) he ficarem abrigados com o monte os lugares, que nellas eſtiverem bem aſſentados, dos ventos nocivos, e outra ſerem mais limpos, porque chovendo, como a agua por ſua natureza buſca o baixo, naõ ſe detem nas meias ladeirar, levando com o impeto da ſua corrente as immundicias, alimpando dellas a terra, o que naõ póde ſer nos lugares aſſentados nos valles, e terra chá, os quaes (humedecendo-ſe com a agua da chuva as immundicias) ſaõ chêas de peſtiferos vapores; e outra grande commodidade he, que gozando deſtes beneficios, tem mais facil o ſerviço, que os lugares poſtos nos cumes dos montes. Conſiderando agora Lisboa

---

(1) Polib. liv. 9.

boa, ainda que a ſua grandeza naõ cabe em huma ſó ladeira, nem ſe contentou de deixar livres do ſeu pezo os cumes dos ſeus montes, a maior parte della eſtá nas ladeiras de ſeis que olhaõ á parte que tenho dito, entre o Oriente, e Meio dia, gozando das commodidades, que tem os lugares ſituados deſte modo, como eſtá dito.

A terceira couſa, que diſſemos que ſe havia de conſiderar, he, ſe Lisboa eſtá junto de alguns paûes, ou rio, e terra de má qualidade. As terras viſinhas a eſtas couſas ſaõ de pouca ſaude para os ſeus habitadores, porque o vento, que vier da parte donde eſtiverem, trazendo os ruins vapores, que deſtas partes ordinariamente ſe levantaõ, e infecionando com elles o ar, os córpos, que com a reſpiraçaõ os receberem dentro em ſi, e aonde pelos poros penetrarem, naõ deixaráõ de ter continuas doenças. E aſſim diz Diogenes Laercio (1), que tinhaõ os Solinenſes peſte continua, procedida dos vapores que ſe levantavaõ do rio, que corria junto de Solinenſe, a qual curou Empedocles, mettende no rio outros dous de boa qualidade. E as alagoas, e paûes, ordinariamente cauſaõ doenças ás terras, que lhe ficaõ viſinhas, quando elles naõ tem alguma corrente; porque eſtando a agoa por muito tempo repreſada, corrompe-ſe, e com a quentura do Sol manda peſtiféros vapores, e deſta cauſa

(1) Diog. Laer. liv. 8.

ſa diz Vitruvio (1), que procediaõ as doenças dos moradores da antiga Salapia, Cidade de Pulha, pelo que a rogo dos Salapianos, a mudou M. Hoſtilio a outro ſitio, quatro milhas apartado do primeiro, no qual viveraõ com ſaude, eſtando livres dos ruins vapores, com que o repreſado lago, na primeira habitaçaõ, inficionava o ar. E aſſim os lugares junto de paũes, ou lagos deſta ſorte, naõ podem ter a ſaude neceſſaria para creſcer em grandeza de povo, como he neceſſario, que tenha a Cidade capaz de Imperio: e por iſſo Vegecio, (2) naõ quer, que o exercito aloje junto de paũes. E a terra do meſmo modo diz Plinio (3), que em algumas partes produz vento, ou ar peſtifero, o qual ſahe pelas cavernas da terra, ou do meſmo lugar, pela malignidade do ſitio, e traz alguns exemplos em prova diſto, entre os quaes diz, que junto a Roma, no monte Soratte, morrem os paſſaros pela peſtilencial natureza do ar; e a meſma Cidade, pelos vapores, que ſe levantaõ do Tibre, e de algumas alagoas, que ha no ſeu territorio, parece que tem para os homens a qualidade do monte; porque todo o homem, que entra nella de Veraõ, ſe poem a perigo de perder a vida. Naõ ſuccede menos em Capua, pela meſma razaõ de eſtar em ſitio apaûlado, e ter hum pequeno rio, de que ſe levantaõ vapores. Cartha-

(1) Vitr. liv. 1. cap. 4. (2) Veg. liv. 3. cap. 2. (3) Plin. liv. 2. cap. 93.

thago he agora de ruins ares, de que hum moderno quer seja causa a sua destruiçaõ: o que me parece ao contrario; porque a gente naõ purifica a natureza dos sitios, antes com as immundicias os corrompe, e estas saõ mais aonde ha mais gente: e assim, a causa de ser agora o sitio, onde esteve a antiga Carthago, de ruins ares, e pouco sãos, será ter da parte do Oriente o lago, que vai de Argel até Tunes, occupando o espaço de dez milhas, pelo que naõ só agora este sitio he pouco saõ, mas sempre o foi, por ser este lago nocivo á saude dos homens, como experimentou o exercito de Cataõ Censorino; porque alojando no cerco de Carthago (como diz Apiano Alexandrino) (1) entre o lago, e a Cidade, lhe foi forçado desalojar, porque pelos ruins vapores, que do lago se levantavaõ, lhe adoeciaõ os soldados. Lisboa pelo contrario, naõ só está livre de todas estas cousas, que a podiaõ fazer de ruins ares, mas he de taõ excellente natureza o ar, que cobre todo o seu territorio, que os rios delle, a terra, e mais agoas, devem ser de taõ saũdavel natureza, como a terra de Polesine, que diz Plinio (2), que sara todas as feridas. E assim, de todo o territorio de Lisboa parece, que da terra, fontes, e rios, respiraõ suavissimos vapores, amigos da natureza humana; porque he cousa certissima, que a benignidade dos ares deste sitio, naõ só he por na-

(1) Apiano da guerr. Carth. (2) Plin l.2.c.96.

natureza deleitoſa, pelo ſeu temperamento; mas de grandiſſimo proveito para algumas doenças, como ſe vê nos quartanarios, que adoecendo em outras partes, ſaraõ muitos, vindo a Lisboa. E he clara prova do benigno temperamento della, ver que em todo o ſeu territorio, no Veraõ ſe naõ foge da calma, nem no Inverno ſe buſca para o frio muita defenſaõ; no que parece que a ſalubridade do ar livra do damno, que eſtes dous tempos com ſeu rigor em toda a parte fazem. E naõ he menor prova diſto, produzir a terra do ſeu termo, quando as outras ſeccas, e nuas apparecem, naõ ſó diverſidade de hervas ſalutiferas, que em todos os tempos ſe vendem na feira das terças feiras; mas roſas, e boninas, ſem nenhum artificio humano. E aſſim, parece que Deos criou eſta terra, para ter o Imperio do Mundo; pois a preſervou de tudo o que lhe podia fazer damno, e lhe deu tudo o que a podia engrandecer. E iſto ſe vê, deixando as mais couſas, que nos ſeus lugares ſe trataráõ, na ſeparaçaõ, que o grande rio, que rega os ſeus alicèrces, faz della, e da terra da outra parte: porque ſendo neceſſario á grandeza de Lisboa, que naõ foſſe muito habitada a terra, que lhe fica defronte (como a ſeu lugar ſe dirá) fe-la Deos de ruins agoas, e peiores ares, chêa de paûes, e amargoſas, e areaes eſtereis; e porque os vapores deſta parte naõ chegaſſem a Lisboa, poz eſte rio no meio, taõ largo que naõ he poſſivel ſerem-lhe nocivos; porque no

mais

mais largo he de tres legoas, e no mais eſtreito, aonde he de huma, naõ ha da outra parte paũes, nem alagoas de que poſſaõ ſahir groſſos vapores. E tambem para eſte intento naõ he de pouca conſideraçaõ, parecer que recopilou Deos no ſeu deſtricto todo o Mundo: porque todo elle eſtá repartido em partes frias, que ſaõ as Zonas, que fazem os Circulos Polares, e quentes, que he quanto abraça a Torrida, e em temperadas, que he o que fica entre os dous Tropicos, e os dous Circulos Polares: o meſmo recopilou Deos neſte pequeno deſtricto de Lisboa; pondo cinco legoas della a maravilhoſa Cintra, aonde no Veraõ he neceſſario abrigar do frio, como em outras partes no Inverno, e da outra parte do rio he o Sol taõ quente, que o podem mal ſoffrer as peſſoas, que naõ eſtaõ habituadas a iſſo, e no meio deſtes dous extremos, fez huma Zona temperadiſſima, aonde poz Lisboa, moſtrando niſto que aſſim como Lisboa he cabeça deſte deſtricto, ſimilhante ás partes do Mundo, aſſim o deve ſer de todo elle.

Sold. Perdoai, ſe interrompo a pratica, porque naõ ſe póde deixar paſſar ſem louvor eſte conceito, o qual me parece, naõ ſó do voſſo engenho, mas grande artificio da providencia de Deos. E delle argumento, que naõ ſó devemos procurar fazer a Lisboa cabeça do Mundo, mas que ſe aſſim o naõ fizermos, offenderemos a Deos, pois naõ ſeguimos o intento da ſua providencia.

Fil.

Fil. Dizeis muito bem, e assim devemos esperar, que se o naõ for em nossos tempos, que viraõ outros em que o seja. E temos assim, que Lisboa naõ só naõ tem as cousas, que lhe pódem fazer damno á saude, naõ havendo no seu termo paûes, e alagoas de má qualidade, mas os rios, as fontes, e terra saõ de saudavel natureza; e assim passemos á quarta consideraçaõ da agoa de beber.

A agoa he huma das cousas necessarias para o sustento da vida, e a que mais varias propriedades tem; porque (como se lê em Plinio) (1) huma he de natureza venenosa, outra saudavel, huma amargosa, outra doce, huma aproveita para algumas doenças banhando-se nella, e outra mata a quem faz o mesmo; e ha algumas agoas, que deitaõ oleo, e outras bitume, e outras que convertem em pedra o que nellas se deita, e (como diz Vitruvio) (2) a agoa, que bebem os naturaes de Troezzeno, os faz doentes dos pés, e a do rio Cydnos mitiga os ardores de gota, a quem tendo-a mette nella os pés. E assim sendo ella taõ necessaria, como experimentamos, e tendo taõ varias qualidades, convem que a Cidade, que houver de ser grande, e populosa, a tenha de boa natureza: porque a agoa he hum universal alimento, que se naõ póde, quando faltar, ou for ruim, supprir com outra cousa;

co-

(1) Plin. l. 2. c. 103. e l. 31. c. 2. e 3. (2) Vitr. liv. 9. cap. 3.

como os mantimentos, que se hum naõ for bom, póde se usar de outro que o seja; que se o porco he humido, e a vaca de má digestaõ, póde-se comer carneiro, mas tudo o que se bebe, para matar a sede, que naõ he agoa, a costuma accrescentar, e além disto as mais das cousas que se comem, participaõ della: pelo que, se for venenosa, levando a sua malignidade misturada com mantimento, de que o corpo se ha de sustentar, fará nocivo o que for bom: e assim, he necessario que haja agoa, e que seja boa. Pelo que querendo Salamaõ edificar huma grande Cidade em Soria, teve mais respeito a agoa, que a outras commodidades; porque (como diz Josepho) (1) deixando as partes habitadas, edificou no deserto de Soria superior, Thamor, ou segundo a interpretaçaõ latina, Palmira, porque naõ achou em outra parte abundante commodidade de agoa. Querendo Vitruvio (2) mostrar, qual he a melhor agoa, diz ha aglumas fontes quentes, das quaes sahe agoa taõ suave no beber, que se naõ deseja a das fontes Camenas, nem a corrente Marcia. Desta qualidade he a agoa de Lisboa, de que communmente se bebe, correndo copiosamente na antiga fonte, a que chamamos chafariz d'ElRei: porque quando sahe traz huma suave quentura gostosa, e proveitosa a quem a bebe, e he claro argumen-

---

(1) Joseph. de Antiquitat. liv. 8. c. 6. (2) Vitr. liv. 8. cap. 3.

mento da ſua perfeita natureza, que ſendo ordinario fazerem catarro as agoas naõ coſtumadas, nunca deſta ſe queixou nenhuma peſſoa, que de novo vieſſe a Lisboa; e he couſa provavel, que ſe ha fontes (como diz Vitruvio) (1) de tal propriedade, que fazem maravilhoſa voz para cantar aos que naſcem no lugar que dellas bebem (como diz que eraõ as fontes de Tharſo, Magniſia, Zama) que eſta de Lisboa tenha a meſma propriedade, pois ordinariamente os naturaes deſta Cidade tem boas vozes; e ſendo ella de ſuave temperamento, antes quente, que fria, he couſa clara ſer proveitoſa para o peito: e aſſim naõ errará quem diſſer que ella he cauſa das boas vozes que em Lisboa docemente ouvimos cantar. E tambem dos bons caróes, que conſervaõ as mulheres, pelo que as que limpa, e curioſamente ſe trataõ, a mandaõ levar fóra da Cidade muitas legoas. E do meſmo modo por todo o ſeu territorio ha fontes, rios, e poços, de boniſſimas agoas, e algumas com particulares propriedades para beneficio de algumas doenças, como a fonte da Pipa, cuja agoa aproveita aos doente de pedra, e a da Pimenteira, que ſe buſca para os doentes de febres. E aſſim tambem, a reſpeito deſta parte, naõ ſaõ ſuperiores a Lisboa as outras Cidades, aptas ao Imperio. Porque a fonte Marcia, que diz Plinio (2), que foi hum dos dons que Deos concedeo a Roma,

(1) Vitr. liv. 8. cap. 4. (2) Plin. liv. 31. cap. 3.

ma, naõ he de melhor agoa, que as que tenho dito de Lisboa; e Capua tem muito ruins agoas, e em Carthago diz Vitruvio (1), que ha huma fonte, que traz em cima da agoa, hum oleo, que cheira como casca de Cedro, com o qual untavaõ (como os nossos pastores com o de Zimbro) as ovelhas; e aonde ha esta fonte, naõ podem ser as de que se bebe taõ saudaveis, e de boa qualidade, como as de Lisboa; porque toda a agoa toma da terra por onde passa: e sendo a de Carthago (como mostra a fonte referida) grassenta, e untuosa, naõ devem ser geralmente as agoas boas: e quando as de Corintho, e Constantinopla, sejaõ boas, naõ podem ser melhores que as de Lisboa, como do que tenho dito se vê.

No quinto lugar destas consideraçóes, dissemos ser necessario para a saude das Cidades capazes de Imperio, estarem em sitio onde sejaõ providas de mantimentos de boa qualidade, e sáos. Isto se entende de dous modos: Hum, que a especie dos mantimentos seja boa, naõ tendo por paõ arroz, como em muitas partes da India, nem milho zaburro, como em Guiné, nem farinha de páo, como no Brasil, nem tendo por ordinario mantimento gafanhotos, como diz Diodoro (2), que tinhaõ os Acridophacios certos Póvos de Ethiopia, ou carne de Emas, e leite de Camelos, como os que habitaõ da outra parte dos montes claros,

H em

(1) Vitr. liv. 8. (2) Diodor. Sic. liv. 3.

em terras de arêa, e eſtéreis; e eſtas devem ſer as aves cervinas, de que Diodoro (1) diz que ſe ſuſtentavaõ certas gentes de Ethiopia, a que chama Eſtrutophagos. E ſendo os mantimentos da melhor eſpecie delles, ſe deve conſiderar, ſe na ſua eſpecie ſaõ bons, ſãos, de bom nutrimento, e ſubſtanciaes; porque as gallinhas, cuja carne he de melhor nutrimento, e mais sá, em S. Thomé tem contraria natureza, e em Italia geralmente ſaõ os mantimentos de pouca ſubſtancia; e o carneiro, que em Heſpanha ſe tem pela melhor carne, lá ſe naõ eſtima, nem he taõ bom. Conſiderando deſte modo Lisboa, a eſpecie do ſeu mantimento he a melhor que póde ſer, ſendo o paõ de trigo mantimento de todo o Mundo approvadiſſimo, em bondade, goſto, e ſubſtancia; tem copia grandiſſima de vinhas, que a provêm de muito vinho, bebida mui ſubſtancial, e por tal eſtimada de todas as nações, differente da cerveja que bebem os do Norte, e do vinho de Palmas do Malabar. As carnes ſaõ carneiro, vaca, e porco. As aves ſaõ gallinhas, perús, pombos, adens, e patos: das caças tem abundancia de perdizes, coelhos, lebres, adens, e patos bravos, veados, e pórcos montezes, ainda que naõ ſaõ communs, por reſpeito das coutadas: de peſcados tem com muita abundancia, todos os que eſtá em uſo ſervirem para ſuſtento dos homens; e frutas, e hortaliças, mais que em

(1) Diodor. Sic. liv. 3.

em outra alguma parte do Mundo; e olivaes, como em outras partes, bosques de arvores silvestres, pelo que naõ usaõ nella manteiga em lugar de azeite, corrompedora dos estomagos, como usaõ as nações do Norte, e em parte de França, e Lombardia. E considerando a bondade de todas as cousas em si, acharemos hum manifesto argumento da salubridade deste sitio, e territorio; porque a boa terra, boa agoa, e bom clima criaõ bons pastos aos animaes, e elles com os bons pastos se fazem mais sãos, e de melhor nutrimento, e por isso (como diz Vitruvio) (1) quando os antigos Romanos queriaõ alojar algum exercito, ou fabricar algum Castello, faziaõ primeiro sacrificio das ovelhas, que naquella parte pastavaõ, e achando pela experiencia, que em muitas faziaõ, que tinhaõ o figado, e mais membros interiores sãos, e de boa natureza, tendo-o por clarissimo signal da boa qualidade dos pastos, agoa, e clima, alojavaõ, ou fabricavaõ naquelle sitio; e quando achavaõ esta experiencia ao contrario, buscavaõ outro. E assim quando por outras razões naõ tivera provado a bondade do clima, do territorio de Lisboa, pelos animaes que nelle pastaõ, ficará bem clara a bondade delle; porque havendo-os em todo este Reino geralmente de muito bom nutrimento, os do Termo de Lisboa fazem tanta vantagem a todos os outros, que naõ ha pes-

(1) Vitr. liv. 1. cap. 4.

ſoa de quem naõ ſeja conhecida. Do meſmo modo todas as couſas, que a qui produz a terra para ſuſtento dos viventes, ſaõ com muita vantagem ſuperiores, geralmente na bondade, ás de qualquer outra parte. Porque quem veio jà mais a eſta Cidade, que naõ conheceſſe eſta differença? a qual naõ podia deixar de ſer aſſim, e pelo conſeguinte reſultar pelos bons mantimentos muita ſaude a todos os que habitarem a Lisboa; porque tendo ella o temperamento que diſſemos, eſtando debaixo de temperadiſſimo Ceo, e benigniſſimo Signo, o ſeu terreno ha de produzir perfeitiſſimos paſtos aos animaes, e elles com bons paſtos criaõ boas, e ſubſtanciaes carnes, e com as deſta qualidade ſe ſuſtentaõ em ſaude os córpos humanos.

Sold. Aſſim he como dizeis; mas eſta Cidade naõ ſe ſuſtenta ſó com os mantimentos do ſeu Termo, e vindo-lhe das outras partes do Reino, e alguns de mais longe, como he o trigo de França, e Alemanha, naõ ſeraõ cauſa de ſaude a toda a Cidade os do ſeu Termo.

Fil. De fóra vem a Lisboa o trigo de Alemtejo, que he o melhor que ſabemos; e ſe o que trazem os Eſtrangeiros naõ he taõ bom para a gente que com elle ſe ſuſtenta, he como para a mimoſa, e nobre o de Alemtejo; as carnes vem as mais de Alemtejo, e muita da Beira, que naõ ſaõ peiores, e na bondade do trigo de Alemtejo ſe prova a das ſuas carnes: pois

pois devem ser criadas com bonissimos pastos; porque a terra, que produz bom trigo, naõ deve criar ruim herva; e os mais frutos, que a terra da Alemtejo produz, saõ tambem prova disto, sendo todos de maravilhosa substancia; porque ao vinho nenhum excede, ainda que seja o signino, que Estrabo tanto gaba (1), e o azeite (se naõ he melhor) he taõ bom como o de Valença; e assim por todas as razões a Cidade de Lisboa he alimentada dos melhores mantimentos que tem o Mundo.

Entre as cousas que Vegecio ordena (2), necessarias á saude do exercito, conclue com esta, dizendo, que se no Outono, ou no Veraõ, grande multidaõ de gente em hum mesmo lugar estiver muito tempo, da contagiaõ das agoas, e do máo cheiro dellas, produzido das immundicias dos Soldados, corrompendo-se a bebida, e o ar, se geraõ as mais das vezes muitas doenças pestiferas; e havendo tratado todas as outras cousas necessarias para a saude do exercito, sendo esta a ultima, parece que nos avisa, que se houver descuido no alimpar as Cidades das immundicias, que he forçado haver em todas muito ruins doenças, e muito mais nas de maior povo; e que todas as mais cousas uteis á saude das Cidades, seraõ de pouco effeito, corrompendo-se o ar com as immundicias; porque com a continuaçaõ dos grossos, e corruptos vapores, se impedirá a boa

(1) Estrab. liv. 5. (2) Veg. liv. 3. cap. 2.

boa natureza do clima, e se corromperá o nutrimento das boas comidas, e assim virá por esta causa a naõ ser util a bondade do sitio. Por este respeito se povoaõ estas terras, que estaõ junto do mar, ou de caudalosos rios, além das mais commodidades, pela que tem de estarem limpas: mas sendo o rio pequeno, he ordinariamente de maior damno; porque mais facilmenie, e mais se corrompem as immundicias com a humidade da agoa, que com a quentura do Sol. E assim Capua naõ póde ter do rio este beneficio da limpeza, por ser pequeno; e Roma, quando estava na sua grandeza, tambem duvido que lho podesse fazer o Tibre. Ha mais outra difficuldade nestas duas Cidades, para naõ serem taõ limpas como convem; que como estaõ em sitios chãos, e baixos, naõ póde o impeto da chuva alimpar as ruas, naõ tendo lugares eminentes, onde cahindo a agoa, com a furia da sua corrente leve ao rio o que nas ruas achar. E esta he huma das razões, com que os doutos na Arte militar approvaõ para alojar o exercito as meias ladeiras, porque chovendo se alimpaõ os alojamentos. Lisboa tem todas estas commodidades; porque está junto, naõ de hum pequeno rio, mas de hum mar, que talha o Tejo na sua foz, e assim nunca lhe podem deitar tantas immundicias, que façaõ damno; e como esta Cidade cobre as ladeiras dos montes do seu sitio, quando chove fica a maior parte della, naõ só limpa, mas lavada. e chegando ao baixo as impe-

petuosas correntes, entraõ por largos conductos, que para este effeito ha nos lugares convenientes. E deste modo naõ ha cousa, que impida ao Ceo influir na Cidade de Lisboa a benigna virtude, com que nella predomina. E assim, da Terra, e do Ceo, em suave correspondencia recebe este sitio huma extremada salubridade, com a qual, sustentando o seu povo em boa disposiçaõ, he mais apta a sustentar o pezo do Imperio, que outra alguma Cidade. Parece-vos que temos bem provada a saude do sitio de Lisboa, ou falta outra cousa, que se deva accrescentar ao que temos dito?

Sold. Tendes mostrado, que a respeito do Ceo, está em hum temperadissimo clima, e debaixo do mais benigno, e que a respeito da terra está voltada para a parte do Ceo mais temperada, olhando entre o Levante, e Meio dia, dando tambem pelas aberturas dos valles entrada aos ventos do Norte, para deitarem delles os vapores que a quentura do Sol levantar, e que occupa as meias ladeiras dos montes do seu sitio, ficando deste modo muita parte della abrigada dos frios Septentrionaes, e que naõ tem paũes, nem alagoas, e terra de má qualidade, donde lhe venhaõ ruins vapores; antes que toda a terra deita de si suavissimos espiritos, e que a agoa naõ só he de bom sabor, mas proveitosa para o fruto, e que o mantimento he o melhor, que tem outra alguma terra do Mundo, e que he muito limpa, pela commodidade do rio. E assim parece que

naõ

naõ fica que dizer, nem que desejar, para ser este sitio perfeitissimamente saõ. Pelo que bem podeis passar á consideraçaõ das outras cousas que faltaõ, que quanto melhor sahimos desta, tanto mais desejamos de as ouvir.

Fil. E lembrais-vos do que agora havemos de tratar?

Sold. Se me naõ engano, agora se ha de tratar das cousas necessarias á vida.

Fil. Muito bem dizeis: mas convem sabermos como se haõ de entender as cousas?

Sold. Parece me a mim, que he cousa bem clara; porque quem naõ sabe que saõ todas as de que nos sustentamos?

Fil. Dizeis desse modo que saõ a comida com que nos sustentamos, e o vestido com que nos defendemos do rigor do tempo, e as casas que fazem o mesmo effeito?

Sold. Que outras podem ser?

Fil. Estas saõ necessarias como uteis; naõ teremos nós tambem necessidade de outras como deleitosas?

Sold. De que modo dizeis isso, que nunca ouvi que as deleitosas fossem necessarias?

Fil. Dizemos nós, que fez Deos alguma cousa desnecessaria?

Sold. De nenhum modo.

Fil. E crearia elle cousas fêas?

Sold. Naõ póde ser.

Fil. Assim diz Plataõ (1) tratando da crea-

çaõ

(1) Plataõ Timeo.

çaõ do Mundo, e do seu Artifice, que naõ he licito que aquelle, que he summamente bom, faça alguma cousa, que naõ seja bellissima, e desse modo crearia cousas muito bellas?

Sold. Sem duvida.

Fil. Logo se elle naõ havia crear cousas desnecessarias, como dissemos, e elle cria cousas bellissimas, as bellissimas saõ necessarias.

Sold. Assim me parece que conclue.

Fil. E quaes cousas direis, que saõ deleitosas por natureza, as bellas, e necessarias, ou as fêas, e desnecessarias?

Sold. Que duvida ha em que as bellas de sua natureza saõ deleitosas.

Fil. Deste modo as cousas deleitosas saõ necessarias; porque se as cousas bellas saõ necessarias, e as bellas por natureza saõ deleitosas, claramente se conclue, que as deleitosas saõ necessarias.

Sold. Assim parece.

Fil. Dizemos logo, que temos necessidade de algumas cousas deleitosas.

Sold. Naõ se póde negar: mas de que modo saõ estas cousas?

Fil. Estas saõ humas segundo o corpo, e outras segundo a alma; segundo o corpo he por natureza deleitoso o repouso.

Sold. E naõ póde tambem ser deleitoso o obrar?

Fil. Accidentalmente sim, porque o que de sua natureza he deleitoso, sempre o será; mas no obrar naõ he assim, que ainda que no comer

mer se tem deleite, se se come muito, tambem enfastia; e assim diremos, que naõ he deleitoso, senaõ pela fome, porque o farto naõ tem deleite na comida, mas o repouso sempre deleita; e por isso diz Aristoteles (1), que a guerra se faz por causa da paz, e o negocio por causa do ocio: pelo que naõ o obrar, mas o repouso, he por natureza deleitoso; porque (como diz o mesmo Aristoteles) o peior sempre he por causa do melhor. E assim, se o trabalho da guerra, e do negocio, se quer pelo repouso, e ocio, melhor he o repouso que o obrar, e he, como disse, naturalmente deleitoso.

Sold. Assim parece: mas segundo a alma, quaes saõ as cousas deleitosas?

Fil. Assim como a alma he de natureza contraria ao corpo, assim tem contrario deleite; e se elle se deleita no repouso, ella no obrar.

Sold. Como póde ser, que estando ella unida com o corpo, se deleite em obrar, deleitando-se o corpo no repouso?

Fil. A nosso alma (como diz a Sagrada Escritura) (2) naõ he feita á imagem, e similhança de Deos?

Sold. Sem duvida.

Fil. E naõ dizem os Theologos, que Deos he hum acto purissimo?

Sold. Creio o que crê a Igreja Romana; disso que me perguntais, naõ sei nada.

Fil.

---

(1) Aristot. Pol. liv. 7. (2) Genesis cap. 1.

Fil. Qual he melhor, obrar, ou eſtar ocioſo?

Sold. Naõ diſſeſtes que ao corpo era deleitoſo o ocio?

Fil. He verdade; porque como o corpo he materia corruptivel, canſa com o trabalho; e como he de natureza menos perfeita, naõ lhe pertence o que he da mais perfeita; aſſim temos dito bem, que o repouſo lhe he por natureza deleitoſo.

Sold. Bem eſtá o que dizeis, mas que he agora o que perguntais?

Fil. Pergunto, ſe he melhor obrar, que eſtar ocioſo?

Sold. Dizei-o vós, que melhor me reſolverei ouvindo o voſſo parecer.

Fil. Querendo Ariſtoteles provar a ſua falſa opiniaõ de ſer o Mundo ab eterno, prova com eſte argumento verdadeiro, dizendo, que Deos he bom, e que ſendo bom, naõ havia eſtar ocioſo, porque he melhor obrar, que eſtar ſem fazer nada; e logo conclue, que pois naõ havia de eſtar ocioſo, que ab eterno creou o Mundo: mas que ab eterno creaſſe o mundo he falſo, mas que ab eterno ſe occupou em alguma acçaõ, concluem os Theologos, e tomando o que ſerve para o noſſo intento, muito melhor he obrar, que eſtar ocioſo; e aſſim naõ podemos dizer, que Deos eſtá ſem fazer nada; porque ſendo melhor obrar a elle, que ſó he ſummante bom, pertence o melhor, e aſſim continuamente obrará.

Sold. Aſſim he.

Fil.

Fil. E póde haver em Deos cousa, que lhe naõ seja deleitosa?

Sold. De nenhum modo.

Fil. Dizeis muito bem; porque sendo elle a summa felicidade, implicará á sua natureza, naõ ser elle a si mesmo deleitoso: e deste modo, se á sua natureza pertence o obrar continuamente, e elle naõ póde deixar de ser a si mesmo deleitoso, deleite terá no obrar.

Sold. Naõ se póde negar.

Fil. Logo se a Deos he deleitoso, e elle fez a nossa alma á sua imagem, e similhança, mais proprio será á natureza della obrar, e o deleitar-se nisso, que estar ociosa.

Sold. Assim parece, como dizeis: mas se o corpo se deleita no ocio, como póde a alma deleitar-se no obrar, sendo operações contrarias, e formando ambos hum só supposto?

Fil. Plataõ diz (1), que o corpo he hum carro da alma, e assim como em hum carro poderá hum homem saltar, fazer outras muitas operações, estando sem se mover, a alma estando o corpo em repouso, póde obrar; e assim como no carro se naõ saltará, nem faraõ outras operações, quando se mover, do mesmo modo, a alma quando ó corpo naõ estiver em ocio, mais imperfeitamente obrará; pelo que naõ só a alma póde obrar, estando o corpo em ocio, mas só entaõ poderá obrar perfeitamente.

Sold.

(1) Plataõ Tim.

Sold. Naõ se póde negar esta conclusaõ.

Fil. Temos logo deste modo, que as cousas deleitosas por natureza saõ necessarias, e que estas saõ, conforme ao corpo repouso, e conforme a alma obrar, e que a alma naõ póde obrar perfeitamente, senaõ no ocio do corpo.

Sold. Tudo isso temos concluido: mas que importa para o sitio de Lisboa, que he o de que tratamos?

Fil. Importa muito.

Sold. De que modo?

Fil. Para hum hum homem estar em ocio, naõ tem necessidade de algumas cousas?

Sold. Que cousas?

Fil. De naõ ter nenhuma das que perturbaõ o corpo, que saõ as dores, porque ha de trabalhar pelo remedio dellas, e de ter o sustento, porque naõ póde viver sem elle, e lugar commodo, e seguro, onde deleitosâmente possa gozar do ocio.

Sold. Assim parece: mas ao sitio, que importa isto?

Fil. Naõ diremos nós, que o que pertence ás partes pertence ao todo?

Sold. Naõ entendo o que dizeis.

Fil. Para conservar huma maõ, naõ temos nós necessidade do sustento, communicandolho os membros, donde se reparte pelo corpo?

Sold. Sem duvida.

Fil. E naõ pertence o mesmo à conservaçaõ de todo o corpo?

Sold. Do mesmo modo. *Fil.*

Fil. Logo á Republica, e á Cidade (que saõ similhantes ao corpo humano, como diz Plataõ) (1) do mesmo modo lhe pertencerá o que pertence ao homem, que he membro da Republica, ou Cidade: e nós dissemos, que para estar o homem em ocio, era necessario naõ ter dores, nem falta do sustento, e ter hum lugar commodo, e seguro, onde com decoro possa estar, e deleitar-se no ocio: o mesmo tambem pertence á Cidade, e (como diz Plataõ) (2) a lei naõ olha, que certa sorte de homens tenha vida beata, mas que toda a Cidade a possua; e assim para a Cidade poder gozar do ocio, naõ ha de ter dores, tendo hum suavissimo governo, assim na administraçaõ da justiça, como na defensaõ das cousas pertencentes á mesma Cidade. Isto naõ he do sujeito desta nossa pratica, que he sobre o sitio, e naõ do governo, e leis: mas as outras cousas sim; porque do sitio em que as Cidades estaõ, dependem todas. E assim diremos, que para toda a Cidade se poder deleitar no ocio, he necessario estar em sitio abundante de mantimentos, cousas de vestir, e pertencentes ás fabricas das casas particulares, e publicas, e ter commodide para gozar com deleitaçaõ o ocio, estando em sitio aprazivel á vista, e deleitoso por natureza, e seguro de toda a perturbaçaõ, para que no ocio possa a alma gozar o deleite das obras das suas contemplações.

Sold.

(1) Plat. Rep. *liv.* 5. (2) Plat. Rep. *liv.* 7.

Sold. Muito bem me parece isto : mas parece que quereis , que toda a Cidade esteja em ocio , o que he muito contra o que convem ao bom governo della ?

Fil. Naõ he senaõ muito conforme a todo o bom governo , do modo que eu considero. Dizeis, vós que he proveitoso a hum corpo trabalhar sempre , e naõ repousar de dia , nem de noite ?

Sold. Naõ.

Fil. Será logo proveitoso trabalhar hum pouco , e descançar outro pouco ; porque assim irá conservando a saude , e forças para poder fazer sempre o que for necessario ?

Sold. Assim digo.

Fil. E quando hum corpo está em ocio , todas as suas partes estaõ tambem ociosas ? ou quando trabalha , todas juntamente trabalhaõ ?

Sold. Parece que sim.

Fil. Qual he o maior ocio do corpo ? Naõ será o que tem quando dorme , que parece que está sem nenhuma operaçaõ ?

Sold. Assim he.

Fil. Pois quando dormimos , naõ faz o estomago a sua operaçaõ , cozendo o mantimento , e o figado , recebendo o sangue , e substancia , que communica ás outras partes do corpo ?

Sold. Assim fazem.

Fil. Logo ainda que o homem esteja em ocio , naõ deixa de fazer as operaçoes necessarias para a conservaçaõ da sua vida. Pelo

que

que naõ ſó no ſomno faz eſta, mas acordado, come, e veſte, defendendo o corpo do frio, e da calma: e do meſmo modo, quando trabalha, naõ trabalhaõ todos os membros do corpo, que huns trabalhaõ, e outros repouſaõ; porque o que eſcreve, trabalha com as mãos, e o que corre com os pés, e aſſim nas mais couſas.

Sold. Bem dizeis.

Fil. Aſſim he a Cidade, que quando eſtá em ocio, naõ ſendo vio entada, nem fazendo violentos exercicios, trata das couſas neceſſarias á ſua conſervaçaõ, entendendo cada hum dos que a habitaõ, na ſua operaçaõ ſuavemente, e eſte he o repouſo das Cidades: e quando trabalhaõ tendo guerra, naõ trabalha nella toda a Cidade, que tambem he neceſſario, que alguma parte della eſteja em paz, como ſaõ os Religioſos, as mulheres, e os que adminiſtraõ o governo, e o provimento dos que trabalhaõ: nem a Republica ha de trabalhar ſempre, ſe naõ como diſſemos do corpo, deſcançar hum pouco, para tornar ao trabalho com forças. Parece-vos aſſim?

Sold. Maravilhoſamente dizeis tudo.

Fil. Logo deſte modo he neceſſario, que a Cidade eſteja em ſitio acommodado para poder nelle gozar deſte ocio, ſendo naõ ſó provida, mas ſegura, e deleitoſa aos ſeus habitadores; porque aſſim como o homem para ſe aliviar dos trabalhos buſca lugares aprazíveis, onde com deleite da viſta, goze do deſcanço

do

do corpo, e dos penſamentos da alma, aſſim toda a Cidade ha de eſtar em ſitio deleitoſo, para que os que tem neceſſidade de refazer as forças, opprimidas dos trabalhos da guerra, no deſcanço da paz naõ buſquem outra parte para eſte fim, ſenaõ que a ella venhaõ com deſejo de gozar nella o neceſſario, e amado repouſo. E aſſim como nas Cidades, ainda que todos os cidadáos façaõ hum ſó corpo, os particulares ſaõ differentes pelas qualidades, e pelos officios; aſſim os ſitios dellas haõ de ter por natureza, e por fabrica algumas couſas de mais particulares recreações, para que os que trabalhaõ no governo dellas, tenhaõ onde com algum agradavel ocio refaçaõ as moleſtias do animo, e o trabalho do corpo, dando lugar á alma, para que obrando com as conſiderações do entendimento, alcance o que for de beneficio á Republica.

Sold. Naõ ſe póde contradizer nenhuma deſtas couſas: mas como as conſideraremos no ſitio de Lisboa?

Fil. Deſte modo: primeiro veremos, ſe he abundantemente provida de mantimentos, veſtidos, materia de fabricas, conforme á ſua grandeza, e á que deve ter a Cidade, que for cabeça de hum grande Imperio; e logo a amenidade do ſitio em commum, e em particular; e depois diſto a ſegurança que tem, para nella ſe eſtar com repouſo, e quietaçaõ, gozando do ocio politico.

Sold. Façamos aſſim, que ſerá couſa mara-

vilhosa acharmos nella tantas perfeições : mas a vós deveremos o conhecimento dellas ; porque ainda que até agora a estimavamos muito, naõ consideravamos nella tantas cousas.

Fil. Das cousas necessarias ao sustento das Cidades , dos vestidos , e materia de fabricas , humas saõ da propria terra , outras de fóra , e outras de ambas as partes ; porque as Cidades, principalmente as grandes , naõ podem ter de algumas cousas quanto lhe baste ; e assim diz Plataõ (1) , que naõ he possivel edificar Cidade em sitio onde naõ seja necessario levar-lhe alguma cousa de fóra : e por isso diz Aristoteles (3) , que se a Cidade se ha de formar a seu desejo , ha de estar posta conveniente ao mar , e á terra : e proseguindo no mesmo lugar , declara isto ; dizendo , que ha de estar de modo assentada , que facilmente possa ter ajudas de fóra , e trazer as cousas necessarias , e madeiras ; e assim , como digo , as cousas do sustento das Cidades humas saõ da propria terra , outras de fóra , e outras de ambas as partes. As que saõ da propria terra , saõ humas de pouco preço , e sem as quaes se naõ póde viver , e a agoa , que naõ he possivel vir de fóra pela necessidade quotidiana , e pelo perigo de faltar nas occasiões ; e por isso diz o mesmo Aristoteles , que a Cidade ha de ter agoa dentro de si , e se a naõ tiver , que se façaõ cisternas ; porque sendo cercada , se naõ tome por falta de

---

(1) Plat. Rep. liv. 2. (2) Aristot. Pol. liv. 7.

de agoa: e as coufas de pouco preço, e de quotidiana neceffidade, como dellas fe naõ póde fazer mercancia, naõ ferá poffivel virem de fóra em abundancia, porque o fim da mercancía he o ganho, e de baratas, e pobres mercancías, naõ fe póde tirar muito: as que fe haõ de ter da propria terra, e de fóra, faõ aquellas de que huma Cidade grande, tendo neceffidade, naõ póde ter do feu deftricto todas as que lhe faõ neceffarias, e que fendo de mais preço, fazendo-fe dellas mercancía, venhaõ de fóra: e as que fempre vem de fóra, faõ as que fervem á pompa, ornamento, e deleite, e á riqueza, e ganho do commercio; porque o noffo appetite, inveftigador de novidades, nunca fe fatisfaz do que tem ordinariamente, affim do feu defejo faz neceffidade, e della mercancía, trazendo das partes remotas as coufas, que o fatisfazem, e com eftas por via do commercio fe enriquecem as Cidades, e empobrecem alguns homens. E começando por ellas, qual outra Cidade teve tanta commodidade para fer abundantiffima de todas as defte genero como Lisboa? E ainda que difto temos dito algumas coufas, por naõ ficar falta nefta parte a noffa pratica, direi agora outras, por onde fe manifefte melhor a grandeza do feu commercio. Das grandes, ou maior Cidade que teve o Mundo, foi Babilonia; porque como diz Diodoro Siculo (1), ti-

(1) Diodor. Sic. liv. 2. cap. 4.

tinha de circuito trezentos e sessenta estadios, e segundo Herodoto (1), quatrocentos e oitenta; e assim as mais das vezes que a Escriptura falla nella, lhe chama Babylon magna, e era abundantissima de todas as cousas preciosas, e de estima, como se vê no Apocalypse, (2) entendendo literalmente as palavras delle, Ai, ai de ti Cidade, Cidade grande, que estavas vestida de finissimo linho, purpura, e grá, e guarnecida de ouro, preciosa pedra, e de margaritas: e Jeremias (3) lhe chama rica de grandes thesouros. Toda esta abundancia, e riqueza, procedia da navegaçaõ do Euphrates, que passando pelo meio della, entra no mar Persico, por onde alcançava o commercio da India, donde lhe vinhaõ todas estas cousas: e assim diz Diodoro (4), que a navegaçaõ deste rio fazia ricos a todos os mercadores, que habitavaõ junto delle. Nenhuma das outras Cidades se póde trazer em comparaçaõ do commercio desta, senaõ Lisboa, que lhe excede; porque ella tinha por mar este só da India, e o da terra sempre he de pouca consideraçaõ, que naõ póde haver, nem houve Cidade muito grande, sem ter commercio maritimo, e Lisboa, naõ só tem o da India, mas o de todo o Mundo, que nella commerceaõ todas as nações do grande Oceano, e do Mediterraneo, a ella vem as preciosas cousas da

(1) Herod. liv. 1. (2) Apocal. cap. 16. (3) Jeremit cap. 51. (4) Diodor. liv. 2. cap. 4.

da China, as aromaticas do Maluco, e Ceilaõ, e a rica pedraria da India, e o ambar de todas as partes donde o mar o deita, o marfim de Angola, e Ebano de Moçambique, o assucar do Brasil, as hollandas de Flandes, os pannos de Inglaterra, os vidros de Veneza, as telas de ouro de Milaõ, as sedas de Napoles, e Sicilia, as raixas de Florença; e em fim que cousa de estima, e preço ha em todas as Provincias do Mundo, que naõ venha a Lisboa em tanta abundancia, que ordinariamente ha no rio, e porto della, huma grandissima copia de Navios estrangeiros, sem os da propria terra, que por toda a Africa, Asia, e Novo Mundo se espalhaõ? E sendo Italia de tanto commercio maritimo, por ser quasi toda cercada do Mediterraneo, e Adriatico, ouvi já affirmar a pessoas que bem o sabiaõ, que em todos os pórtos della juntos, naõ ha tantos Navios naturaes, e estrangeiros, como no porto de Lisboa. E naõ he grande maravilha, porque se aconteceo já entrarem nelle em huma maré duzentos Navios de mercancía, e muitas vezes cento, setenta, e cincoenta, e daqui para baixo, ha poucos dias, em que naõ entrem, e saiaõ Navios carregados. E assim, qual outra Cidade tem o commercio de Lisboa, nem mais abundancia das cousas que de fóra vem ás Cidades? Hum estrangeiro notou em prova disto, que naõ ha nenhuma naçaõ, cujos naturaes vindo a Lisboa, naõ achem da sua propria terra, ou visinhos: E que toda es

ta

ta grandeza de commercio proceda do ſitio com duas razões ſe prova: huma he, que todas as terras, que até agora foraõ grandes no Mundo, tiveraõ a ſua grandeza pela induſtria dos Principes: porque Babilonia, de quem tratamos, a edificaçaõ de Semiramis, a ſua preſença, e fabricas a fizeraõ grande; porque tendo Semiramis o Imperio de todas aquellas partes, de neceſſidade haviaõ concorrer na ſua Corte todas aquellas grandes nações, e a fortaleza dos muros de Babilonia convidava a ſe habitar, vivendo-ſe nella com ſegurança: e a grandeza com que Semiramis os edificou, a obrigou a procurar povoallos, para que tiveſſem quem os defendeſſe, que o grande recinto muitos defenſores ha miſter. E aſſim que Seleuco Nicanor mudou a ſua Corte para Seleucia, de todo ſe acabou a grandeza de Babilonia. Thebas do Egypto, chamada Cidade do Sol (1), foi grandiſſima, mas perdeo a ſua grandeza, como os Reis do Egypto mudaraõ a ſua Corte a Memphis; e a de Memphis ſe acabou, depois que Alexandre edificou Alexandria (2). E aſſim todas eſtas Cidades foraõ grandes, porque os Reis as fizeraõ grandes, com a ſua preſença, e edificios, e do meſmo modo foi Conſtantinopla, ainda que o ſitio he belliſſimo, que ſempre fora huma pequena Cidade, ſe Conſtantino a naõ engrandecera, e a Corte Othomana a naõ ſuſtentara; e aſſim naõ ſó

(1) Eſtrabo l. 16. (2) Diodor. Sic. l. 1. cap. 1.

ſó a induſtria deſtes Principes fez grandes eſtas Cidades, mas a grandeza dos ſeus Imperios, porque ſenhoreando grandiſſimas nações de força havia de reſidir muita gente na ſua Corte. Mas Lisboa ſem nenhuma deſtas couſas ſe fez grande, e faz cada vez mais; porque naõ ſó os Reis della a naõ quizeraõ com ſeu eſtado engrandecer, mas já ordenaraõ, que naõ pudeſſe creſcer mais; e ſer aſſento dos ſeus Reis tambem a naõ podia fazer grande, porque ſó a naçaõ Portugueza tinha neceſſidade da aſſiſtencia da ſua Corte; naõ ſendo elle ſenhor de outra alguma, e eſta naõ tem mais que huma pequena parte de Heſpanha; nem a ſegurança dos muros podia obrigar a iſſo, pois a maior parte della os naõ tem, e os que tem taõ pouco naõ guardaõ o que cercaõ. E a outra razaõ que prova iſto, he, que naõ vem eſtrangeiro nenhum a ella, que deſeje tornar á ſua terra, e aſſim tem mais de eſtrangeiros, e dos que delles procedem, que de naturaes: e ſendo ordinario amarem todos a ſua patria, he tal a commodidade deſte ſitio, que os obriga a mudar eſta natural affeiçaõ. E aſſim pela commodinade do ſitio (como diſſe) he copioſamente provida de todas as couſas precioſas, e de preço; de modo, que naõ tem o Mundo, nem teve outra que tanto o foſſe, nem que pelo commercio deſtas couſas, tanto ſe podeſſe enriquecer.

Sold. Eſtá muito bem provado o que toca ás couſas que vem de fóra, moſtrando ſer Lisboa

boa dellas mais provida que outra alguma terra, e ter mais commodidade de se enriquecer com o commercio dellas. Vejamos agora, se he assim nas cousas, de que as terras grandes naõ tem quanto lhe baste.

Fil. Destas naõ tem menos abundancia, porque estas saõ algumas cousas necessarias para o sustento, como saõ trigo, vinho, azeite, legumes, cousas de leite, manteiga, e queijos, carnes, e pescados, e madeiras, e cousas de vestir. Todas estas deve ter a Cidade do seu territorio, ou do seu destricto: mas grandes, e populosas, como devem ser as que forem cabeça de Imperio, naõ podem ter destas cousas, quanto (segundo a sua grandeza) he necessario. E assim Roma (1) esteve em grande aperto de fome, quando os cossairos impediaõ a navegaçaõ do mar, por onde se provia de trigo, e mais cousas desta sorte: porque ainda que está em terra fertil, naõ podiaõ, pela grandeza da Cidade, bastar os seus fructos para a sustentar. E assim as Cidades grandes haõ de estar em sitio fertil, e haõ de ter commodidade para se prover de fóra: e assim diz Aristoteles (2), que se naõ póde dizer que a Republica he muito boa, se naõ tem faculdades mui opportunas, que he o mesmo que fertil Termo, e poder ser com facilidade provida de fóra. Vejamos agora, se tem estas duas cousas Lisboa: e considerando primeiro a fer-

(1) Plut. vid. Illust. (2) Aristot. Pol. liv. 7.

a fertilidade do ſeu Termo, naõ ſei que haja no Mundo outro mais fertil; porque naõ ha terra, que melhor produza o que nella ſe ſemêa, e planta, nem outro igual deſtricto, que ſuſtente tantas Povoações, e caſas. E eſta he a maior prova da ſua fertilidade; porque qual terra ha no Mundo, que tendo os ſeus campos taõ habitados, como as Cidades, tenha ſubſtancia para manter a gente que nella, e no ſeu deſtricto habita? Fertil he Capua, como diz Eſtrabo (1), e fertil foi Carthago, como diſſe o meſmo Apiano Alexandrino (2), mas os ſeus campos ſaõ quaſi deſertos, naõ tendo mais Povoações, que algumas neceſſarias para a cultivaçaõ das terras; porque os campos de Africa todos ſabemos, que ſaõ deſpovoados, e os de Capua tem ſó aquellas povoações, que parece que baſtaõ para cultivar o ſeu Termo. Mas Lisboa naõ ſó a Cidade em ſi he grande, e habitada de infinito povo, mas todo o ſeu deſtricto he taõ povoado, que ſe naõ ſahe della para alguma parte, que ſe naõ caminhem algumas legoas por entre Lugares, Povoações, Quintas, e Caſas, taõ habitado tudo, que eſtaõ ſempre as eſtradas taõ chêas de gente, como as ruas em populoſas Cidades; e aſſim reſpeitando a gente que ſeu Termo ſuſtenta em ſi, e em a Cidade, aonde todos os dias entra innumeravel quantidade de car-

(1) Eſtrab. liv. 5. cap. 2. (2) Apian. Alexand. da guerra Carthaginenſe.

cargas de toda a ſorte de mantimentos, claramente ſe vê, que naõ póde haver outro ſitio mais capaz (por razaõ da fertilidade) do Imperio. Eſcreve Titolivio (1) por grande couſa, que deſcrevendo os Romanos os Soldados da Cidade, e Termo de Roma, acharaõ no anno 400. da ſua fundaçaõ, quarenta e dous mil Infantes, e tres mil Cavallos: naquelle tempo eraõ Soldados todos os que podiaõ tomar armas, de modo, que neſte numero entravaõ todos os homens de competente idade para a Milicia.

Se a eſte reſpeito contarmos a gente de Lisboa, e do ſeu Termo, que vos parece que numero fará?

Sold. Couſa he eſſa, ſegundo o meu juizo, incomprehenſivel, porque eu vivo em Lisboa, e ha hum bairro nella, que naõ ſabia ha muito pouco tempo, que ſe chama a Lapa, o qual tem cinco mil caſas, que he bem clara prova, da grandeza da Cidade. E ſahindo ao Termo, quem poderá comprehender a innumeravel quantidade de homens moços, e robuſtos, que nelle ha? pois nem a dos lugares, e caſas, ſe póde contar, como me aconteceo naõ ha muito tempo, que vendo huma Topographia, que deſte Termo de Lisboa fez hum noſſo inſigne Mathematico, e querendo contar os lugares, e habitações delle, naõ foi poſſivel, e deixei a empreza, e naõ abraçava eſta Topographia, mais

(1) Titoliv. Decad. 1. liv. 7.

mais que o que ha de Peniche, e Sacavem, até Cascaes, e Cintra, e assim, como disse, he incomprehensivel o numero dos habitadores de Lisboa, e seu Termo.

Fil. Grande prova he esta para se mostrar quanto excede Lisboa em numero de habitadores a Roma; porque quando a Cidade se considerar, dando a cada casa hum homem, he dobrado do que Titolivio diz, que se achou na Cidade de Roma, e seu Termo: e considerando a gente que habita nos lugares, e casas do Termo de Lisboa, quem naõ comprehenderá o grandissimo excesso, com que em numero de gente se avantaja de Roma no tempo que disse; e bem se vê a fertilidade de qualquer terra, se está em pequeno destricto, sustentar muita gente; pelo que considerando deste modo o sitio de Lisboa, qual outro no Mundo ha mais fertil? pois nenhum em taõ pouca terra sustenta tantos habitadores: mas porque naõ pareça isto huma computaçaõ fantastica, desçamos a considerar particularmente a fecundidade da terra na abundancia, e bondade dos seus frutos. Diz Estrabo (1), que he indicio da fertilidade de Capua, produzir bellissimo trigo, vinho precioso, e abundantemente azeite: o mesmo temos para conhecer a fertilidade do Termo, e destricto de Lisboa; porque se olhamos a bondade do trigo, qual outro se avantaja ao que nelle se colhe? que ain-

(1) Estrab. liv. 5.

ainda que geralmente se tem o de Alemtejo pelo melhor do Mundo, algumas pessoas lhe avantajaõ para certas cousas algum do Termo de Lisboa; e como ella he cabeça deste Reino, tambem podemos dizer, que he do seu destricto o de Alemtejo. O vinho naõ direi que o naõ haja em commum melhor em outras partes, porque como todo tem hum preço, naõ se póde vender o muito bom nas tavernas, mas quem o quizer ter em casa para seu regalo, poderà beber melhor vinho que o Grego de Soma.

Sold. Do Grego de Soma naõ sei eu, mas segundo dizem os que na experiencia se tem feito praticos, poucos vinhos se avantajaõ aos de Carcavellos, Oeiras, e Camarate, e poucos chegaõ aos da Labrugeira, Ourem, Alcouchete, e Caparica, e a todos avantajaõ os de Peramanca, Beja, Villa de Frades, Cuba, e Vera Cruz; e porque nos naõ enganemos, como vir o Panasco, elle nos tirarà desta duvida, e assim vos livraremos de a resolver.

Fil. Mercê se me faz; porque me era necessario valer-me de outro taõ bom juizo como o do Panasco, para naõ errar: mas pois fico livre deste trabalho, passemos ao que falta: e considerando a bondade do azeite, me parece que naõ fica inferior das outras cousas, sendo geralmente de suave gosto, claro, e resplandecente, como o ouro E se a bondade destas cousas he esta, a abundancia de todas he tanta que naõ he possivel declaralla, nem

com-

comprehendella, mas direi o que me parece que melhor o poderá manifeſtar.

O que chamamos Termo de Lisboa terá pelo mais comprido, que he de Torres até Caſcaes, e Cintra, dez lêgoas, e pelo mais largo cinco. Eſte circuito de terra he taõ povoado, como já diſſe, ſendo as eſtradas principaes quazi huma continuada Cidade. E aſſim parece que quando fora muito fertil, naõ poderia alcançar a mais que ſuſtentar a muita gente que neſte limite habita, e naõ ſó faz iſto: mas he taõ grande a quantidade de cargas que entra cada dia em Lisboa, ſó deſte eſpaço, de toda eſta ſorte de mantimentos, que naõ he poſſivel dizer numero certo; porque ſendo quatro as eſtradas principaes, por onde vem, que ſaõ Enxobregas, Arroios, Andaluzes, e Alcantara, cada huma dellas, principalmente as tres ultimas, a qualquer hora do dia, que por ellas ſe caminha, ſe vê a eſtrada continuadamente acompanhada das cargas que entraõ, e das cavalgaduras que ſahem deſcarregadas; e já vi taõ eſpeſſas as que entravaõ, e as que ſahiaõ, que comparava a eſtrada á das formigas da eira para o formigueiro, e do formigueiro para a eira, humas carregadas, e outras vazias. E naõ trazem hum ſó mantimento, mas todos os que uſamos para ſuſtento, e para regalo: trazendo trigo, cevada, vinho, azeite, hortaliças, frutas de todas as ſortes, e de todos os tempos, leite, nata, e manteiga todo o anno, cabritos, coelhos,

lhos, perdizes, e como hum perenne rio, está isto continuamente correndo, sem cessar, e todas estas cousas vem com tanta abundancia, que naõ só se vendem nas praças, mas as mais dellas pelas portas, o que naõ ha em nenhuma outra Cidade, das que se tem por abundantes: e se esta Cidade naõ fora mais provida que todas, sabendo os que as vendem, que de necessidade as haviaõ de ir a comprar á praça, naõ tomaraõ o trabalho de as trazer pelas portas, e tomando-o, he cousa clara, que a muita abundancia os desconfia da venda; e tem razaõ, para o que só direi o exemplo da fruta de Colares, pequeno Lugar deste destricto, a qual he tanta que rende a sisa della, hum conto de reis, que saõ de principal vinte e cinco mil cruzados, cousa que parece incrivel; e considerando a este respeito as outras, bem se vê a abundancia, que de todas haverá, e pelo conseguinte, que della procede a diligencia da venda. E quem vir só o que ha de Sacavem, até Friellas ao longo do rio, conhecerá que em tudo o que disse da fertilidade do Termo de Lisboa, fico curto: pois em só huma parte taõ pequeno destricto tem cousas taõ esplendidas, e que melhor provem a fertilidade; porque aqui se vê hum deleitoso, e util rio navegavel em todo este espaço, que regando de huma parte ferteis montes, da outra faz copiosas marinhas, e pela terra da parte de Sacavem ha tantos lugares, quintas, vinhas, pomares, e outras ferteis, e deleitosas

ſas propriedades, que excedem, naõ ſó a capacidade deſte pequeno deſtricto, mas á de outro muito maior; e conſiderando iſto, vejo, que naõ tem tanta o tempo, nem a minha lingoa, que poſſa explicar a largueza, com que Deos beneficiou a todo o Termo deſta Cidade de Lisboa, pelo que o deixo: mas tambem ſahindo fóra delle, que couſa ha que ſe compare com os lugares de ſeus campos, que do meſmo modo ſaõ povoados, e ferteis, e tantos, que de Sacavem até á Caſtanheira, que ſaõ quatro legoas, ſe vem doze lugares, poſtos no caminho, ou junto delle, e alguns grandes, e luſtroſos, e todos taõ abundantes de tudo, que do meſmo modo provem pelo rio a Cidade de todas as couſas neceſſarias, taõ copioſamente, que entraõ todos os dias nella, ſó das embarcações do rio, aſſim deſtes Lugares, como dos mais que junto a elle eſtaõ aſſentados, ſem as que vem de fóra da Barra, a roda de cento e cincoenta carregadas de mantimentos, e gente, ſendo eſte hum manifeſto ſignal da grandeza deſta Cidade; porque o que trazem eſtas barcas, e tudo o mais que cada dia entra na Cidade, ſe gaſta, de ſorte que he neceſſario haver eſta continuaçaõ, para ſer bem provida. Pois que diremos dos fertiliſſimos campos, que rega o Tejo criados por particular providencia de Deos para a grandeza deſta Cidade; pois fora impoſſivel ſem elles ſuſtentar-ſe, como melhor ſe verá indo com a pratica mais por diante, e tratando ſó do que

con-

convem a eſte lugar, que terra ha no Mundo mais fertil?

Diz Diodoro Siculo (1), que toda a abundancia da India, que he grande, procede da inundaçaõ dos rios. Do meſmo modo eſtes fertiliſſimos campos, recebendo em ſi a agoa das enchentes do Tejo, ſe fazem taõ fecundos, que em ſete ſemanas ſe ſemeaõ, e colhem, produzindo o fruto taõ copioſamente, que eu ſei colher hum lavrador de hum moio de trigo cincoenta.

Sold. Muito grande he a fertilidade deſtes campos, mas naõ he ſempre, que ſe rendem bem hum anno, faltaõ muitos.

Fil. Iſſo he por defeito noſſo, porque nos naõ ſabemos aproveitar delles.

Sold. E de que modo nos havemos de aproveitar, para que ſempre dem abundante fruto? que ſe o ſabeis, e o encobris, mereceis grande caſtigo, pois delles depende hum grande remedio noſſo.

Fil. De tres couſas procede neſtes campos a falta das novidades, por grandes chêas, por pouca agoa, e por mangra. As grandes chêas impedem as ſementeiras, vindo tarde, e durando muito a agoa ſobre as terras, ou levando a ſemente depois de ſemeada, e ſe naõ ha chêa, perde a terra a maior parte da ſua fertilidade, que procede do nateiro, que a agoa deixa ſobre ella; e ſe depois de ſemeado, ao tem-

(1) Diodor. Sic. liv. 2. cap. 10.

tempo do espigar, e gradecer, lhe naõ chove, esta falta de agoa tira ordinariamente grande parte do fruto, que se esperava, e a mangra destroe tudo, quando está para se colher; e como estes campos estaõ taõ cercados de rios, paûes, e abertas, saõ muito sujeitos a nevoas, donde a mangra procede. Tudo isto se remediará deste modo. Para que as cheas naõ sejaõ taõ grandes, que pela copia da agoa naõ deixem semear, ou depois de semeado, naõ levem a semente, se encanaráõ os rios com grossos vallados, ou diques, com que em Frandes fazem estar o mar detido nos limites que lhe poem; e isto se ha de fazer a todos os rios, que passaõ por estes campos, de modo, que sempre venhaõ mettidos entre estes vallos por mais que cresçaõ: e quando crescer taõ excessivamente o Tejo, que sobrepuje os vallos, naõ poderá ser tanto, que entre demasiada agoa nas terras; e para a que ficar nellas as desoccupar, quando for necessario, se faraõ largas abertas, e taõ altas, quanto baste para no Veraõ tornar ao rio a agoa dellas.

Sold. E agora naõ andaõ as terras tapadas?

Fil. Sim andaõ; mas eu naõ digo senaõ que se tapem os rios, que agora cada hu tapa o que lhe pertence, e todos naõ podem tapar bem, e por hum boqueiraõ que se faça, se alaga todo o campo, e liziras.

Sold. Parece que será de muito custo isso que dizeis, e tambem naõ deixará o rio de romper algum vallo.

K *Fil.*

Fil. O custo a respeito do beneficio, naõ he nenhum, e repartido entre muitos sentirse-ha pouco: e como se fizerem os vallos com boas estacas, sempre se conservaráõ, tendo boa guarda no gado, que dizem os lavradores, que he o que mais damno faz: e se nos Paizes Baixos se sustentaõ taõ grandes diques, como naõ faremos nós, e sustentaremos estes vallos, se elles forem de tanto proveito como digo? Nelles haverá inclusas, ou adufas, por onde possaõ metter dentro nas terras a agoa que quizerem no inverno, quando o rio crescer, e vazar no veraõ a das abertas; e para a falta da agoa do veraõ, se póde fazer hum canal de Tancos até o Cabo de Alfirmar por huma, e outra parte, trazido por riba dos vallos, ou por onde mais commodo for; e faltando a agoa da chuva, se regará com a que por elle vier, o trigo que della tiver necessidade, e aonde se naõ quizerem, ou puderem aproveitar da agoa do Tejo, bastará a dos rios, que entraõ nelle, para regar huma grande parte destes campos, e liziras; e todas as varzeas por onde passaõ, saõ muitas, e muito aptas a darem, bem cultivadas, grandissima copia de trigo. Deste modo se rega todo Aragaõ, e he (naõ chovendo naquella terra, como nas outras de Hespanha) taõ fertil, que excede a muitas de mais largos campos, tirando por canaes a agoa do Ebro, e de outros caudalosos rios. E para a mangra, como usaõ algumas nações estrangeiras, he provadissimo remedio an-

andar nas manhãs de nevoa, com cordas, meneando ſuavemente o trigo, como faz o vento, que he o remedio della. Iſto ſe faz tomando dous homens pelas pontas huma corda, e caminhando com ella eſtendida na altura dos pés das eſpigas, e ao paſſo delles ſe vaõ meneando ellas, ſacodindo de ſi o humido, e damnoſo orvalho da nevoa: iſto ſe faz tambem, atando a corda aos cabos de dous cavallos, o que he de menos trabalho, e de maior preſteza. E fazendo eſtas couſas, naõ faltará nunca a fertilidade deſtes campos, que Deos creou para a grandeza deſta Cidade, que ſem elles naõ pudera ſer tanta, como no diſcurſo deſta pratica ſe verá. Deſtes campos vem ordinariamente grande quantidade de trigo, que ajuda a ſuſtentar muita parte do anno eſta Cidade. E ſe as varzeas, que ſe communicaõ com elles, e as mais que temos aptas a ſe cultivar, ſe cultivaraõ como convem, tirando-lhes as vinhas, e ſemeando-as de trigo, e abrindo as que eſtaõ por cultivar, que ſaõ muitas, e mui diſpoſtas para ſe tirar dellas muito proveito, tiveramos pouca neceſſidade do trigo de França; porque o paul de Aſſeca, que agora ſe naõ cultiva, dava (como dizem os antigos) mil moios de trigo de dizimo, e do meſmo modo o de Salvaterra, que agora em bons annos rende ſeſſenta moios, deu já aos ſenhores delle de renda novecentos, e os muitos valles que tem a Charneca, que ſe poderáõ regar com a agoa que por elles corre, por-

que naõ daráõ muito trigo, se os cultivarem? E assim a nossa negligencia nos tira a muita fertilidade que poderamos ter, segundo a natural disposiçaõ desta terra, e naõ a esterilidade della. E além do trigo destes campos, vem a Lisboa muito de Alemtejo, que se têm commummente pelo melhor do Mundo, e quando Deos nos naõ castiga com a esteridade desta Provincia, atreverme-hei a affirmar, que tem pouca necessidade Lisboa de trigo de outra parte, porque he esta Provincia fertilissima, naõ só de trigo, mas de todos os outros mantimentos: e assim della tem esta Cidade carnes em muita abundancia, de modo, que com algumas que vem da Beira, tem bastantemente as necessarias de vaca, porco, e carneiro, e tem mais de Alemtejo os melhores queijos de Europa; porque se avantajaõ dos Marcelinos, que em Italia se tem pelos melhores do Mundo. Tambem a provê de azeite, ainda que o de Ribatejo era bastante em quantidade; porque naõ ha Provincia que mais tenha, mas o de Alemtejo se tem commummente por melhor, e tambem se embarca muito para fóra, e he necessario prover-se de todas as partes. O pescado deste rio, e do mar, desta costa de Lisboa, he tanto, e taõ bom, que como cousa taõ manifesta, naõ ha que dizer, senaõ encomendar a quem o quizer saber que passee a Ribeira, onde se vende, e verá se o que digo, se naõ poderá crer: mas porque naõ cuideis, que uso como os Poetas, de encarecimentos, hu-

huma só cousa vos direi, que vos mostrará clarissimamente, que saõ nisto muito curtas as minhas palavras, e nella tambem vereis a grandeza deste povo. He obrigada a Camara desta Cidade a dar cestos aos pescadores, que chegaõ a Ribeira, para lavar o pescado que trazem, e os pescadores, em recompensa, daõ sem obrigaçaõ, que a isso tenhaõ, o pescado que querem, a quem lhes dá estes cestos. Encomenda a Camara isto a certos homens, os quaes daõ os cestos aos pescadores, e recolhem o peixe que elles de sua livre vontade lhe daõ, do qual o terço he da Camara, e as duas partes dos homens, que tem isto a seu cargo. A' Camara importa o terço oitocentos mil reis, em que o traz arrendado, e com o que fica, vivem onze homens, que tantos saõ os que daõ estes cestos. E para que isto pareça taõ grande cousa como he, se deve entender, que nunca o terço será muito ao justo, e que o rendeiro, que dá por elle oitocentos mil reis, que deve ganhar. E assim, que maior prova se póde dar, do muito pescado que vem a esta Cidade, e da muita grandeza do povo que o gasta?

Sold. Tendes muita razaõ; porque se huma como esmola de peixe val tanto, que será o que se vende, e o que se gasta? E assim passemos a outra cousa, que esta está bem provada, e tem a consideraçaõ nella hum campo taõ largo, que se discorrermos mais por ella, gastaremos nisso o dia todo.

Fil. Das cousas de vestir naõ he esta Cida-
de

de peior provida; porque dentro de si tem algumas, como saõ as sedas que nella se tecem, e de Portalegre lhe vem bonissimos pannos, e de outros lugares do Reino, alguns somenos, e da Beira finissimo lenço, de modo, que para o necessario tinha do seu destricto bastante provimento destas cousas, mas para o appetite naõ. Das madeiras necessarias para madeirar casas, e fazer Navios, temos bastante copia, e de boa qualidade, como se vê no Pinhal de Leiria, que occupa cinco legoas, dando bastantemente madeira para Navios, e uso commum de todo o Reino: ha tambem abundancia de carvalho, e castanho, que vem da Beira, e Galiza, e por todo o Reino temos muito sovaro, azinho, alemo, faia, ulmo, pinho, e freixo. O carvalho (como diz Vitruvio) (1) he de perpetua estabilidade nas fabricas, e o alemo, de que naõ fazemos caso, he delle muito gabado, principalmente para os fundamentos das fabricas, que se fazem em lugares humidos. E puderamos ter muitas mais, e melhores madeiras, se em nós houvera curiosidade, ou as leis do Reino se guardaraõ; porque plantara-mos as arvores de que ellas se tiraõ, como as nossas Leis mandaõ aos senhores de propriedades. E tendo para nos incitar o exemplo de ElRei D. Sancho, que plantou o pinhal de Leiria taõ proveitoso a este Reino, he muito maior a culpa do descui-

(1) Vitr. liv. 2. cap. 9.

cuido que nisto ha, e tambem a accrescenta muito, a grande commodidade, que temos para criar madeiras de toda a sorte, no grande recinto, que abraça a Charneca, aonde ha muitos rios; e os mais delles caudalosos, nos quaes nascem grandes arvores, crescendo com a agoa com que elles as regaõ; e assim ao longo delles pudera-mos ter muitos alemos, faias, choupos, ulmos, abetes de Vitruvio taõ estimados, carvalhos, e castanheiros, e dentro da terra muitos aciprestes, que os antigos tanto estimavaõ, e pinheiros em grande abundancia; mas nós deixando tudo á disposiçaõ da natureza, gastando o que ella produz, se a naõ ajudarmos com o nosso artefício, e diligencia, virá a faltar por culpa nossa a abundancia, que da sua providencia estava certa.

Todas estas cousas (como disse) ainda que as Cidades as devem ter do seu destricto, ás grandes sempre he necessario virem algumas de fóra, e aquella Cidade poderá ser maior, que assim do seu destricto, como de fóra, melhor provida poder ser: pelo que naõ he de tanta admiraçaõ sustentar-se abastadamente taõ grande povo, como o de Lisboa, nem chegar sem industria dos Principes a tanta grandeza; porque sendo tambem provida do seu destricto, pela commodidade do porto acodem a ella de todas as partes os Navios, que de humas a outras levaõ os mantimentos, e cousas á vida necessarias. E assim esta commodidade fez frequentar este porto, e a frequentaçaõ delle, fez

ſez creſcer a Cidade, e agora a ſua grandeza com nova razaõ traz a ella a abundancia de todas as outras terras, tendo aqui ganho, e a facilidade da venda certos; pelo que he de fóra taõ provida, que excede niſſo a todas as Cidades, que até agora teve o Mundo; e naõ ſó as couſas de preço vem a ella abundantemente, mas as minimas lhe trazem as nações eſtrangeiras; porque até ovos em grande quantidade vem de França, e do meſmo modo todas as outras couſas de que Flandes, Alemanha, Inglaterra, e França abundaõ. E deixando os queijos, manteiga, e preſuntos, de que os Flamengos trazem quantidade infinita, de trigo, cevada, e centeio, que ſaõ as couſas mais neceſſarias, e de que a falta he mais perigoſa, vem tanto de França, e Alemanha, que parece impoſſivel produzir a terra lá tanto, nem cá gaſtar-ſe tudo; porque entraõ todos os annos neſte Porto mais de tres mil Navios, e a maior parte delles carregados de trigo. He bem grande prova diſto as grandes fabricas que alguns particulares tem feito para recolher eſte trigo, como ſe vê nas capazes tarecenas da Pampulha, e Corpo Santo, porque naõ ſei Cidade das que hoje ha, a que naõ baſtaſſem para ſeu celeiro ſó humas tarecenas deſtas, de que Lisboa tem tantas. Mas para que he mais prova da muita abundancia que eſta Cidade tem de trigo, cevada, e legumes aſſim do ſeu deſtricto, como de fóra, que o Terreiro do trigo, o qual dá grande occaſiaõ a todos

dos os entendimentos de huma grande consideração, e ao meu se representa taõ grande cousa, que naõ sei palavras, com que naõ fique diminuindo muita parte da sua grandeza, e excellencia. Já o quiz comparar a algum grande lago donde sahissem muitos rios, que regando alguma Provincia, a fizessem abundar de fertilidade, correndo pelos seus campos sem parar: mas vendo a innumeravel gente, que todos os dias nelle se provê de todo o graõ, e legumes necessarios, parece-me que só ao grande Oceano donde todas as fontes, e rios manaõ, devia comparar-se; porque delle naõ só sahem os pequenos regatos, que provem as pobres, e pequenas casas, mas os grandes rios que sustentaõ as muito grandes, e os Conventos, e alguns lugares de Ribatejo, de modo, que assim como o mar está continuamente administrando humor a todas as partes da terra, com que ella frutifica, e sustenta todos os viventes, assim deste Terreiro correm perpetuos rios de trigo, cevada, centeio, milho, e legumes, com que se sustenta infinito numero de gente. E ainda que vemos cada dia a grandeza deste Terreiro, naõ deixarei de dizer quatro cousas, em que muito se manifesta, que póde ser que naõ sejaõ consideradas de todos. A primeira, que todos os dias estaõ duzentas pessoas medindo aos que vem comprar, sem cessar da manhã até á noite, e algumas vezes mais de trezentas. A segunda, que he hum grande trato alugar saccos para o trigo, que se ti-

tira do Terreiro, com o qual ha pessoas muito ricas. A terceira, que ha hum juiz do Terreiro com seus officiaes, que he dos bons officios da Cidade, naõ tendo mais jurdiçaõ, que nas cousas do mesmo Terreiro. E a quarta, he haver muitos homens que vivem só de tirar o trigo dos Navios, e taracenas para o Terreiro, e tem hum, que he sua cabeça, que lhes distribue o que haõ de fazer, o qual, só com este negocio, está riquissimo, porque os outros lhe daõ certa parte do ganho. Esta he huma grãde prova do grandissimo povo desta Cidade; porque ninguem póde tirar trigo para fóra sem licença, e essa he muito limitada, de sorte que quasi toda a gente, que se provê deste Terreiro, he da mesma Cidade; e assim duas cousas se provaõ com a grandeza delle, a muita abundancia que tem esta Cidade de trigo, pelo que continuamente delle se tira sem cessar, e ser o Povo della grandissimo, pois elle só, he causa das grandezas deste Terreiro do trigo. Das cousas de vestir, naõ he peior provida esta Cidade das nações estrangeiras: e porque já tenho dito alguma cousa disto, só direi agora, que os direitos da Alfandega rendem cada anno quatrocentos mil cruzados, e as mais das mercadorias, que a ella vem, e as de mais importancia, saõ, sedas, telas, e passamanes de ouro, hollandas, e pannos, e bem se vê pelo rendimento dos direitos a grande quantidade que haverá destas cousas. As madeiras que vem de fóra, saõ bordos, madeira lus-

lustrosa, e duravel, e acommodadissima para fabricas illustres, como vemos, da qual costuma haver tanta quantidade, que sempre a temos de sobejo, como se ve na Ribeira aonde ha continuamente grandes rimas della, e do mesmo modo de taboas de pinho de Frandes madeira boa, e necessaria para commodidade mais que para ornamento. Mas muito melhores madeiras poderamos ter, e com muito mais proveito nosso.

Sold. De que modo?

Fil. As terras onde mais, e melhores madeiras ha, he o Brasil, e as Ilhas, donde nos poderaõ vir com facilidade, ficando entre nós o dinheiro, que agora nos levaó os Framengos, que naõ he cousa de pouca consideraçaõ, pois o uso, e a mercancia, foraõ nossos. E todas as Cidades haõ de procurar (como diz Aristoteles) (1) de negociar para si, e naõ para outrem: pelo que se devia pôr muito cuidado em termos de nós mesmos, e das nossas Provincias, todas as cousas necessarias; porque o proveito do commercio, sendo das estrangeiras nações, naõ empobreça a nossa, e podendo nós ter do Brasil tantas, e taõ boas madeiras, porque nos naõ servire mos dellas, antes que dos bordos, e taboado dos Framengos? Pois tambem estamos necessitados a naõ fabricar, se elles nos naõ trouxerem estas madeiras. E se até agora pela commodidade do Porto, e do

(1) Aristot. Pol. liv. 7.

e do ganho, naõ faltaõ com ellas, naõ devemos viver só nessa confiança, pois podemos tella, onde nos naõ póde faltar. E assim naõ só he esta Cidade bem provida de bonissimas madeiras, mas póde-o ser muito melhor, servindo-se das do Brasil, e Ilhas, e de todas as que tem em si, fazendo-as cultivar nos acommodados sitios, que para isso lhe deu a natureza. Parece-me que tenho satisfeito á segunda proposta, das cousas que devem ter as Cidades do seu destricto, e que ás grandes he necessario virem de fóra.

Sold. Naõ temos nós disto mais que desejar, pois naõ só vos contentastes de concluir com certissimas razões o vosso argumento, mostrando a muita abundancia, que esta Cidade tem de todas as cousas referidas, mas nos ensinastes, como de muitas poderemos ser mais copiosamente providos das nossas terras; e assim, deveis tratar agora das cousas que necessariamente se haõ de ter do proprio destricto.

Fil. Estas (como disse) saõ algumas de pouco preço, e de que se tem quotidiana necessidade, pelo que naõ podem vir de fóra, pois nem dellas se póde fazer mercancía, nem sem ellas se póde viver, porque estas saõ lenha para fórnos, e para as chuminés, carvaõ para o particular uso das casas, e para o commum dos artifices dos metaes, palha para as cavalgaduras do uso privado, e publico, cal, e pedra para edificar, agoa para beber, e para o serviço das casas. Naõ tendo as Cidades estas

cou-

coufas do feu deftricto, e de modo que facilmente poffaõ ufar dellas, naõ ferá poffivel crefcerem muito em grandeza de povo, e affim quando confidero a commodidade, que Deos deu a efta Cidade de todas eftas coufas, naõ poffo deixar de me perfuadir, que com particular providencia fua criaffe efte fitio, para nelle fe levantar a cabeça do Imperio, a qual naõ póde eftar, fenaõ em huma Cidade copiofiffima de habitadores, e effa he impoffivel fuftentar-fe, fem ter abundantemente todas eftas coufas referidas. E affim, naõ me deixa fem grande maravilha confiderar a grande divifaõ, que faz o Tejo, da terra em que Lisboa eftá affentada, e da que fica da outra parte do rio, fendo a de Lisboa fertil, e aptiffima a produzir tudo o que nella femearem, e de boniffimos ares, pelas quaes coufas, he taõ povoada como temos dito, e a charneca de outra parte, incapaz de muitas, nem grandes povoações, por fer a maior parte della eftéril, para as fementeiras: mas de lenha fecundiffima para o provimento da Cidade, obra (como diffe) fó da particular Providencia Divina: porque fe a charneca fora como a terra defta parte, ou como a de Alemtejo, que traz ella fe fegue, era impoffivel poder efte povo de Lisboa fuftentar-fe na grandeza que tem; porque fe fe cultivara, e povoara toda a charneca, donde lhe havia de vir tanta lenha, e carvaõ, como gafta? E he coufa maravilhofa ver a differença deftas terras, a de Lisboa fuaviffima,

ma, e a outra que o rio della ſepara, aſpera, e intractavel, naõ conſentindo a natureza della mais povoações, que as neceſſarias, para dellas ſe adminiſtrar a Lisboa a lenha, e carvaõ, de que tem neceſſidade, e algumas madeiras (como já diſſe); e naõ ſó he capaz agora eſta charneca de provêr a Lisboa de lenha, e carvaõ, mas ainda que creſça infinitamente eſta Cidade, ſempre terá nella com grande abundancia eſtas couſas; porque além de produzir a terra em breviſſimo tempo o mato, e arvores donde eſtas couſas ſe tiraõ, tornando a naſcer, donde as arrancaraõ, he de capaciſſima grandeza, tendo de circuito mais de cincoenta, ou ſeſſenta legoas. E porque ſendo toda incapaz de habitaçaõ, naõ ſe poderá prover eſta Cidade della, como era neceſſario: ordenou a ſoberana Providencia, que nella naſceſſem alguns rios, ainda que pequenos, caudaes, dos quaes alguns tem ameniſſimos leitos, e mui fertil a pouca terra que regaõ, convidando com eſtas couſas a ſe fazerem algumas habitações de grande utilidade a eſta Cidade, adminiſtrando-lhe de muitas, além do em que agora diſcorremos, muitas carnes, e muita caça, e as madeiras de ſovaro, e pinho de que ſe fazem Navios, e á roda della naõ faltaõ povoações, que do meſmo ſervem, e outras nobilliſſimas. E aſſim eſta maravilhoſa terra da charneca foi creada para a grandeza de Lisboa, provendo-a copioſamente de carvaõ, e lenha; e naõ ſó tem eſta commodida-

dade, mas outras de muira eſtima, e conſideraçaõ; como ſe verá indo com eſta pratica adiante. Naõ ſaõ dignas de menor admiraçaõ as noſſas liziras, antes dellas faço a meſma conſideraçaõ que da charneca; porque que razaõ ha, para que a charneca, que de Almada, até defronte de Alhandra chega ao rio com eſtereis arêaes, e matas de urſa, naõ continue dalli por diante do meſmo modo? Que ſe póde reſponder a iſto, ſenaõ o que já tenho dito? que a Divina Providencia, querendo fazer o ſitio de Lisboa capaz do Imperio, naõ permitio que lhe faltaſſe nenhuma couſa para eſte fim. E aſſim mandou deter a charneca, com as ſuas eſteréis arêas, até o limite das liziras, para que ellas com a ſua fertilidade naõ ſó proveſſem a Cidade de trigo, milho, e cevada, chicharos, lentilhas, gráos, e feijões, mas de palha, que de outra parte naõ podia vir taõ abundantemente, que ſe podem nella ſuſtentar grandes exercitos de cavallaria, ſem haver huma minima falta neſte quotidiano mantimento dos cavallos; e naõ he iſto hum manifeſto indicio da muita grandeza, a que eſta Cidade pode ſubir, mas da que hoje tem. Porque nunca me parece tamanha, como no tempo em que ſe provê de palha, vendo muitos dias chegar á Ribeira mais de cem barcos de palha, e gaſtarem-ſe todos no meſmo dia em que chegaõ, ſendo de nenhuma conſideraçaõ os homens que andaõ a cavallo, em numero, a reſpeito dos que negoceaõ a pé. E aſſim he prova do grande

de povo desta Cidade haver mister a minima parte della, para sustento dos cavallos, tanta quantidade de palha; pelo que naõ só (como disse) todas estas cousas mostraõ ser Lisboa a mais abastada, e melhor provida Cidade, que tenha Europa do seu tamanho, mas a maior, e mais apta a crescer em infinita grandeza. O lugar aonde estas cousas á vida necessarias se vendem, de que Aristoteles (1) faz muito caso, está na mais commoda parte, que póde ser; porque diz elle, que deve estar em parte acommodada, para com facilidade virem a ella as cousas do mar, e da terra; e assim vemos nesta Cidade a Ribeira, que he a praça onde se vendem todas as cousas de comer, a Rua nova, e Pelourinho velho, onde se achaõ as de vestir, e fazem as almoedas, assentadas de modo, que da terra, e do mar se vem a ellas com grandissima facilidade; porque os que vem por mar; ahi desembarcaõ, e os da terra, sem subir, nem descer nenhuma ladeira por caminho chaõ, suavemente chegaõ a estas partes, e naõ falta a estes lugares a commodidade que Vitruvio (2) nelles considera; porque diz elle, que as Cidades maritimas devem ter a praça junto ao porto, e assim estaõ a Ribeira, Rua nova, e Pelourinho velho; e se forem dentro da terra, e apartadas do mar, que a praça se porá no meio dellas, para que os moradores se possaõ com igual commodidade prover della, a qual naõ

(1) Aristot. Pol. liv. 7. (2) Vitr. liv. 1. cap. 7.

naõ falta a eſtas praças de Lisboa ; porque como ella he quaſi em dobro mais comprida, que larga, ficando eſtas praças, no meio do comprimento, eſtaõ com pouca differença em igual diſtancia dos extremos. Da cal, e pedra que de fóra naõ póde vir para as fabricas neceſſarias á vida commum de todos os homens, tem eſta Cidade tanta abundancia, e taõ facil o carreto, que naõ póde ſer mais; porque a cal ſe faz nos arrebaldes em muita quantidade, e a pedra vem de pouco mais longe; e naõ ſó a que neceſſariamente ſe ha de miſter para as fabricas, com que a vida de mil incommodidades ſe repara, mas os precioſos marmores de diverſas cores, para deleite, e ornamentos dos antigos, e modernos, eſtimados grandemente. Aqui temos o jaſpeado de vermelho, e branco, a que Plinio (1) chama leucoſtito, e o manchado de diverſas cores, eſtimado em Roma por diligencia de Menandro, grande inveſtigador da magnificencia; e temos o marmore negro de vêas brancas, e huma certa eſpecie de branco, que naõ he do mais eſcuro; e ſe o quizermos mais branco, ſem fazer tanto caminho como os Romanos (que traziaõ de Egypto, Armenia, Grecia, Chypre, e das outras partes, os varios marmores de que ſe ſerviaõ, adornando os templos, e caſas) de Eſtremoz poderemos trazer o ſeu finiſſimo, e branco marmore, a que naõ

(1) Plin. liv. 36. cap. 6. e 7.

creio que nenhum exceda, e outro azul, e branco naõ menos agradavel á vista, e lustroso. Plinio (1) reprehende grandemente aos Romanos o cuidado, com que buscavaõ por todo o Mundo varios, e polidos marmores, para adornar suas fabricas; no que me dá tanta occasiaõ de o reprehender, que naõ posso deixar de o fazer. Porque he taõ preciosa cousa a vida civil, e recebemos della tantos beneficios, que em remuneraçaõ, e reconhecimento delles, devem todos os homens pôr grande estudo, naõ só em conservar, e defender as Cidades, mas em as adornar de bellissimas fabricas publicas, e privadas, para que deleitando-se os homens na belleza dellas, tenhaõ mais gosto da civil companhia, e mais cuidado de conservar o que os deleita. E diz elle, que os Romanos, para trazer marmores a Roma, rompiaõ os montes, que Deos fizera para defensa das nações, como saõ os Alpes, que defendem Italia de França, e Alemanha. Se creara Deos os bellissimos marmores só para sustentar com a sua firmeza o pezo dos altos montes, poderiamos dizer, que fora vão o estudo de os fazer taõ bellos, pois ficando sepultados nas entranhas da terra, naõ importava que fossem mais de agradavel côr, e lustroso, que escuros, e mais polidos; e assim Deos, que naõ creou nada de balde, naõ fez em vaõ a belleza delles, variando-os de tantos modos, se-

(1) Plin. liv. 36. cap. 1.

ſenaõ para que pois lhe naõ podemos fabricar na terra templos com ouro, e pedras precioſas, com que S. Agoſtinho diz que eſtá fabricada a ſua Cidade, lhos adornemos em varios modos com precioſos marmores; e aſſim o Templo, que Salamaõ edificou, pela traça que Deos lhe deu, era todo (como diz Joſepho) (1) pela parte de fóra de marmores luſtroſos. Pelo que naõ deve ſer reprovado, como parece a Plinio, o uſo dos marmores, antes com grande diligencia ſe devem buſcar para adornar com elles os templos dedicados a Deos, e ennobrecer as Cidades, para que melhor conheçaõ os homens o grande bem da vida civil, e para imitarmos o Creador, que fabricando huma Cidade para todos os homens, que he eſte Mundo, que habitamos, a fez taõ polida, e bella, como vemos, engaſtando no tecto as precioſas margaritas, ou eſtrellas, com que o Ceo de dia, e de noite, eſtá reſplandecendo, e adornando o pavimento, ou terra de taõ varias, tantas, e taõ bellas couſas, que ſó elle as poderá fazer. E tambem por eſta razaõ naõ fazemos mal, em querer (como temos dito) que o ſitio da Cidade ſeja deleitoſo, que he o que ſe ſegue, ſe (como cuido) tenho ſatisfeito á queſtaõ das couſas neceſſarias á vida.

Sold. Naõ ſó tendes ſatisfeito ao que ſe propoz, mas tanto ao que vos ouvimos, que eu

(1) Joſeph. liv. 8. cap. 3.

faço já no meu entendimento diferente conceito de Lisboa, do que até aqui tive; e porque espero, que no que falta, a mostreis com a mesma perfeiçaõ, que no mais tendes feito, desejo que se naõ pare, até ver o fim desta nossa pratica.

Fil. Dissemos, que haviamos de considerar a amenidade, e deleitosa natureza do sitio de Lisboa em geral, e em particular. Para hum sitio ser perfeitamente deleitoso, ha de ter tres cousas, ser agradavel á vista, de suave temperamento para o corpo, e ter commodidade dos exercicios deleitosos. A respeito do sitio, isto he em geral, e em particular, ha de ser apto para haver nelle particulares recreações, como saõ Jardins, e Quintas retiradas, e sumptuosos, e grandes Conventos, illustres por fabrica, alegres por natureza, e perfeitos na vida para recreaçaõ dos animos pios, e devotos. He necessario que o sitio seja alegre á vista; porque o artesano, o official de justiça, e os ministros maiores, que se naõ podem apartar da communicaçaõ da Cidade, possaõ com dar hum passeio, e por-se em algum lugar eminente, recrear o animo, aliviando o com a alegre vista, do trabalho de seus exercicios, para tornarem a elles com novo alento, em beneficio commum, como o homem que leva algum grande pezo, que descançando hum pouco, cobra forças para chegar com elle ao determinado fim. Os antigos entenderaõ bem, quaõ necessario era recrear os animos dos que go-

governaõ, e do povo: pois como ſe vê em muitos lugares de Titolivio, e Plutarco, para eſſe fim os Romanos faziaõ os ſeus eſpectaculos, a que aſſiſtia o Senado, edificando para iſſo nobiliſſimas fabricas, como ainda ſe vê nas ruinas do Coliſeu: mas quando do meſmo ſitio ſe póde alcançar eſte beneficio, tendo na viſta delle huma doce recreaçaõ do animo, muitas deſtas couſas ſe podem eſcuſar. Iſto concedeo a Divina Providencia ao ſitio de Lisboa ſobre todos os do Mundo, ſe o de Conſtantinopla, pela ſimilhança, naõ he igual a elle. Cobre Lisboa os outeiros, e valles, que já diſſemos, com as fabricas das caſas, e templos, dando com iſto grande commodidade de alegre viſta aos mais dos ſeus moradores; porque das mais das caſas eſtando edificadas nas ladeiras, e cumes dos montes, ſe vê grande parte da Cidade, e do ſeu Rio, e de outras juntamente com algumas hortas; porque eſtá de ſorte aſſentada eſta Cidade, que ſahindo della alguns braços nobremente povoados abraçaõ entre ſi ameniſſimos valles, plantatados de hortas, que todo o anno alegraõ a viſta, variando em diverſos tempos do anno, a verde hortaliça com que os praticos agricultores cobrem a ſua terra. E aſſim da maior parte das caſas ſe vê huma grande machina de unidos edificios, ou junto com iſto o mar, ou verdes hortas; e ſe eſtas viſtas ſaõ alegres, julgue-o quem as goza. E as caſas que eſtaõ chegadas ao mar, de modo que dellas ſe vem dif-

diſtinctamente as grandes, e pequenas embarcações, humas ancoradas, e outras navegando, que Coliſeu, que Circulo, e que Theatro com novos eſpectaculos, ſe lhe póde comparar? pois naõ ſó tem eſta varia viſta, mas eſtendendo-a mais ſobre as eſpacioſas agoas do rio, eſtaõ vendo da outra parte reſplandecer entre os Orizontes da manhá, e raios á tarde do Sol, as brancas caſas das Quintas, e lugares nella edificados. E naõ ſó gozaõ deſta alegre, e formoſa viſta, aquelles a quem coube por ſorte viver em caſas donde a tenhaõ, mas todos os homens, que vem a eſta Cidade, podem gozar della, indo paſſear aos outeitos de N. S. da Graça, do Carmo, do Caſtello, de S. Catharina, e das Chagas, que de todas eſtas partes ſe vem algumas das couſas referidas, e de algumas todas, e ſaõ lugares communs, a que todos livremente podem ir. E aquelles que ſe recrearem de paſſear em grandes, e eſpacioſas praças, tem a do Rocio, que ſe naõ ſabe em outra Cidade, outra tamanha, cercada de nobres caſas, e grandes templos, e o Terreiro do Paço, que tenho por maior, medindo dos Paços até os Contos, o qual, tendo pela parte de terra eſtas illuſtres, e reaes fabricas dos Paços, e Contos, tem pela do mar ordinariamente tantos Navios poſtos com as proas em terra, e outros ancorados no mar, que os maſtros, e entenas, parecem hum grande boſque de eſpeſſas arvores. Pois o paſſeio de S. Roque até deſcobrir a Boa viſta, naõ póde

de ſer couſa mais agradavel, vendo, depois que ſe ſahe dos Moinhos do vento, de huma parte o valle da Nunciada cheio de hortas, e illuſtres caſas, até Andaluzes, e da outra a Boa viſta, e todo o ſeu mar até fóra da Barra, e os do caminho de Bethelem, e de Enxobregas, para quem os quizer mais largos, que Cidade tem outros mais alegres, nem com melhores fins? acabando hum no ſumptuoſiſſimo, e Real Convento de Bethlem, digno enterro dos noſſos Reis, e outro na devota, e ſanta Caſa da Madre de Deos, e no religioſo Convento de S. Franciſco. E o paſſeio do mar naõ he inferior a nenhum dos referidos; porque olhando para a terra, ſe vê, naõ ſem admiraçaõ, a grande Cidade que ſe levanta ſobre as ladeiras, que olhaõ para aquella parte, e para o mar innumeravel quantidade de Navios, e barcas, fazendo outra grandiſſima Cidade naval. E para que tudo ſeja ſempre alegre, depois que o Sol apparece ſobre o noſſo Orizonte, até que (como fingem os Poetas) mette o ſeu carro nas agoas do Oceano, naõ deixa de eſpalhar os ſeus raios por cima de toda a Cidade, com o que a faz muito mais alegre, e deleitoſa á viſta. Do temperamento, que he (como diſſemos) huma das couſas que fazem os ſitios deleitoſos, eſtá dito já o que baſta, para ſe ver que tem Lisboa o mais ſuave do Mundo, naõ havendo nenhum tempo, em que o muito frio, ou muita calma, impidaõ gozarem-ſe as honeſtas recreações della. Diſſemos tambem, que

que o ſitio geralmente deleitoſo havia de ter commodidade para deleitoſos exercicios : eſtes a reſpeito do ſitio , ſaõ ſó dous , o da caça , e peſcarias , e o de exercitar a deſtreza dos bem doutrinados cavallos ; porque ha terras , que naõ tem caça , ou ſe a tem , he de modo , que ſe naõ póde gozar della , ou naõ he deleitoſa , e nobre ; e outras aonde com difficuldade ſe póde andar a cavallo , como Genova , e outras , que de nenhum , modo o conſentem como Veneza , ſendo huma gentil recreaçaõ da Nobreza o generoſo exercicio de adeſtrar , e exercitar os cavallos , de que Lisboa tem grande commodidade , aſſim nas praças , que diſſemos do Rocio , e do Paço , como na praia de Bethlem , e nos belliſſimos campos de Alvalade , que ſaõ outras grandiſſimas praças , eſtando cercadas de nobres Caſas , Hortas , e Jardins , e aſſim naõ falta eſta commodidade a Lisboa. Da caça , e peſcado he abundantiſſima , porque além da caça , que tem deſta parte do rio , de perdizes , lebres , coelhos , e adens , da outra parte eſtá a Charneca offerecendo larguiſſimamente todas eſtas caças ; e ſe a das lebres , naõ he nella taõ geral , por reſpeito do mato , a dos coelhos , e perdizes ſe póde exercitar em toda, e ha muitos lugares tambem fóra das coutadas; aonde naõ faltaõ veados, e porcos , e em algumas paragens della ſaõ tantas as adês , que dizem os que continuaõ eſta caça, que naõ tem lugar , pela brevidade com que os tiros ſe lhe offerecem , de carregar a Eſcopeta. Pois da peſ-

pescaria, quem naõ vê a grande commodidade que nos offerece este Rio, e o mar desta Costa, onde me dizem, que he cousa de grande recreaçaõ ir pescar com linhas nos dias de bom tempo; porque pondo as barcas em paragem, que os pescadores tem marcado pela terra, ficando sobre penedos, que estaõ no fundo do mar, he mui grande a quantidade de peixe que tomaõ, e a pressa com que picaõ, e naõ tiraõ pardelhas, ou saramugos, se naõ salmonetes, pescadas, pargos, e outros pescados similhantes.

Sold. Muito levemente passais por estas cousas, devendo-se fazer dellas mais considera çaõ; porque as nossas coutadas naõ tem nenhum Principe de Europa outras similhantes, sendo de todos os tempos Almeirim, Salvaterra, Pancas, e Belmonte de inverno, e Cintra de veraõ.

Fil. Folgo de me advertirdes cousa taõ digna de grandes gabos; mas isto pertence aos exercicios das particulares recreações, pois só servem ao entretimento dos nossos Reis, e de alguns particulares Fidalgos, e agora em seu proprio lugar, considerando (como dissemos) as particulares recreações deste sitio. E considerando por esta das coutadas, ainda que pouco experimentado neste exercicio, parece-me admiravel a commodidade que ellas para elle offerecem. Huma das cousas porque a caça mais se estima, he por ser hum exercicio bellicoso; porque nella se exercita o corpo, e

com

com o exercicio se faz robusto, e soffredor de trabalhos, e na caça se aprende a conhecer os sitios da terra; porque como já ouvi dizer a algũs caçadores, os experimentados nesta arte conhecem aonde ha de ir sahir o veado, quando se espantar, e fugir de quem lhe toma a chegada para lhe tirar, e tomando-lhe as portas, como lhe elles chamaõ, vem a cahir nas mãos de quem o mata, quando foge da morte, e do mesmo modo conhecem para onde ha de encaminhar a lebre, que as buscas levantarem, e prevenindo os postos, naõ escapa; e daqui aprendem a conhecer, quando se vem junto do exercito inimigo, o caminho que ha de levar, e os sitios de que se póde aproveitar, e como antevendo os seus desenhos o podem vencer, tirando tambem das astucias, comque a caça se mata, os estratagemas, com que os inimigos muitas vezes se vencem; e por isso diz Aristoteles (1), que a arte de caçar heparte da militar, e por esta razaõ he taõ continuada dos Principes, porque a elles só pertence, mais que a nenhum outro homem, a doutrina militar. E assim diz Aristoteles (2), que os filhos dos Reis no principio saõ criados na doutrina da cavallaria, e guerra. Pelo que naõ só a commodidade da caça he deleitosa, mas util ás Cidades, exercitando-se nella os que haõ de ser soldados, como ensaio da guerra. Esta commodidade temos nas nossas coutadas, com muito mais viva similhan-

(1) Aristot. Pol. liv. 1. (2) Aristot. Pol. liv. 3.

lhança da guerra, que em outra nenhuma, que tenhaõ os Principes de Europa; porque nellas com a lança na maõ se monteaõ os ferozes porcos montezes, caça varonil, e hum vivo retrato da guerra; porque assim como nos nossos lugares de Africa as escutas vem dar novas donde ficaõ os mouros que correm, os monteiros avisaõ donde deixáõ o porco emprazado; e assim como os grandes Capitáes, tendo pelas escutas, ou descobridores, nova certa dos inimigos, tomaõ os passos onde haõ de vir, para que accommetendo-os donde naõ cuidavaõ, os vençaõ mais depressa; o bom monteiro, reparte os cavalleiros, de modo que o porco montez lhe naõ possa fugir, naõ podendo accommetter por parte onde naõ tenha quem o fira; e assim como em se vendo os inimigos, animosamente com as armas se accommettem, em o porco sahindo da mouta, he dos monteiros accommettido, e muitas vezes naõ se acaba a batalha sem sangue de ambas as partes, convertendo-se, naõ em fingida, mas em verdadeira guerra, como Ovidio mostra que foi a do porco montêz de Calidonia, ajuntando para o matar todos os homens que elle mais celebra de heroico valor, cuja cabeça diz Homero (1), que foi causa da guerra que Thestiades fez a Meleagro; e assim nesta caça naõ se tem hum só deleite, nem huma só cousa se exercita; porque nella se goza do agradavel entretimento,

(1) Homer. Illiad.

to, que ſe tem em todas as caças, e juntamente o de exercitar os cavallos, e as armas: pelo que ſe lhe accreſcenta ao goſto de ficar com a preza, que he hum fim da caça, huma certa gloria, que moſtra ſe fez mais que caçar. E aſſim eſte ſitio de Lisboa he neſte particular da caça o mais deleitoſo que eu ſei; porque ſó neſta da montaria de cavallo ſe alcançaõ os deleites de todos os generoſos exercicios.

Sold. Novo artificio he eſte, com que nos moſtrais o mais difficultoſo da arte militar nas noſſas caças, e montarias. Se ElRei noſſo Senhor tivera agora alguma guerra de importancia, nenhum Capitaõ lhe inculcara ſenaõ a vós.

Fil. E naõ fizereis mal; porque o que de vós tenho aprendido, me fizera digno do cargo

Sold. Reſpondei embora corteſámente, e a mim deixai-me entender, que quem ſem o experimentar ſabe o que ignoraõ os experimentados, he mais digno que todos, de exercitar o que melhor que todos ſabe.

Fil. Naõ quero contender com quem ſei que me ha de vencer; e aſſim paſſarei a conſiderar as outras particulares recreações.

Sold. Ainda neſta fica bem que dizer.

Fil. E que?

Sold. Naõ diſſeſtes a formoſura de Almeirim de inverno, nem a freſcura de Cintra de veraõ, e a facilidade com que a eſtas partes ſe vai, podendo ir em bergantins pelo rio até

Al-

Almeirim, vendo as praias, e campos defte noffo rio, de huma, e outra parte taõ deleitofos á vifta, como experimentaõ os que fazem efte caminho, pois pela parte de Lisboa fe vaõ fempre vendo lugares, quintas, pomares, e vinhas, que pelas meias ladeiras, que cahem ao Tejo, eftaõ efpalhados, fazendo mais formofa vifta, da que reprefentaõ os paineis de boas paizagens, e da outra parte os eftendidos, e ferteis campos, que o Tejo rega, e os Paços, e lugar de Salvaterra, que offerecem agradavel repoufo a Sua Alteza, e aos que o acompanhaõ: e chegando a Almeirim, que que coufa ha que fe compare com os feus arneiros, onde, por mais agoa que chova, nunca ha lama, cubertos fempre de verde, e miuda herva, onde a caçade toda a forte he tanta, que fe naõ póde defejar mais. Pois que direi de Cintra aonde no mez de Agofto fe naõ fente calma, e póde Sua Alteza fahir à caça a toda hora, indo fempre entre ameniffimos bofques de caftanheiros, aveleiras, e medronheiros regados de varias fontes, e regatos de agoa clara, e fria. Naõ creio que nunca nenhum Poeta fabulofamente fingiffe em Paphos, lugar mais deleitofo que o de Cintra, aonde a frefcura dos arvoredos, a clareza das fontes, a fuavidade das frutas, a commodidade da caça, e a falubridade do ar, he mais do que fe póde imaginar. E affim me parece, que por excellencia do fitio trouxe a benigna forte a efta coutada vea los mais brancos que os arminhos, para que até

na côr dos animaes se conheça a pureza do clima, e ares deste sitio. E assim fazia-se offensa a Almeirim, e Cintra, em deixar de dizer as particulares disposições, com que a soberana natureza adornou estes dous lugares para recreaçaõ dos nossos Reis, e da Nobreza deste Reino.

Fil. Certo, que quando de arteficio deixara de tratar destas cousas, tinha feito a melhor de toda esta nossa pratica; porque vós dissestes tambem o que a mim me faltava, que deu lustre a tudo o mais; e assim disto naõ tenho mais que dizer: mas direi outras recreações, que tem Cintra, dignas de grande consideraçaõ, pois nella por santidade, e aspereza de vida, está o melhor do Mundo neste nosso tempo, e por novidade, frescura, e belleza de Conventos, nenhuma outra terra lhe faz vantagem; porque aonde ha outro Mosteiro como o dos Capuchos, mettido todo dentro de huma lapa, com todas as officinas cavadas na pedra della, cujas cellas saõ taõ pequenas, que se naõ póde entrar nellas senaõ de lado, nem estar dentro em pé, e tudo o mais, e a vida dos Religiosos delle, he correspondente a esta aspereza da habitaçaõ; e os Conventos de Nossa Senhora da Pena, e Peralonga, ainda que no Mundo ha outros maiores, tem estes algumas particularidades, em que a todos fazem vantagem: a Pena na estranheza do sitio, e formosura da vista, estando no cume de hum altissimo monte, e na ponta de huma rocha,

don-

donde vê todos os navios, que entraõ no porto de Lisboa; e na riqueza, e perfeita esculptura do retabolo, sendo todo de pedra admiravelmente lavrado; e Peralonga, na frescura das fontes, e jardins, compostos para a recreaçaõ dos nossos Reis, e alguns por sua traça: e assim neste circuito de Cintra está tudo o que para recreaçaõ se póde desejar, em tanta perfeiçaõ, que excede ao entendimento humano, naõ lhe faltando tambem particulares Quintas deleitosas, e frescas, e todo o caminho até Lisboa, que he de cinco legoas, ou se venha por Oeiras, ou por Bemfica, está povoado dellas, e de lugares, de sorte que todo he huma continua recreaçaõ; e chegando mais perto da Cidade, para onde se podem estender os olhos, que naõ sejaõ tudo jardins, quintas, e lugares, cheio tudo de bonissimas agoas, e saborosas frutas, e de nobilissimos Conventos, como he o de Bemfica, o de N. S. da Luz, aonde se vem muitos Milagres, pelos meritos da Virgem N. S. que alli appareceo; e o de Odivellas, digno de grande admiraçaõ; porque naõ creio que tenha o Mundo outro de mais Religiosas, tendo entre servidoras, e freiras mais de quatrocentas mulheres, nove frades, e muitos sevidores de fóra; do qual se contaõ algumas grandezas, muito notaveis, que deixo, por serem sabidas de todos: mas a excellencia da sua musica, naõ póde deixar de se celebrar em todo o tempo, e occasiaõ; porque em bondade de vozes, e mul-

e multidaõ de muſicas, em deſtreza da arte, e em ſuavidade de inſtrumentos naõ creio que ſe lhe iguale nenhuma Capella de nenhum grande Principe; porque tem ſetenta molheres, que todas cantaõ mui deſtramente, e as mais tem belliſſimas vozes, tangem na eſtante tres baixões, tocaõ muitas dellas tecla, arpa, violas de arco, e a violinha particularmente; e aſſim quem quizer ver hum retrato da gloria, e queira recrear-ſe com deleite deſta contemplaçaõ, indo hum dia de feſta a Odivellas, na muſica do ſeu Coro tem a maior commodidade para iſſo, que ha em nenhuma outra parte do Mundo. O meſmo ha, ainda que naõ com tanta perfeiçaõ, nos outros Moſteiros da Cidade, de freiras, e de frades, e aſſim, como tinhamos dito, naõ falta ao ſitio de Lisboa nenhuma honeſta, e deleitoſa recreaçaõ, aſſim para todos os moradores della, como para os particulares: mas para ſe poder gozar dellas, he neceſſario (como diſſemos) que o ſitio da Cidade ſeja ſeguro, para que com animo quieto ſe poſſuaõ as recreações, e mais bens, que eſte ſitio nos offerece, que he a ultima couſa, deſta noſſa pratica: mas como conhecer a ſegurança, e defenſa dos ſitios, pertence mais aos praticos, e expertos Capitães, que aos curioſos eſtudantes, he razaõ que vós nos moſtreis ſe he forte, e ſeguro o de Lisboa.

Sold. Muito bem dizeis, ſe naõ tiveramos já viſto que ſabeis mais da arte militar com voſſo eſtudo, que nós com a experiencia, pe-

lo

lo que vos naõ haveis de escusar de considerar esta parte, como as mais.

Fil. Naó vedes que he cousa de zombaria, ver Hercules em habito de donzella, e Omphale com a maça, e pelle de leaõ; o mesmo será ouvir fallar hum Filosofo, que só trata dos livros na arte militar, escutando-o vós, que podereis, como Annibal fez de Formiaõ, zombar do que eu disser.

Sold. Nem com tudo isso vos haveis de escusar.

Polit. Se o meu rogo val alguma cousa, quanto posso com elle, só nisto o quizera empregar, para que sem mais escusas, nos fizereis a mercê que vos pedimos.

Fil. Isto já he força, a que naõ posso resistir: mas valha-me, para que me naõ accusem de furto por entrar na jurisdiçaõ alhẽa.

Polit. Fazei o que vos pedimos, que de todos os perigos vos asseguramos.

Fil. Grande cousa he esta a que me obrigais; mas já que me naõ valem justas escusas, ao menos ajude-me o Soldado.

Sold. Isso farei de muito boa vontade.

Fil. O que agora havemos de considerar, he a segurança que tem o sitio de Lisboa, para poderem nella os seus moradores, livres de todo o temor, viver sem cuidado que os perturbe, occupando-se quietamente cada hum no seu particular exercicio, em proprio proveito, e commum beneficio, gozando das deleitosas recreações desta Cidade, e dos mais bens que em si tem.

Sold. Isso he o que falta.

Fil. A mim me convem fazer como o cego, que apalpando com o bordaõ, busca o caminho, e ainda que o acerte, naõ o acomette, sem que primeiro lhe digaõ que por alli he: e assim nesta consideraçaõ, naõ farei mais, que apalpar com o fraco bordaõ do meu estudo os caminhos por onde poderei chegar com ella, ao fim que se pertende: mas naõ cometterei nenhum, sem primeiro mos approvardes; pois nesta parte eu sou cego, e vós tendes dobrada vista dos que vêm.

Sold. Este he maravilhoso artificio para dizer tudo á conta de outrem.

Fil. Se fora artificio, naõ dizieis mal, porque delle se diz que usava Socrates, como se vê nos livros que Xenofonte escreveo (1), dos seus ditos, e nas palavas com que Trasimacho o reprehende, dizendo: Esta he a sapiencia de Socrates, naõ querer nunca ensinar, mas aprender dos outros; e antes disto, respondendo a Glaucon, diz: Assim julgo que Socrates faça, segundo a sua usança, que naõ responda, mas que tome as palavras do que responde, e o reprehenda, e assim, naõ como diz arriba, aprendia, mas parecendo que aprendia ensinava, e isto nelle era artificio, mas em mim he necessidade; pelo que a mim me convem fazer como o grumete, que da gávea do Navio descobre a terra, e a vós como o Pi-

(1) Xenof. Plat. Rep. liv. 1.

Piloto que a conhece, e leva a Náo ao porto.

Sold. Já que assim quereis, começai a descobrir terra, que eu naõ faltarei no que me tocar.

Fil. Naõ serà bom considerar primeiro, como se entende esta segurança que buscamos geralmente, e logo ver em particular, se a tem o sitio de Lisboa?

Sold. Assim me parece que serà bom.

Fil. De que modo estaõ seguros os moradores das Cidades a respeito dos sitios? Será por naõ poderem ser de repente acometidas? ou será quando se possaõ acometter, antes que saiba, para se prevenirem, por ser o sitio forte por natureza, ou por arte, de modo que defenda ganharem-se?

Sold. De hum, e de outro modo póde ser o sitio seguro, porque se a Cidade está em sitio, onde naõ póde ser de repente acomettida, tem tempo para prevenir a defensa, e com esta confiança de naõ poderem ser de repente acomettidos, vivem com segurança os moradores da Cidade que tal fôr, e do mesmo modo os que habitarem aquella que pela fortaleza natural do sitio, ou pela fabrica da fortificaçaõ, se naõ possa ganhar, como virá a ser a nossa Cidade de Goa, depois que se acabar de fortificar, sendo por natureza muito forte, estando toda cercada do mar, e braços, que delle sahem, que a dividem da terra do Idalcaõ, fazendo-a Ilha.

Fil. Deste modo, como dizeis, tres cousas

que fazem huma Cidade ſegura, ſaõ eſtar em ſitio, onde naõ poſſa ſer de repente acomettida, ou forte por natureza, ou por arte?

Sold Aſſim digo.

Fil. E ha mais alguma couſa depois deſtas, que faça hum ſitio inexpugnavel?

Sold. De muitas outras ſe tem neceſſidade para aſſegurar perfeitamente dos inimigos.

Fil. Naõ pergunto, ſenaõ a reſpeito do ſitio ha outra couſa depois das referidas, que faça as Cidades ſeguras de poderem ſer ganhadas? porque me parece que huma grande fortaleza ſua he naõ lhe poderem tirar o ſoccorro; porque ſegundo lí nos Commentarios de Ceſar (1), e em Plutarco (2), ſe Ceſar com os muros que fez, tendo cercada Aleſica, lhe naõ tirara o ſoccorro, impoſſivel fora ganhar aquella grande Cidade.

Sold. Muito bem dizeis: mas para ſe poderem aproveitar deſta commodidade, he neceſſario preceder a defenſaõ do ſitio; porque naõ ſendo o ſitio capaz por natureza, ou por fortificaçaõ, para ſuſtentar hum cerco, naõ ſe poderá aproveitar da commodidade de lhe naõ poderem tirar o ſoccorro: mas a Cidade, que eſtando bem fortificada, e lhe naõ faltar o ſoccorro, ſerá inexpugnavel.

Fil. Oh que maravilhoſamente dizeis! Por iſſo diſſe Agides (3) (vendo de Recelea entrar no

---

(1) Commen. de Ceſ. (2) Plutarc. vid. illuſtres. (3) Xenof. liv. 1. dos feitos dos Gregos.

no porto de Athenas muitos navios carregados de trigo) que naõ tinha feito nada , ainda que tanto tempo impedira aos Athenienſes cultivar os campos , ſe lhe naõ tirava poderem ter pelo mar ſoccorro de trigo ; e aſſim temos , que tres couſas fazem ſeguras as Cidades , que ſaõ , naõ poder ſer acometidas de improviſo , ſer fortes por natureza , ou por arte , e depois deſtas couſas as faz inexpugnaveis , naõ lhe poderem tirar o ſoccorro.

Sold. Aſſim he.

Fil. Deſte modo a Cidade , que tiver todas eſtas couſas, poderemos affirmar que he perfeitamente ſegura , e que os ſeus moradores viviráõ nella com grande quietaçaõ , e repouſo , gozando de todas as ſuas commodidades ?

Sold. Naõ ſe póde negar iſſo : mas qual he a Cidade que tenha todas eſtas couſas ?

Fil. Que as tenha todas em acto , naõ ſei nenhuma , mas que tenha humas em acto , e outras em potencia , ſim , que he Lisboa.

Sold. As que eſtaõ em potencia , tanto montaõ , como naõ ſerem.

Fil. Naõ o entendo aſſim ; porque. ainda que he vá a potencia , que ſe naõ reduz a acto , naõ direi que eſte privou abſolutamente de alguma couſa quem a tiver em potencia de poder ſer , porque o que fechar os olhos , ainda que naõ vê , nem por iſſo tendo a potencia de poder ver , eſtá privado da viſta abſolutamente, pois em abrindo os olhos verá; iſto naõ direi do que por defeito dos olhos naõ vir , porque ain-

ainda que elles naõ ſaõ a potencia da viſta; ſaõ inſtrumento, ſem o qual ella naõ póde obrar. E aſſim aquellas Cidades, que eſtiverem em potencia de poder ter todas eſtas couſas, naõ direi abſolutamente que lhe faltaõ, como áquellas que tem algum impedimento para naõ poder ſer. E (como diz Ariſtoteles) (1) de todas as couſas que eſtaõ em nós por natureza, temos primeiro as potencias que os actos. E aſſim o ſitio de Lisboa, que tem por natureza poder ter todas eſtas couſas, de neceſſidade as havia de ter primeiro em potencia, que em acto. E ſe até agora naõ paſſaraõ da potencia, he porque como o que tém os olhos fechados, naõ vê, mas ſe os abrir verá, e todas eſtas couſas ſe poráõ em acto.

Sold. Bem eſtá o que dizeis: mas como teremos nós todas eſtas couſas em Lisboa?

Fil. Iſſo me haveis vós de moſtrar.

Sold. Se naõ deſcubris mais algum ſignal de terra, naõ poderei acertar com o porto.

Fil. Conſideremos cada couſa deſtas por ſi, e póde ſer, que deſte modo achemos o que buſcamos.

Sold. Façamos aſſim.

Fil. Conſideremos primeiro, como ſaõ as terras, que naõ podem ſer de repente acomettidas, e logo quaes ſaõ os ſitios fortes por natureza, ou por arte, e de que modo ſe tem o ſoccorro ſeguro, por razaõ do ſitio.

Sold.

(1) Ariſtot. Eth. liv. 2.

Sold. Muito bem, façamos deste modo.

Fil. Dizemos nós, que para a Cidade naõ ser de repente acomettida, que he necessario estar apartada do mar; porque estando na praia delle, he facil cousa chegar sobre ella a armada do inimigo, antes que se saiba.

Sold. Cousa he essa, que cada dia acontece nos lugares maritimos, e essa he huma das guerras, que fazemos na India, acometter as terras maritimas, estando os naturaes descuidados. E assim naõ está segura a terra, que por mar facilmente poder ser acomettida, salvo se estiver tambem fortificada, e tiver taõ boa guarda, que se naõ possa ganhar.

Fil. Será tambem necessario para a Cidade estar segura de ser de improviso acomettida, haver, antes de chegar a ella, passos difficeis; como Arezzo (1) onde Annibal se houvera de perder querendo ir a ella, pelos campos que rega o Arno, sendo apaûlados, e cubertos de agoa, e lama?

Sold. Sem duvida que he grande segurança das terras, naõ poder chegar a ellas, sem primeiro passar por lugares perigosos o exercito, que as quizer ganhar, porque sendo com pouca gente defendidos, fica o mais guardado.

Fil. Temos logo deste modo, que as terras apartadas do mar naõ podem ser de improviso por elle acomettidas, nem as que tem, antes de se chegar a ellas, alguns passos difficultosos?

Sold. Assim he.

Fil.

(1) Tito Liv. Decad. 3. liv. 2.

Fil. Logo ſe Lisboa tiver iſſo, por eſta razaõ ſerá ſegura, naõ podendo ſer de repente acomettida?

Sold. Naõ tem duvida eſta concluſaõ, e parece-me que naõ faltaõ eſtas partes a Lisboa. Porque della á foz do rio ha tres legoas, e voltando ſobre o ſeu territorio, quaſi tudo he coſta, tendo muito poucos, e ruins deſembarcadouros, e faceis de defender, ſendo o que lhe fica mais perto, o de Caſcaes, que eſtá cinco legoas deſta Cidade, o qual teremos com pouco cuſto ſempre defendido; e querendo o inimigo deſembarcar em Peniche, quando a noſſa pouca, e negligente guarda o deixar fazer, com pouco riſco ſe poderá deter muito tempo, ou (por ventura) desbaratar, pela aſpereza do caminho, e pelo difficultoſo paſſo da Cabeça de Montaxique. Pois entrar pela Barra dentro he impoſſivel, porque a entrada por reſpeito dos Cachopos, e Torre de S. Giaõ, naõ he muito facil, e a ſahida he muito difficultoſa, porque ſó com certos ventos ſe póde ſahir; e nenhum Capitaõ ſerá taõ imprudente que ſe meta com a Armada, onde naõ tenha ſegura a retirada, quando lhe naõ ſucceda o ſeu intento como deſenhava. E por terra naõ tem menos ſegurança, porque por Alemtejo he impoſſivel vir a ella nenhum exercito, ſe ſe quizer impedir, ou ſouber; porque ſahindo das terras cultivadas, ſe dá na Charneca, que tem pelo mais breve caminho, onze legoas, aonde ſó com o fogo que nella

ſe

ſe pegue, ſe póde romper facilmente qualquer exercito; e quando iſto ſe naõ faça, e o inimigo chegar ao rio, nem paſſallo, nem caminhar ao longo delle lhe ſerá poſſivel, porque em nenhum lugar ſe póde vadear, e toda a terra da outra parte he cortada de outros infinitos rios, e chêa de paûes, e abertas, e outros cem mil impedimentos, que de nenhum modo conſente caminhar-ſe por ella com exercito. E vindo pela Beira, haõ de vir dar em Sacavem, onde ha o ſeu rio taõ fundo como o de Lisboa, ainda que naõ taõ largo, mas baſtante para ſe naõ poder paſſar: ou virá por Villalonga, que he o paſſo mais livre, mas naõ tanto, que poſſaõ chegar a eſta Cidade os inimigos ſem muito grande perigo ſeu, ſe nós defendermos o Paço do Lumiar, e os mais daquelles montes, que correndo para N. S. da Luz, e Sacavem fazem, por beneficio da natureza, hum muro fortiſſimo a eſta Cidade: e aſſim me parece, que tendes muita razaõ, em dizer que eſta Cidade ſe naõ póde accommeter de improviſo.

Fil. Será logo, ſegundo eſta conſideraçaõ, muito forte o ſitio de Lisboa, pois naõ póde ſer accommettida repentinamente, nem pelo mar, nem pela terra, e aſſim eſtá aſſentada como quer Ariſtoteles (1) eſteja a bem edificada Cidade; porque diz elle, que o territorio onde ſe edificar, ſeja tal, que naõ poſſa facilmente

(1) Ariſtot. Pol. liv. 7.

te ser acommettido dos inimigos, e aos seus cidadãos seja facil ir aos lugares alheios, pois estando Lisboa (como dizeis) segura de ser facilmente accommettida, della para todas as partes se póde ir com muita facilidade; porque as cousas que saõ impedimento para os inimigos, ficaõ faceis aos seus moradores, sendo ella senhora de todas. Consideremos agora quaes saõ os sitios fortes por natureza, e arte, de modo que ainda que os inimigos se cheguem a elles, naõ possaõ ganhar as Cidades que nelles estiverem. Jeronymo Cataneo Galasso, Carlo Teti, Jeronymo Magi, e os mais dos modernos, tem nisto varias opiniões, querendo huns que as Fortalezas, e Cidades, postas nos montes, sejaõ mais fortes; e Galasso contra estes, quer que se edifiquem em terra plana: outros approvaõ as Cidades postas dentro de lagos, como Orbitello na Toscana, ou junto ao mar, ou a algum rio, e nestas duas cousas geralmente se acordaõ todos; porque ficando defendidas com o mar, ou rio, da parte donde as cercaõ, podem por elles ser mais facilmente soccorridas, sendo o rio navegavel; mas a vossa opiniaõ nos tirará toda a duvida.

Sold. Difficultosa cousa he resolver brevemente tantas duvidas, como nesta questaõ se offerecem; nem eu cuidei que de huma particular, e domestica pratica, levantasseis tantas questões.

Fil. Nem a mim mo pareceo: mas aconteceo-me, como o que seguindo huma vêa de

me-

metal, que depois que penetra a terra, acha outras muitas, que lhe he forçado seguir pela cobiça do ganho; porque cuidando fazer só huma direita consideração da segurança do sitio de Lisboa, depois que penetramos nella mais, descobriraõ-se outras que me obrigaõ a desejar a resoluçaõ dellas, a qual peço que nos deis

Sold. Trabalharei por dizer em poucas palavras muitas cousas, se tanto me for concedido. Os sitios postos em plano naõ saõ fortes, mais que por arte, salvo quando estiverem em terra que se possa alagar, como saõ muitas de Frandes; porque as Cidades, que estaõ postas em plano, tem só a commodidade de se lhe poder fazer huma perfeita fortificaçaõ, e muitas vezes a arte em algumas cousas vence a natureza; e assim acontece serem estas fortificaçóes muito seguras, e quasi a respeito da fabrica, inexpugnaveis. Isto falta ás fortalezas postas nos montes, naõ concedendo a natureza delles lugar commodo para huma perfeita fortificaçaõ. Saõ menos aptos a ter soccorro, e póde facilmente ser impedido, tendo de necessidade caminhos certos, por onde se levaõ as cousas, e se sobe ao alto onde está a fortificaçaõ, sendo ordinariamente impossivel ir por outra parte. Saõ sujeitos á falta de agoa, e se naõ he o monte de rocha, facilmente por minas se ganhaõ. As Cidades postas em lagos (como dizeis que he Orbitello) saõ pouco sás, e se o lago naõ he muito grande, e navegavel,

vel, de modo que lhe naõ possaõ os inimigos vedar a navegaçaõ delle, do mesmo lago ficaõ sitiadas. Mas as terras assentadas junto ao mar, ou rio navegavel, tendo seguro, e capaz porto, se pela parte de terra forem fortes, saõ muito mais seguras, tendo mais commodidade para ser soccorridas: e se puderem ter pela parte de terra algum profundo fosso, por onde entre agoa do mar, ou rio, fazendo ilha, será muito mais forte.

Fil. Duas Cidades gabaõ os antigos, e modernos escritores de fortes sitios, por arte, e natureza, que tiveraõ, e tem algumas cousas destas, mas naõ todas, as quaes saõ, Agrigento, e Constantinopla. Da primeira diz Polibio (1), que era muito mais excellente que outras muitas Cidades, a respeito da sua fortaleza; porque os seus muros estavaõ fabricados por arte, e natureza, sobre huma alta rocha, e cercados de dous rios: mas estava apartada do mar, pelo que naõ podia ser soccorrida, e assim lhe servio pouco toda a sua fortaleza, porque cercando-a os Carthaginenses (como diz Diodoro) (2) como se naõ podia prover de bastimentos, chegou a tanta necessidade, que huma noite a desampararaõ os seus naturaes, deixando-a livre aos inimigos, com as muitas riquezas que nella havia, em que excessivamente se avantajava de outras muitas Cidades. Constantinopla está (como já dissemos)

(1) Poli. liv. 9. (2) Diodor. liv. 13.

mos) em huma peninſula do Propontide, aonde ajuntando-ſe a terra de Aſia, e de Europa, fazem eſtreito canal, por onde ſe entra ao Ponto Euxino, ou mar Maior, e ſendo ella de forma triangular, tem os dous lados cercados do mar do Propontide, e de hum braço que ſahindo delle a divide de Pera por eſpaço de huma milha, e pelo outro lado he fortificada com hum muro, que chega de mar a mar. He eſte ſitio (como diz Herodiano) (1) fortiſſimo, e aſſim diz elle, que quando Severo paſſou com o exercito contra Nigro, pela fortaleza delle, naõ quiz accommetter Conſtantinopla, paſſando com o exercito a Cirico: e quando (depois de ter desbaratados os exercitos de Nigro, e reduzido á ſua obediencia as terras que o ſeguiaõ) lhe poz cerco, diz Dionyſio (2) que durou tres annos, tendo eſta Cidade ſobre ſi os exercitos de todo o Mundo, podendo-ſe ſuſtentar tanto tempo; porque eſtando na boca daquelles dous mares, Propontide, e Ponto, naõ lhe podiaõ impedir que os Navios que entravaõ, e ſahiaõ, a naõ ſoccorreſſem de baſtimentos, e pagaſſem direitos das fazendas; porque além de eſtar no mais eſtreito deſte canal, as correntes daquelles mares ſaõ de modo, que naõ póde nenhum Navio navegar de hum para outro (como diz Eſtrabo) (1) ſem tocar nella: mas ainda, conforme

(1) Herodia. liv. 3. (2) Dion. liv. 74. (3) Eſtrab. liv. 7.

me ao que dizeis, lhe falta para ser perfeitamente forte, estar cercada, ou poder-se cercar, pela parte de terra, de hum largo fosso, por onde entre a agoa do mar, que pelos outros lados a cerca, pela grandeza do monte que lhe fica nas costas, se impossibilita poderse fazer. Pelo que o sitio, que tiver, ou poder ter todas estas commodidades, muito mais seguro será, que o destas duas Cidades, e pelo conseguinte se poderá affirmar, que he o mais seguro, e forte do Mundo.

Sold. Muito bem dizeis: mas qual será este sitio?

Fil. O de Lisboa.

Sold. Se vo-lo naõ ouvira a vós, materia me dava isto de riso.

Fil. Naõ considerarieis nunca com attençaõ estas cousas no sitio de Lisboa, e por *isso* vos parece impossivel tellas: mas vamo-las nós agora miudamente considerando, e póde ser, que vos naõ pareça taõ grande desproposito.

Sold. Muito estimarei achar estas cousas em Lisboa.

Fil. Naõ compararemos este nosso rio ao Ponto Euxino, Bosphoro, e Propontide, e o mar desta costa ao Egeo?

Sold. De que modo?

Fil. Do mar Egeo, a que hoje chamaõ Archipelago, se entra no Propontide, e delle no mar Maior, estreitando-se no Bosphoro, aonde está Constantinopla. Do mesmo modo, do golfo que fica entre o cabo de Finis terræ, e o

da

de S. Vicente, que comparo ao Archipelago, se entra pelo estreito canal de S. Giaõ neste rio, que he até Almada, como o Propontide, aonde estreitando-se mais, faz entre ella, e esta Cidade outro Bosphoro, do qual se começa a estender o rio em hum grande seio similhante ao mar Maior; e posto que naõ continûa na mesma largura, navega-se trinta legoas, dando grandissima commodidade a esta Cidade, para se lhe naõ poder tirar o soccorro, que de fóra, e do mesmo Reino lhe póde vir: e estando toda ao longo do rio, como Constantinopla do seu mar, he por esta parte delle defendida; porque a sua grandeza naõ consente que se lhe abra outro caminho, deixando o seu leito enxuto livre passo ao inimigo, como diz Herodoto (1), que fez Cyro, que divertindo o Euphrates do antigo curso, ganhou Babilonia, por onde costumava correr; nem he necessario fazer nova fabrica para defender deste damno, como diz Josepho (2), que fez o filho de Nabuchodonosor, quando começou a reinar; nem menos se póde deter a sua corrente, para que represando-se, arruine (3) as fabricas da Cidade, como fez Agesipolo, que naõ podendo ganhar Mantinia por assalto, nem por fome, deteve a corrente do rio, que por ella passava, de modo que tornando para traz alagou a Cidade, e derribando hum pedaço de mu-

(1) Herod. lib. 1. (2) Joseph. liv. 10. cap. 13. (3) Xenof. liv. 5. dos feitos dos Gregos.

muro, pela ruina delle a ganhou: e assim Lisboa, naõ só pelo rio tem certo o soccorro, mas he delle segurissimamente defendida: e deste modo, as mesmas commodidades que Constantinopla tem dos seus mares, daõ a Lisboa este rio, e o mar da sua enseada.

Sold. Isto concedo; mas pela parte da terra como se póde fortificar na forma que quereis, cercando a de hum fosso que de huma, e outra parte entre no rio?

Fil. Se nós formos negligentes, e perguiçosos, nunca isto poderá ser: mas se nós quizermos estabelecer huma perpetua firmeza á posteridade desta Cidade, ou se ElRei quizer dar huma grandissima reputaçaõ ao seu Imperio, sem duvida que facilissimamente se póde fazer.

Sold. Folgarei de saber de que modo fazeis isso.

Fil. Em todas as cousas que na vida obramos, he necessario pôr trabalho, estudo, e diligencia; porque se nós com estas cousas naõ alcançamos as que pertendemos, ellas por si naõ vem a quem as dezeja, ou as ha mister; e por isso dizia Epicarmo (1) que com o trabalho vende Deos todas as cousas. E assim se os homens quizerem estar toda a vida ociosos, parecendo-lhe que nisso tem huma grande felicidade, viráõ necessariamente a hum infelicissimo estado; porque ou perderáõ as cousas necessarias para o natural sustento, porque (como

(1) Xenof. liv. 2. dos feit. dos Gregos.

mo dizia Socrates) quem quer que a terra lhe dê trigo, he neceſſario que a cultive, ou com a perguiça debilitaráõ as forças, e perderáõ a ſaude, e viráõ a viver miſeravelmente cheios de dores, e doenças; e por iſſo diz Bion, que o homem que tinha maior trabalho, era aquelle que todos os dias queria eſtar felice, e com repouſo: E aſſim Ariſtoteles (1) na acçaõ poem a felicidade; pelo que aonde ſe naõ obrar, naõ poderá haver couſa felice. Se nós quizermos que toda eſta Cidade ſeja felice gozando em ſeguro repouſo ſuas deleitoſas recreações, he neceſſario chegar a eſſe eſtado pela virtude das noſſas obras, e pelo trabalho, e diligencia que nellas pozermos. E ſe nós, e El-Rei iſto conſiderarmos, nem a nós parecerá trabalhoſo, nem a elle difficil ajudar a maravilhoſa natureza deſte ſitio com o eſtudo, e diligencia da arte. Verdadeiramente eu naõ ſaberei dizer como haõ de ſer os baluartes, travézes, bombardeiras, e caſas matas, nem ſe as cortinas haõ de ſer direitas, circulares, ou com angulo no meio, porque naõ he eſta a minha profiſſaõ: mas tenho o entendimento cheio de hum conceito da fortificaçaõ de Lisboa, que todo mo occupa, parecendo-me couſa digna de hum grande, e poderoſo Rei, e de hum generoſo, e alto eſpirito. Nós temos o rio de Sacavem, que deſembocando no Tejo, faz huma profundiſſima foz, na qual entraõ os maiores Navios

N deſ-

(1) Ariſtot. Eth. liv. 1,

deſte porto, e ficando quaſi ao Norte da Cidade, volta contra o Noroeſte, navegando-ſe até a Mealhada, e da ſua ribeira ſe levantaõ huns montes aſperos, ainda que pela cultivaçaõ deleitoſos, os quaes ſe vaõ eſtendendo com huma larga volta contra o Poente, levando ſempre ao pé hum fundo valle, aberto por muitas partes, com regatos que por elle correm: deſte modo vaõ fazendo hum muro a eſta Cidade até onde o rio de Alcantara, continuando a meſma volta por hum aſpero valle, chega a ſe metter no Tejo, ao Poente da Cidade, deixando-a cercada com hum grande eſpaço do ſeu territorio eſte rio, o de Sacavem, e o valle que eſtá entre elles. Se abrirmos eſte valle, donde a maré do rio de Sacavem chega até o de Alcantara, e affundarmos eſte de modo, que poſſa a maré entrar por elle, naõ vos parece que fariamos a mais ſegura fortificaçaõ, que póde ſer, recolhendo dentro della, naõ ſó a Cidade, mas muitos lugares, e fertiliſſimo terreno, cheio de quintas, jardins, hortas, e deleitoſas recreações?

Sol. Maravilhoſa couſa he eſta que dizeis, e com razaõ a eſtimareis tanto: mas parece impoſſivel poder-ſe fazer, ou taõ cuſtoſo ajuntar eſtes dous rios, que tambem por eſta razaõ ſe naõ poſſa, naõ digo aperfeiçoar, mas intentar eſta fabrica.

Fil. Naõ digo que naõ ſeja trabalhoſa, e de muita deſpeza: mas todas as obras ſe fazem com trabalho, e gaſto correſpondente a ellas, e ſe

e ſe conſiderarmos o beneficio deſta, parecer-nos-ha o trabalho, e gaſto muito pouco, pois ficamos aſſim, naõ ſó fazendo eſta Cidade fortiſſima, mas por razaõ deſta fortificaçaõ ſe povoará muito mais, de ſorte que em pouco tempo virá a ſer Cidade todo eſte circuito, com o que ficará ſendo a mais poderoſa do Mundo; porque todos os Imperios tiveraõ o ſeu poder ſó em huma Cidade, os Aſsyrios em Babylonia, os Perſas em Suſa, os Romanos em Roma: e aſſim em quanto os Romanos conſervaraõ Roma, ainda que na guerra de Annibal perderaõ a maior parte de Italia, naõ perderaõ o Imperio; e como a deſampararaõ, logo ſe perdeo o dos Conſules, mudando-ſe ao dos Ceſares. E aſſim, creſcendo por cauſa deſta fortificaçaõ, como imagino, ſó ella fará a ElRei o mais poderoſo Principe do Mundo, creſcendo as rendas della exceſſivamente, e mandando della armadas, e exercitos, a todas as partes do Mundo, com o que lhe ficará taõ recompenſada a deſpeza que fizer, que naõ ſeja de nenhuma conſideraçaõ a reſpeito do proveito. Pois naõ he taõ difficultoſo de fazer, como vos parece; porque do rio de Sacavem até o de Alcantara, ſerá legoa e meia, ſempre pelo valle que diſſe, e quaſi todo tem regatos, que correm huns para o rio de Sacavem, e outros para o de Alcantara, e todo o valle he ſem pedra, de ſorte que ſe cavará facilmente; e do fim do valle, até onde o rio de Alcantara entra no Tejo, naõ ha que fazer, mais que alargar

leito deste rio, e affundallo onde for necessario, ainda que por ter pedras, e piçarras será mais trabalhoso. E considerando as fabricas, que alguns Principes fizeraõ, esta fica em sua comparaçaõ muito pequena. Busiris Rei do Egypto (1) edificou a Cidade de Thebas, fazendo os seus muros de cento e quarenta estadios de circuito, que saõ quatro legoas. E depois delle, Vehoreo edificou Memphis, com hum muro de cento e cincoenta estadios, que fazem cinco legoas. E tendo de huma parte o Nilo, para que a inundaçaõ delle naõ fizesse damno á Cidade, fez além do muro grandissimos vallos, como era necessario para deter a enchente do rio, que he taõ grande, que (segundo Herodoto) (2) cresceo no tempo em que reinava no Egypto Pheron, dezoito cubitos, que se eraõ grandes, tinha cada hum nove pés, se pequenos, hum e meio (segundo Vitruvio) (3), e se communs, quatro; e assim pela primeira conta, cresceo o Nilo, segundo Herodoto, cento e sessenta e dous pés, pela segunda vinte e sete, e pela terceira trinta e seis; e devendo-se fazer os vallos a respeito do que o Nilo cresce, de qualquer destes modos que se faça a conta, era huma grandissima fabrica, e muito maior a que fez para assegurar a Cidade dos inimigos pela parte de terra, cavando em torno della hum grande, e profundo lago, que a cer-

(1) Diodor. Sicul. 1. part. do 2. liv. cap. 1. (2) Herod. 2. Mu. (3) Vitr. liv. 3.

a cercava toda por aquella parte. Semiramis fez os muros de Babilonia (que já dissemos, que tinhaõ de circuito doze legoas) taõ largos, que por cima delles podiaõ andar seis carros emparelhados, e de alto, (segundo refere Diodoro (1), que affirmaraõ os que passaraõ com Alexandre) tinhaõ trezentos e sessenta e seis pés, e toda esta fabrica se acabou em hum anno; e Artaxerxes (2) para se defender de Cyro seu irmaõ, cortou o campo por onde havia de marchar com o exercito, para chegar a Susa, com hum fosso de cincoenta pés de largo, e outros tantos de alto, e cintoenta milhas de comprido: e por muito maiores que todas estas fabricas, tenho as Naumachias (3), que usavaõ os Romanos: pois só para festa, e passatempo, cavavaõ a terra, abrindo nella hum grandissimo, e profundo espaço, no qual mettendo a agoa do Tibre, ou do mar, se fazia hum capacissimo lago, aonde com Galés, e outras embarcações, representavaõ batalhas navaes: e no Reino de Napoles só para commodidade dos que caminhaõ, se abrem os montes, mettendo as estradas pelas entranhas delles; porque sendo deste modo o caminho chaõ, com menos trabalho se passe: e a Cidade de Taranto, que está entre dous mares, tem de hum a outro hum largo fosso, por onde navegaõ Galés, feito para segurança, e com-

(1) Diodor. liv. 2. cap. 4. (2) Plutar. vid. Illustres. (3) Cornel. Tacito liv. 2.

commodidade daquella Cidade : e Lombardia naõ he toda cortada por muitas partes de rios navegaveis , feitos á maõ, só para commodidade do commercio ? Veja-se agora a fortificaçaõ de Lisboa , comparada com estas fabricas , se se póde temer que naõ chegue a perfeito fim , quando se intentar ?

Sold. Muito bem dizeis : mas isso naõ tira ser esta huma fabrica de grande despeza.

Fil. Naõ nego isso , mas he maior o proveito que resultará della , sem nenhuma comparaçaõ , que o gasto. E se os Póvos procuraraõ mais neste tempo o commum proveito , que os particulares deleites , naõ se achara nenhuma difficuldade em huma obra , de que a todos vinha infinita utilidade , porque com ella se ficaria estabelecendo hum firmissimo Imperio aos descendentes de Sua Alteza , e nós viviriamos com grandissimas commodidades , e muita segurança.

Sold. Naõ ponho duvida nos beneficios que desta fortificaçaõ se receberáõ : e se eu fora o que a houvera de pôr em effeito , naõ ma difficultara nenhum gasto , nem trabalho ; porque sem duvida esta fora a mais celebre cousa, que em nossos tempos se fizera , ficando esta Cidade verdadeiramente , pela disposiçaõ do sitio, mais apta que outra alguma , a ser cabeça do maior Imperio , que nunca teve o Mundo , pois , como está dito , nenhuma tem , nem teve tanta commodidade de poder mandar a todas as partes do Mundo as suas Amadas , e Exercitos ,

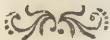
tos, nem igual commercio, e porto, nem taõ bom clima, e temperamento, por cuja causa he de saníssimos ares; nem houve outra mais provida das cousas á vida necessarias, nem a póde haver de melhores recreações, e mais segura, se (como dizemos) se fortificar: mas ainda se haviaõ de accrescentar a esta fortificaçaõ algumas cousas necessarias para se aperfeiçoar de todo, que se havia de fazer hum parapeito ao longo destes rios, e fosso da parte da Cidade, com alguns baluartes, e plataformas, em convenientes distancias, para nelles estar Artelharia, que defenda chegarem os inimigos ao fosso, e rios; e ao longo de todo o parapeito hum caminho chaõ, e taõ largo, que possaõ marchar por elle ao menos dez soldados em fileira, e todo este espaço de Alcantara até Sacavem fizera navegavel para maior commodidade, e segurança.

Fil. Agora acabastes de aperfeiçoar a obra que ficou das minhas máos imperfeita: mas a mim naõ me era licito mais, como os que naõ sendo perfeitos na arte da pintura só mettem as cores, e naõ acabaõ a obra, sendo isso só dos mestres: e assim vós retocando destramente os mal concertados borróes do meu desenho, acabastes com admiravel perfeiçaõ a pintura, que eu tinha começado, do sitio desta nossa Cidade de Lisboa; pois naõ só mostrais como por natureza está disposta a ser fortissima, mas como por arte o será, ajuntando huma cousa, e outra. E aonde estas duas se ajuntaõ,

taõ com igual, e correſpondente proporçaõ, fazem huma maravilhoſa conſonancia, e huma perpetua armonia; porque ellas com a couſa onde ſe achaõ com ſimilhante uniaõ, conjunctas, fazem hum ternario aonde os eſtremos ſaõ meios, e os meios eſtremos: e como por eſta ſimilhança fazem hum ſó corpo (como diz Plataõ) (1) convem que ſeja eterno, ſegundo a ſua natureza, e a duraçaõ da ſua eſpecie; porque a unidade ternaria he por natureza eterna, como entende Plataõ, aonde diz, que o Creador, adornando o Ceo, fez huma imagem eterna, ſegundo o numero precedente de Trindade, eſtante na unidade, a qual ſe chama Tempo; e aſſim a natureza, e arte, que ſaõ ſimilhantes nos effeitos, ſendo iguaes na perfeiçaõ, fazem tambem igual, e ſimilhante a ſi a couſa em que ſe achaõ, e deſte ſimilhante ternario, e unidade trina, reſulta neceſſariamente hum ſuppoſto de eterna duraçaõ, ſegundo a ſua natureza. Pelo que ſendo a Cidade de Lisboa, por natureza de ſitio fortiſſimo, ajuntando-ſe-lhe a arte ſimilhante, fazendo de todas hum ternario, e univoco ſuppoſto, farſe-ha, ſegundo a natureza do numero, eterna, conforme a ſua eſpecie. E aſſim naõ ſó pelas ſuas naturaes diſpoſições, mas pela excellencia da ſua perpetuidade, he digna de ſer cabeça do Imperio de toda a Terra. Mas como neſte corpo ſe unirem uniformemente todas eſtas couſas, he

(1) Plat. Tim.

he necessario, para permanecer conforme a sua natureza, que todas sejaõ, e em todas as suas partes, similhantes; porque as dissimilhantes facilmente se dissolvem: e assim se a natureza, e a arte circularmente se movem com similhantes movimentos, a natureza gerando, e influindo, e a arte obrando, e entendendo, he necessario que a Cidade tambem faça outro circulo, movendo-se nelle uniformemente, á similhança dos outros a que está unido, e ficando deste modo fazendo hum corpo com proporçaõ distinctamente unida, misturando-se os movimentos, de necessidade ha de fazer hum só a todos tres similhante, e naõ sendo assim, cada huma das partes separará, e desunida esta composiçaõ, tudo se dissolverá.

IN-

INDICE
DESTES DIALOGOS
DO SITIO DE LISBOA,

No qual o numero moſtra o folio.

A

Ava-

B

C

Ca-

M

N

O

P

Pro-

Q

R

S

Sci-

V

Z

F I M.